



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE UBERLÂNDIA**

Instituto de Economia e Relações Internacionais

MARCO TULIO NICOLI SPERA

Caindo na armadilha: a Copa do Mundo como estratégia de Estado no Século XXI

Uberlândia

2018

MARCO TULIO NICOLI SPERA

Caindo na armadilha: a Copa do Mundo como estratégia de Estado no Século XXI

Monografia apresentada ao Instituto de Economia  
e Relações Internacionais da Universidade Federal  
de Uberlândia – IERI/UFU para a obtenção do  
grau de Bacharel em Relações Internacionais.  
Orientador: Filipe Almeida do Prado Mendonça

Uberlândia

2018

Em memória de meu avô Belmir

## **AGRADECIMENTOS**

Ao Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense, por me fazer vibrar, sofrer e comemorar;

À minha família, pela compreensão que, no fim das contas, trabalhar com futebol é o que eu melhor saberia fazer;

Aos meus amigos, que fizeram meus anos de universidade ser muito mais leves;

A Amabilly Bonacina fica o agradecimento especial pela incrível colaboração durante a revisão deste trabalho;

Ao professor Eduardo Filippi, da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, por colaborar com este trabalho sem a menor obrigação, ao indicar o corajoso Andrew Jennings;

Ao professor e meu orientador Filipe Almeida do Prado Mendonça, que topou a árdua tarefa de orientar o projeto de um aluno-problema;

A Andrew Jennings e Jamil Chade, a quem, apesar de nunca ter conhecido, admiro a coragem de enfrentar face a face os personagens mais sujos do futebol;

E a todos que de alguma forma ajudaram.

## **RESUMO**

Desde 2002, alguns países em quatro continentes do planeta se propuseram a abrir o talão de cheques, gastando bilhões de dólares para receber a Copa do Mundo de futebol. Somente o Brasil deve ter gasto algo entre R\$ 25,5 e R\$ 28 bilhões para ser a sede do Mundial em 2014. Neste trabalho, os pesos favoráveis e contrários serão colocados na balança: a capacidade do esporte em permitir aos governos ressignificar a identidade nacional e se inserir internacionalmente, somada a uma suposta possibilidade em utilizar o Megaevento para gerar desenvolvimento, pesam a favor da decisão de sediar a Copa do Mundo; ao passo em que a corrupção e as exigências da Fifa, somadas à falta de planejamento e transparência dos governos, tornam essa decisão onerosa para os cofres públicos e para a sociedade.

**Palavras-chave:** Copa do Mundo; futebol; governos; Fifa; identidade nacional.

## **ABSTRACT**

Since 2002, many nations from four continents have accepted the challenge to spend some billion of dollars in the purpose of hosting the World Cup of soccer. Brazil alone is estimated to have spent an amount between R\$ 25,5 billion and R\$ 28 billion to host the World Cup of 2014. In this work, both the reasons in favour and against hosting the tournament will be measured: in the one hand, the sport's capacity on allowing the governments to alter the national identity and insert themselves in the International Community, added to a supposed possibility to use this mega event with the intent of providing development, should direct the governments towards the decision of hosting the World Cup; in the other hand, the corruption and the heavy demands of Fifa, added to the lack of planning and transparency from the governments, turn this decision onerous to the public treasury and to the society.

**Keywords:** World Cup; soccer; governments; Fifa; national identity.

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AFA - *Asociación de Fútbol de Argentina*

AFC - *Asian Football Confederation*

APEX - Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos

BBC - *British Broadcasting Corporation*

BNDES - Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social

BRICS - *Brazil, Russia, India, China and South Africa*

CAF - Confederação Africana de Futebol

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

CBF - Confederação Brasileira de Futebol

CNEF - Cadastro Nacional dos Estádios de Futebol

CNN - *Cable News Network*

COI - Comitê Olímpico Internacional

COL - Comitê Organizador Local

CONCACAF - *Confederation of North, Central American and Caribbean Association Football*

CONMEBOL - *Confederación Sudamericana de Fútbol*

EBU - *European Broadcast Union*

ESPN - *Entertainment and Sports Programming Network*

EUA - Estados Unidos da América

FBI - *Federal Bureau of Investigation*

FIFA - *Fédération Internationale de Football Association*

FMI - Fundo Monetário Internacional

IMG - *International Management Group*

ISL - *International Sports and Leisure*

ISMM - *International Sports Media & Marketing Aktien Gesellschaft*

MLS - *Major League Soccer*

NASL - *North American Soccer League*

OFC - *Oceania Football Confederation*

ONU - Organização das Nações Unidas

PGR - Procuradoria-Geral da República

PIB - Produto Interno Bruto

RDC - Regime Diferenciado de Contratações Públicas

SISBRACE - Sistema Brasileiro de Classificação de Estádios

TCU - Tribunal de Contas da União

UEFA - *Union of European Football Associations*

UFA - *Universum Film Aktien Gesellschaft*

USA - *United States of America*

US Soccer - *United States Soccer*

USSF - *United States Soccer Federation*

US Team - *United States Team*

WESP - *World Economic Situation and Prospects*

## SUMÁRIO

|                                                                 |    |
|-----------------------------------------------------------------|----|
| <b>1 INTRODUÇÃO</b>                                             | 10 |
| <b>2 A PESQUISA SOBRE O FUTEBOL E A COPA DO MUNDO</b>           | 14 |
| 2.1 Os primeiros significados do futebol                        | 14 |
| 2.1.1 O futebol profissional                                    | 15 |
| 2.2 O papel do esporte nas de Relações Internacionais           | 17 |
| 2.2.1 A gestão de significados                                  | 17 |
| 2.2.2 Esporte e identidade nacional                             | 18 |
| 2.3 As Relações Internacionais na Copa do Mundo                 | 20 |
| 2.3.1 A Fifa                                                    | 20 |
| 2.3.2 O nascimento do Megaevento Copa do Mundo                  | 22 |
| 2.3.3 A Copa do Mundo e os regimes totalitários                 | 24 |
| 2.4 Quando o futebol foi suficiente                             | 29 |
| 2.4.1 A capacidade de mobilização da Copa do Mundo              | 36 |
| 2.5 A Copa do Mundo e as Relações Internacionais Contemporâneas | 38 |
| <b>3 OS INTERESSES ALHEIOS À COPA DO MUNDO</b>                  | 42 |
| 3.1 Na tela da tevê, no meio desse povo                         | 42 |
| 3.1.1 Ao vivo e em cores                                        | 43 |
| 3.1.2 A propaganda é a alma do negócio                          | 46 |
| 3.1.3 Conquistando a América                                    | 48 |
| 3.2 O estádio virou arena                                       | 52 |
| 3.2.1 Hooliganismo e Hillsborough                               | 52 |
| 3.2.2 O Relatório Taylor e a Solução Inglesa                    | 54 |
| 3.2.3 O Padrão Fifa                                             | 56 |
| 3.3 A governança do Futebol                                     | 58 |
| 3.3.1 Fifa <i>versus</i> Uefa                                   | 59 |
| 3.3.2 Clubes e contratos de televisão                           | 61 |
| 3.3.3 O Catar                                                   | 62 |
| <b>4 OS PROBLEMAS EM SEDIAR UM MUNDIAL</b>                      | 66 |
| 4.1 O planejamento é a mãe de todas as Copas                    | 67 |
| 4.1.1 A diferença entre o bom e o mau planejamento              | 69 |
| 4.1.2 Copa do Mundo e dinheiro público                          | 71 |
| 4.2 Transparência e Corrupção: a quem a Fifa presta contas?     | 75 |
| 4.2.1 O inexplicável caso ISL                                   | 76 |

|                                                       |           |
|-------------------------------------------------------|-----------|
| 4.2.2 Quanto vale um voto.....                        | 80        |
| 4.2.3 Seu ingresso, por favor.....                    | 83        |
| 4.3 A Fifa e o poder sobre os governos nacionais..... | 86        |
| 4.3.1 Quem pode parar a Fifa?.....                    | 88        |
| <b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>                    | <b>91</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>                | <b>96</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Hoje, o futebol é um fenômeno de impacto cultural e comercial indiscutível. De acordo com dados publicados pela própria Fifa, estima-se que mais de um bilhão de pessoas no mundo inteiro acompanharam ao menos um minuto da final da Copa do Mundo de 2014, disputada entre Alemanha e Argentina. No total, estima-se que mais de 3,2 bilhões de pessoas assistiram a alguma partida do torneio em algum momento. Estima-se também que juntando acordos de televisão, marketing e ingressos, a Fifa deixou o Brasil embolsando mais de US\$ 5 bilhões por causa do evento, um valor estrondoso para uma entidade que diz não ter fins lucrativos (CHADE, 2014).

Esse trabalho visa explicar as implicações que o ato de sediar uma Copa do Mundo teve sobre os países-sede no Século XXI, quando sediaram o Mundial: Coreia do Sul e Japão (2002), Alemanha (2006), África do Sul (2010), Brasil (2014), e terá em breve a Rússia (2018) e futuramente o Catar (2022). Uma vez compreendidas essas explicações, nos resta perguntar se esses países realmente obtiveram um legado satisfatório ao sediar um Mundial e considerar sobre o que pode ser feito no futuro para se atingir esse objetivo. Utilizando de uma metodologia exploratória, este trabalho segue em etapas, cada uma com seu objetivo específico: em primeiro lugar, explicar como a Copa do Mundo pode ser estudada pela academia de Relações Internacionais, para depois entender os processos que levaram o futebol a movimentar cifras bilionárias e posteriormente abordar as questões problemáticas durante a preparação dos Mundiais a partir de 2002, para finalmente tecer as considerações finais.

Para melhor analisar o estrondoso montante de dinheiro que cerca o futebol, esse trabalho utilizará dados numéricos (divulgados pela imprensa ou pelos órgãos oficiais) combinados a investigações jornalísticas (como as do inglês Andrew Jennings ou do brasileiro Jamil Chade) sobre desvio e lavagem de dinheiro utilizando o futebol como "laranja". São dados que indicam que os gastos com Copa do Mundo têm sido alarmantes.

Os dados menos românticos sobre a Copa do Mundo indicam que, de acordo com o TCU, R\$ 25,5 bilhões de reais deixaram os cofres públicos brasileiros para a realização da Copa do Mundo de 2014, entre gastos com mobilidade urbana, estádios, aeroportos e obras adjacentes aos estádios (BRANDÃO, 2014). R\$ 8 bilhões desse total foram destinados para a construção de novos estádios, como o elefante branco “Arena da Amazônia”, na cidade de Manaus, que, apesar de ser uma das maiores do país, não dispõe de nenhuma equipe nas três principais divisões do futebol brasileiro e, de acordo com publicação da BBC Brasil de 2017, dá prejuízo de R\$ 5,5 milhões ao ano; ou a Arena Pantanal, em Cuiabá, que hoje é sede de partidas do campeonato mato-grossense ou dos jogos do Cuiabá Esporte Clube na Série C, para públicos

médios que variam de quinhentas até mil testemunhas, tendo sido utilizado até como escola pública (MENDONÇA, 2017); ou até mesmo estádios como a Arena Corinthians (ou Arena Itaquerá), sede do popular Sport Club Corinthians Paulista que, apesar das boas médias de público<sup>1</sup>, tem tido dificuldade para pagar as parcelas do empréstimo contraído à Caixa Econômica Federal (CAPELO, 2017).

Apesar de alarmante, esses números serão facilmente superados em 2018: o governo russo autorizou, em outubro de 2017, um aumento de quase R\$ 2 bilhões no orçamento da Copa, que chegou ao montante de R\$ 38,25 bilhões (GLOBOESPORTE.COM, 2017b). Detalhe: no momento da escolha das onze cidades que sediarão a Copa do Mundo em 2018, quatro delas não dispunham de uma equipe na elite do futebol nacional (RFPL, s.d.), sendo que a cidade de Sochi sequer dispõe de alguma equipe de futebol profissional (HOFMAN, 2012). Após os alarmantes gastos das duas sedes anteriores, o Catar, sede de 2022, anunciou um grande corte de gastos por meio do Secretário-Geral da Copa do Mundo do Catar de 2022, Money Al-Thawadi, que afirmou o compromisso do país com a responsabilidade financeira, reduzindo o gasto previsto de US\$ 30 bilhões para algo entre US\$ 8 e 10 bilhões (GLOBOESPORTE.COM, 2017a).

Vale lembrar, para todos esses casos supracitados, que a Fifa não paga impostos ao país-sede de seus eventos (CHADE, 2015). Isso significa, simplesmente, que o gasto da Copa do Mundo é público, mas o lucro é privado. “Por que, então, os países aceitam sediar o evento?”, é o que qualquer pessoa se perguntaria diante desses fatos. E é uma boa pergunta, que pode ser respondida revisando a bibliografia na área de esportes e Relações Internacionais.

O trabalho, além desta introdução e das considerações finais, será dividido em mais três capítulos: “A pesquisa sobre Futebol e Copa do Mundo”, “Os interesses alheios à Copa do Mundo” e “Os problemas em sediar o Mundial”, que serão explicados a seguir:

O segundo capítulo (“A pesquisa sobre Futebol e Copa do Mundo”) se trata da base teórica deste trabalho. Neste capítulo, a bibliografia na área será explorada de forma a dar uma base para o desenvolvimento dos capítulos seguintes e responder à pergunta inicial que norteia este trabalho. Inicialmente, será analisado o futebol como ferramenta de análise social, tanto pela sua vinculação e capacidade de mover e motivar massas, mas também suas mazelas, como pobreza, violência, identidade, segregação e preconceito. Para tal, será importante uma revisão sobre as considerações de Wisnik (2008) os estudos de Budd (2004), Houlihan (1994b e 1997) e Lopes (1994).

---

<sup>1</sup> Média de 34.796 torcedores por jogo nos 33 jogos como mandante em 2017 (DE SOUSA; SILVA 2017)

Em seguida, será analisada a utilidade do futebol como ferramenta de ressignificação e construção de identidade nacional. Os principais autores a serem analisados são Houlihan (1994a, 1994b e 1997), Levermore e Budd (2004) e Suppo (2012), para que possamos, mediante a revisão histórica de Lisi (2007), entender como governos se utilizaram da Copa do Mundo em busca de objetivos políticos. Nesse meio tempo, um fenômeno interessante a se notar, de acordo com Lisi e Wisnik, é como o futebol, sozinho, pode ser o veículo motor de populações. Por fim, entenderemos como os governos têm se utilizado da Copa do Mundo para conseguir seus objetivos neste século. Dunning e Elias (1992), Horne e Manzenreiter (2002), Baade e Matheson (2004), Grix e Houlihan (2013), Cornelissen et al (2011), Ndlovu (2009), Pillay e Bass (2008) e Chade (2015) serão os autores que ajudam a explicar essa relação.

No terceiro capítulo entenderemos como a Copa do Mundo deixou de apenas o campeonato mundial de futebol para se transformar em um negócio que enche os cofres da Fifa e de diversas empresas que se vinculam à entidade máxima do futebol. Começaremos na exata origem dessa transformação, iniciada com a transmissão ao vivo do Mundial de 1966 para toda a Europa (CHISARI, 2006). Outros atores que ajudam a entender o crescente aumento do dinheiro envolvido no futebol são Chade (2015), Lisi (2007) e Jennings (2011). Na sequência, será abordado o importante processo de transformação que o Futebol sofreu Inglaterra, onde foi fundado, tendo seu ápice na Tragédia de Hillsborough, explicada por textos jornalísticos, e seus desdobramentos que acarretaram em um projeto de higienização social nos estádios, criando um processo de mercantilização do futebol, analisando o Relatório Taylor (1989 e 1990), e as consequências desse processo para o torcedor em King (1997), assim como as normas técnicas para estádios que foi conhecida no Brasil como Padrão Fifa (FIFA, 2011). A congruência de tantos interessados na Copa do Mundo será debatida como uma questão de governança, visto a briga entre Fifa e a Uefa por influência no futebol mundial, explicando como a Fifa se utiliza da Copa do Mundo para exercer poder no futebol enquanto a Uefa se apoia nos clubes. Ao mesmo tempo, os próprios clubes, com apoio das emissoras de televisão, confrontam suas entidades superiores com relativo sucesso (LEE, 2004; CHADE, 2015). Por fim, tentaremos entender o que as recentes investidas do Catar no mundo do futebol significam (CHADE, 2015).

No quarto capítulo, mediante estudos sobre os efeitos da Copa do Mundo na África do Sul (PILLAY; BASS, 2008) e no Brasil (CHADE, 2015), pode-se entender como a falta de transparência e planejamento dos governos dos países-sede prejudica a construção de um legado após o evento, e como essas complicações são turbinadas pela ingerência e corrupção da entidade máxima do futebol, que tomou a Copa do Mundo como propriedade particular (JENNINGS, 2011). Por fim, a conclusão do capítulo mostra como o papel das instituições

internacionais no esporte é tão marginal que a ideia de defender os países da agressividade da Fifa sequer é cogitada (JESUS, 2011).

Nas considerações finais as perguntas podem finalmente ser respondidas. A hipótese é que o montante de dinheiro que entra para as contas da Fifa tem sido usado para fins de enriquecimento pessoal deixando o futebol em segundo plano, tornando questionável a ideia de que a Fifa seja realmente uma federação com finalidade no Futebol. Os governos locais dos países-sede, apesar de vítimas da agressividade da Fifa, não podem ser inocentados: a falta de diálogo com a sociedade civil tem trazido legados questionáveis pelos quais o governo tem a maior parcela de culpa.

As considerações finais não buscam apenas respostas, mas também ousam oferecer soluções. Se a Fifa corrompeu o futebol, a pressão dos patrocinadores após os recentes escândalos deve obrigar a entidade máxima do futebol a entrar nos eixos. A eleição de Gianni Infantino, em 2006, por mais dúvidas que traga, também traz esperanças. Também temos o novo formato da Eurocopa, a ser aplicado em 2020, sem sede fixa, que é interessante para análise em seu potencial de desonerar os países-sede dos Megaeventos.

## **2 A PESQUISA SOBRE O FUTEBOL E A COPA DO MUNDO**

A atividade de analisar qualquer esporte como objeto acadêmico tem vários obstáculos. Houlihan (1997, p. 113) argumenta que é comum que os teóricos avaliem o esporte por suas características externas a si mesmo, “dando-se preferência à sua capacidade de atenuar ou camuflar problemas que vão desde uma baixa saúde cardiovascular e delinquência juvenil até uma baixa taxa de turismo”. Com o Futebol isso não é diferente. Wisnik (2008, p. 12) aponta que “não é incomum [...] que intelectuais vivam intensamente o futebol, sem pensá-lo, e que resistam, ao mesmo tempo, a admiti-lo na ordem do pensamento”. Para esses intelectuais, o Futebol é perfeitamente estabelecido como instrumento de análise social, desde que o seja das quatro linhas para fora. Em respeito a essa visão, eu diferencio o esporte jogado dentro de campo - futebol com “F” minúsculo - e a disciplina - Futebol com “F” maiúsculo - que estuda em sua maior parte o que acontece fora do campo de jogo.

Análises interdisciplinares entre Relações Internacionais e Futebol (ou com o Esporte), no entanto, são mais raras. Apesar de existirem diversas – e boas – bibliografias que relacionam as relações internacionais com a prática esportiva, o Esporte acaba sendo preterido pela ampla disputa entre Estados por segurança e poder (LEVERMORE; BUDD, 2004). Esse capítulo, então, tem a função de revisar os já existentes estudos sobre o esporte (com foco no Futebol) e Relações Internacionais e mostrar como ambas disciplinas podem se complementar. Para isso, é preciso entender como o Futebol está diretamente conectado com a cultura de massas e como esse esporte, como fenômeno, atrai a atenção de atores internacionais em busca de ganhos, materiais ou políticos.

### **2.1 Os primeiros significados do futebol**

A Copa do Mundo não é tão recente, mas para estudarmos o futebol com mais profundidade é preciso viajar no tempo para ainda mais cedo. Muito antes da Copa do Mundo ser qualquer coisa, já existia o futebol. Na verdade, o próprio futebol existia antes do futebol. Quando suas regras e definições começaram a tomar forma em escolas da elite inglesa no século XIX, formas primitivas de praticar atividade física golpeando esferas com os pés ou as mãos já eram práticas ancestrais – inclusive já abandonadas – nas mais diversas civilizações (WISNIK, 2008).

O nascimento do Futebol como conhecemos hoje – como esporte competitivo disputado entre onze jogadores de cada lado que buscam levar a bola à meta adversária, sendo vedado o uso das mãos ou dos braços para isso – remonta a 1863, quando as regras do Football Association foram formalizadas. Quem preferia a prática do jogo com as mãos não ficou sem o

que jogar: o Rugby Football nasceu na mesma época. Assim, a prática esportiva do futebol foi oficializada como um jogo competitivo de soma zero entre duas equipes, seguindo o livro de regras de sua primeira associação (The Football Association, até hoje o nome oficial da federação inglesa de Futebol), no que Wisnik batizou de “consenso inglês” (WISNIK, 2008, p. 87).

Com o tempo, o futebol das elites foi ganhando espaço como atividade dos trabalhadores e clubes de operários sem vinculação direta com as fábricas foram fundados. Em Londres, há o West Ham United e o Arsenal. Em Manchester, tanto o United quanto o City foram fundados por operários (respectivamente, dos setores ferroviário e metalúrgico). Individualmente para esses clubes, Budd prossegue, “o estabelecimento de uma liga nacional dentro de um conjunto único de regras os permitiria promover encontros que provavelmente atrairiam numerosos públicos de clientes pagantes” (2004, p. 40).

### **2.1.1 O futebol profissional**

Se hoje a profissionalização do futebol é vista como modelo e fonte de lucro para elites do esporte e das telecomunicações, as elites de outrora sentiam pela profissionalização do futebol o mais profundo asco. Para a classe média, a forma rápida como o futebol se desenvolveu como cultura operária gerou um desgosto pela forma como eles viam o profissionalismo esportivo, que seria uma forma de desrespeitar a hierarquia social. Várias igrejas de classe média acabaram por tentar utilizar o esporte como forma de evangelizar a crescente classe operária urbana. Ironicamente, “muitos dos clubes profissionais de hoje começaram como clubes sociais de igrejas” (BUDD, 2004, p. 40). Hobsbawm (1999) argumenta que os esportes, em sua criação, eram atividades de lazer conscientemente desenvolvidas pelas elites, tendo o amadorismo como ferramenta para manter a classe trabalhadora afastada. No entanto,

“esportes específicos de classe entre os plebeus raramente se desenvolveram com tamanha consciência. Onde se desenvolveram, foi geralmente pela tomada para si de exercícios das classes mais altas, tomando o lugar dos praticantes anteriores e então desenvolvendo um conjunto específico de práticas em uma nova base social” (HOBSBAWM, 1999, p. 81).

Essa relação entre a elite amadora e o proletariado profissional não é exclusividade inglesa. No Brasil, o futebol federado se manteve amador até a década de 1930, quando era, por definição, praticado somente por brancos, da classe média ou da burguesia, basicamente os únicos que tinham tempo para treinar sem ter a obrigação de sustentar uma família ao mesmo

tempo. Lopes (1994) fala sobre a crise do amadorismo de 1923, refletida no Clube de Regatas Vasco da Gama, time de origem portuguesa que havia recrutado atletas dos subúrbios do Rio de Janeiro, muitos deles negros ou mestiços para a disputa do Campeonato Carioca.

Inicialmente o Bangu, time da indústria têxtil, já havia incorporado funcionários negros e pobres como jogadores de seu time, mas além de não configurar exatamente que a atividade profissional era futebolística - ao menos em teoria, o verdadeiro trabalho dos jogadores era o chão-de-fábrica - o Bangu não conquistara vitórias e campeonatos até então, o que nunca atraiu a atenção da liga. O Vasco da Gama, por outro lado, acabou vencendo o campeonato de 1923, mas foi absolvido das acusações de profissionalismo porque os jogadores eram oficialmente “empregados” das padarias e dos armazéns dos portugueses, sendo “liberados” para os treinos da equipe durante as atividades. O caso do Vasco da Gama deu as evidências necessárias para compreender que a resistência à profissionalização e à massificação do esporte se tornaria, em breve, um esforço em vão.

“Se a intenção dos pioneiros do futebol no Brasil era manter o esporte no círculo fechado das altas rodas, como provavelmente pretendiam seus tutores ingleses, o projeto fracassou em menos de duas décadas. Aqui como lá, as massas abraçaram o futebol, que se multiplicou nas várzeas dos rios das grandes cidades ou nos núcleos educacionais e econômicos com alguma influência inglesa” (CARVALHO, 2012, p. 26).

A pressão pelo fim do amadorismo aumentou em 1932. Naquele ano, “Mário Filho saúda na sua coluna do jornal *O Globo* a vitória da seleção nacional, pela primeira vez cheia de jogadores pretos e mestiços, sobre os campeões do mundo” (LOPES, 1994, p. 71). A referida vitória foi sobre o Uruguai, campeão de 1930, por 2 a 1, em pleno estádio Centenário de Montevideu, com dois gols do negro Leônidas da Silva, o primeiro craque brasileiro em Copas do Mundo. A vitória do Brasil sobre a celeste olímpica, campeã da Copa do Mundo do Uruguai de 1930 e também dos torneios olímpicos de 1924 e 1928, dava uma amostra do que o futebol brasileiro, uma vez incluindo-se os jogadores negros, poderia proporcionar. O sucesso dos jogadores negros e as exibições desprezíveis dos selecionados brancos nos mundiais certamente pesou na decisão de Flamengo, Fluminense e Vasco da Gama em adotar o profissionalismo no futebol carioca de vez, em 1933 (LOPES, 1994).

Como atividade das massas, diversas nuances do Futebol foram ressignificadas. O time, ou, mais especificamente, o clube, passou a representar não mais a vontade lúdica de praticar um esporte, mas sim uma comunidade, seja ela de trabalhadores, patrões, fidalgos, imigrantes, ou, em contextos mais amplos, um bairro ou uma cidade.

## **2.2 O papel do esporte nas Relações Internacionais**

A ausência de entrosamento entre o campo de estudos de Relações Internacionais e os esportes – principalmente os Megaeventos esportivos – não se explica por nenhum motivo além da negligência. Levermore e Budd constataam que

“para [os estudiosos do] mainstream Estado-centrista, as Relações Internacionais têm principalmente se preocupado com a ‘alta política’ [...] e, assim, tende a excluir análises dessas características estruturais do sistema internacional que não podem ser nitidamente categorizadas como “política” (LEVERMORE; BUDD, 2004, p. 8)

Os autores retomam também o que já era apontado por Robert Keohane e Joseph Nye: desde os anos 1970, a academia de Relações Internacionais, representada em muito pelos teóricos realistas – teoria ainda hegemônica na área – tem encontrado dificuldades para interpretar uma era de “complexa interdependência”, na qual diversos fatores dividem a atenção da agenda internacional com os temas relacionados à segurança militar, que não domina essa agenda com a mesma consistência de outrora (KEOHANE; NYE, 1989). No que tange aos esportes, Houlihan (1997, p. 113) relembra que “quase sem exceções, Estados industrializados e muitos Estados em desenvolvimento têm [...] aumentado seus investimentos em esporte em um ritmo mais rápido do que a maioria dos outros serviços”.

### **2.2.1 A gestão de significados**

É cada vez mais pertinente às Relações Internacionais que estudem como o esporte tem sido utilizado como uma ferramenta pelos Estados, no seu papel de gerenciador de significados (HOULIHAN, 1997, p. 117), para buscar determinados resultados. Houlihan (1994a) propõe como diversas teorias de Relações Internacionais podem trabalhar sobre diversos assuntos dentro do esporte, dividindo essas abordagens em três grupos. No primeiro grupo, o autor propõe como o esporte pode ser visto sob uma perspectiva realista: o esporte seria visto como um instrumento de política externa, ao menos implicitamente, por exemplo, em diversos momentos da Guerra Fria, como no reconhecimento da República Popular da China como um Estado soberano, no caso da “diplomacia Ping-Pong” e nos boicotes aos Jogos Olímpicos de Moscou (1980) e Los Angeles (1984). Para os pluralistas – o segundo grupo – o poder disperso entre diversos atores independentes do esporte pode ser utilizado para mostrar como esses atores não estatais (COI ou Fifa, por exemplo) interagem com os Estados, muitas vezes de igual para igual. Para o último grupo, dos globalistas, Houlihan nota a natureza exploratória e

competitiva de companhias multinacionais (sejam elas de mídia ou de artigos esportivos), que buscam domínio de mercado no sistema capitalista e acabam impactando toda a economia internacional.

Suppo define que “o poder, num mundo dominado pelo sistema midiático, consiste em grande parte no controle da produção e na manipulação de símbolos que possam seduzir” (2012, p. 420). Portanto é justa a afirmação de Houlihan, que, ao negar a visão de que a identidade nacional e a cultura são rochas sólidas e imutáveis, preferindo defini-los como “um produto de negociação e constantemente sendo refinado, e ocasionalmente redefinido” (1997, p. 119). Dentro da esfera esportiva, as relações entre símbolos nacionais e poder são intrincadas e complexas. Para Houlihan, a participação bem-sucedida de esportes nacionais em competições internacionais funciona como uma forma de demonstrar força para outras nações. Menos simples do que isso, podemos notar que no futebol uma equipe pode virar símbolo nacional mesmo recheada de estrelas estrangeiras. Houlihan cita o caso do AC Milan, campeão europeu em 1989 e 1990, cujo sucesso foi exaltado como uma vitória do futebol italiano, mesmo que o ataque daquele time girava em torno de Frank Rijkaard, Ruud Gullit e Marco van Basten, todos eles holandeses. Um exemplo mais atual é a rivalidade espanhola entre Barcelona, representante do separatismo catalão, e Real Madrid, time ligado ao período do nacionalismo franquista, cujas equipes são alicerçadas, respectivamente, sobre um jogador argentino – Lionel Messi – e um português – Cristiano Ronaldo.

### **2.2.2 Esporte e identidade nacional**

A participação das equipes britânicas em competições esportivas é um interessante exemplo de como o esporte é utilizado para gerir a identidade nacional. Na ONU, Grã-Bretanha e Irlanda são representações diferentes. A Grã-Bretanha, porém, possui uma parte da ilha da Irlanda, batizada Irlanda do Norte. No futebol, a Grã-Bretanha tem quatro representações, cada uma com ligas nacionais e seleções próprias: Inglaterra, País de Gales, Escócia e Irlanda do Norte. Nas Olimpíadas, porém, a Grã-Bretanha disputa como uma delegação só – o *Team GB*<sup>2</sup>. No rugby union, variedade mais popular do rugby, a Grã-Bretanha tem apenas três delegações: Inglaterra, País de Gales e Escócia. A Irlanda do Norte disputa competições internacionais junto com a Irlanda, sob uma bandeira comum.

---

<sup>2</sup> Algumas situações embaraçosas já ocorreram por causa dessa diferenciação. Em 2012, às vésperas das Olimpíadas de Londres, o craque galês Gareth Bale foi acusado de fingir uma lesão para não disputar o torneio olímpico de futebol pelo time britânico. As acusações ganharam força depois que ele voltou a treinar com seu time, o Tottenham Hotspur FC – que é de Londres, cidade-sede dos Jogos – antes do torneio começar, alguns dias depois de ser oficialmente cortado da convocação (TELEGRAPH SPORTS, 2012)

Houlihan ainda traz para a discussão as regras de elegibilidade para jogadores que representam esportivamente uma nação diferente daquela na qual o competidor é nascido. Um debate recente aborda sobre a preferência de jogadores de dupla nacionalidade, que geralmente escolhem a seleção mais forte – e geralmente europeia. A França, por exemplo, contou com 11 jogadores com ascendência africana para a Copa do Mundo do Brasil de 2014, além de um jogador com ascendência vietnamita (PORTAL DA COPA, 2014). Frente ao eventual fracasso dessas seleções, frequentemente há um sentimento de abandono ou até rancor dos torcedores dos países preteridos em direção aos atletas que preferiram fazer parte de outros selecionados.

O maior exemplo da complexidade da relação entre a pátria de origem e a nova pátria está nos irmãos Jérôme e Kevin-Prince Boateng, que se enfrentaram na última Copa do Mundo: o irmão mais novo, Jérôme, preferiu a seleção alemã, enquanto Kevin-Prince, mais velho, joga por Gana (MARTÍNEZ, 2014). Se para os irmãos o empate por 2 a 2 não definiu um vencedor entre eles, Jérôme se deu melhor no total: a Alemanha foi campeã dessa edição, enquanto Gana caiu fora na primeira fase. Na contramão desse fenômeno, estão os jogadores que nasceram em países cuja seleção é mais forte, mas se aproveitam de sua ascendência para ter uma chance de disputar um Mundial, coisa que nunca fariam pela terra natal. O maior exemplo da última Copa do Mundo é a seleção da Argélia, que contou com nada mais nada menos do que 16 jogadores nascidos na França entre os 23 convocados. A comunidade argelina na França é, inclusive, tão grande, que a boa campanha da Argélia em 2014 não mobilizou somente as ruas do país africano: milhares de argelinos comemoraram a classificação para as Oitavas-de-Final na Champs-Élysées, em Paris (BBC, 2014).

Frente a tantas facetas complexas que expõem seus habitantes a conflitos entre si, como os Estados podem utilizar o esporte não para segregar, mas para agregar? A questão é, basicamente, de perspectiva. O que o podemos supor é que o Estado geralmente tenta manipular a já consolidada paixão das massas pelo esporte em direção a uma visão favorável. A forma como esses valores já estão consolidados no imaginário popular delimita o movimento do Estado ao sentido desejado:

Para muitas nações, a consolidação da identidade é um processo *bottom-up* e produto de uma extensão de identidade étnica para se incorporar uma dimensão política e territorial. Para outras nações, o processo depende mais da promoção ativa de um nacionalismo territorial e político pelo Estado; um modelo *top-down* (HOULIHAN, 1997, p. 123).

O processo de integração e criação de identidade nacional em nações multiétnicas é um desafio encarado pelos Estados normalmente pelo caminho mais fácil: integrar minorias dentro

da prática das majorias. Segundo Houlihan (1997), a meta, nesses casos, é mais uma reconfiguração de identidade do que propriamente uma construção, uma prática que, apesar de frequentemente bem-sucedida, tende a gerar minorias descontentes. Em outros casos, onde a nação se configura em uma estratificada - e muitas vezes conflituosa - relação entre minorias em detrimento de uma maioria (como na Índia ou na República Democrática do Congo), os Estados geralmente procuram construir uma identidade nova, abrangente a todos os grupos, de forma que nenhum deles se sinta marginalizado.

## **2.3 As Relações Internacionais na Copa do Mundo**

Tudo que foi exposto até agora pode nos ajudar a vislumbrar o potencial agregador da Copa do Mundo. Para Dunning e Elias, a Copa do Mundo, junto aos Jogos Olímpicos,

[...] proporcionam as únicas ocasiões, em tempos de paz, durante as quais nações inteiras podem unir-se com regularidade e de forma visível. A divulgação do desporto a nível internacional tem implicações no aumento da interdependência internacional e da existência, com várias exceções notáveis, de uma paz mundial frágil e instável. Confrontos como os Jogos Olímpicos permitem aos representantes das diferentes nações competirem entre si sem se matarem, ainda que o grau em que semelhantes provas de combates simulados se transformam em confrontos “reais” esteja dependente, entre outros, do nível de tensão preexistente entre os Estados-nação envolvidos (DUNNING; ELIAS, 1992, p. 325).

Fenômenos deste tamanho podem ser ignorados pela academia, mas não pelos atores que ela estuda. Sabendo do alcance global da Copa do Mundo, diversos atores, como federações esportivas, corporações privadas e Estados, se aproveitam ou tentam se aproveitar do potencial agregador do Megaevento. Para entender esse fenômeno, é preciso entender, primeiro, a partir da fundação da Fifa, como a Copa do Mundo rapidamente se tornou um Megaevento. Depois, entender como o sucesso obtido pela Copa do Mundo transformou o mundo e, principalmente, a própria Copa do Mundo.

### **2.3.1 A Fifa**

As histórias sobre os primeiros anos da Fifa, hoje, são difíceis de avaliar. A entidade vem realizando uma campanha de autopromoção e romantização de sua origem com um impacto hiperbólico, como no filme *Paixões Unidas* (2015), que além da grosseira referência às Nações Unidas, é um filme de esporte que mostra cartolas como seus heróis, sendo

naturalmente apedrejado pela crítica. A catastrófica repercussão do filme<sup>3</sup> levou o diretor, Frédéric Aubertin, a declarar ao Hollywood Reporter que “agora eu sou tão malvisto quanto a pessoa que trouxe a Aids para a África ou a pessoa que causou a crise financeira. Meu nome está por toda a parte [...] e aparentemente eu sou um garoto-propaganda fazendo filmes para pessoas corruptas” (ROXBOROUGH; RICHFORD, 2015). Ainda assim, apesar de soar idealista e demagoga, a bibliografia aponta que a alegação de que o dirigente francês Jules Rimet - presidente da Fifa entre 1921 e 1954 – desejava que a criação da Copa do Mundo servisse o propósito de difundir o potencial agregador do futebol pelo mundo é, até certo ponto, uma afirmação justa.

Os primeiros anos da Fifa foram muito mais turbulentos do que sua entidade quer fazer parecer. Lisi, em seu livro “*A History of the World Cup: 1930-2006*” (2007) comenta que no surgimento da entidade em 1904, sua função era meramente supervisionar as federações nacionais. Ao contrário do que comumente se diz, as quatro nações britânicas não abandonaram a Fifa – apenas – porque se consideravam superiores. As brigas entre a Grã-Bretanha e a Fifa, segundo Lisi, tinham motivações mais políticas do que auto afirmativas: em 1920, os britânicos queriam que a entidade expulsasse de seu quadro de membros seus principais rivais na Primeira Guerra Mundial, Alemanha e Áustria-Hungria, mas, após não receber apoio dos outros membros, foram eles mesmos embora. Os britânicos voltaram à entidade em 1924, tarde demais para participar do assunto que pairava sobre a mesa: a profissionalização, já abordada anteriormente neste capítulo. Após os belgas permitirem abertamente suas equipes pagarem salários aos seus jogadores em 1921, a decisão da Fifa - no primeiro ano da presidência de Rimet - foi de não interferir, deixando que cada federação formulasse suas próprias regras quanto à profissionalização. Insatisfeitos com tal situação e com a ausência de discussões sobre o caso, os britânicos novamente se retiraram em 1928, dois anos antes da realização do primeiro Mundial. Por essa razão, ficaram de fora das três primeiras Copas, para voltar somente após a Segunda Guerra, já em um papel de segundo plano no desenvolvimento do torneio mundial do esporte, cujas regras eles mesmos criaram, e que veio a se tornar um dos maiores eventos esportivos do planeta.

### **2.3.2 O nascimento do Megaevento Copa do Mundo**

---

<sup>3</sup> Orçado em 30 milhões de dólares, o filme teve receitas de bilheteria tão fracas que não chegou sequer a mil dólares nos Estados Unidos (ROXBOROUGH, RICHFORD, 2015).

O surgimento desse torneio, segundo a própria Fifa, nasceu de um desacordo entre a Fifa e o COI. O torneio de futebol das Olimpíadas já era um dos torneios de maior sucesso dos Jogos, coroando em 1924 e 1928 a seleção uruguaia, a Celeste Olímpica, como bicampeã. Assim, a criação de um Mundial específico para a categoria seria questão de tempo. Para a própria Fifa, o desentendimento com o COI aconteceu porque a Fifa já se considerava competente o suficiente para organizar o próprio torneio. Lisi, no entanto, dá um motivo além: novamente, o amadorismo.

O torneio Olímpico de futebol na época somente apresentava amadores, uma decisão que a Fifa não aceitou. Jules Rimet, presidente da Fifa, e Henri Delaunay, secretário da federação francesa, perceberam que os amadores não eram os únicos praticando o esporte. Mas a Fifa e o COI estavam em desacordo sobre quem deveria controlar o torneio Olímpico de futebol e a briga sobre o que constituía um *jogador amador* ajudou posteriormente a acalorar o debate. “Nós devemos implementar um torneio que nos represente”, disse Delaunay. (LISI, 2017, p. 6-7).

Pode trazer alguma surpresa hoje, mas na época a Fifa tinha uma visão realista e progressista sobre o esporte. Lutar contra o profissionalismo era algo que já tinha ficado para trás há muito tempo, e Rimet sabia disso. Apesar de nunca ter praticado o esporte oficialmente, Jules Rimet era conectado ao futebol e sua organização desde cedo. Aos 24 anos ajudou a fundar o Red Star em Paris, time que existe até hoje. Segundo a Fifa, atribui-se a Rimet muito da criação da liga e da federação francesa de futebol, mesmo que ele não tenha feito parte da fundação da Fifa. Portanto, apesar de soar estranha hoje a ideia de que a Fifa possa fazer alguma coisa com boas intenções, não seria estranho esperar que Rimet tivesse uma boa visão adiante do que viria a ser um fenômeno internacional. Não foi difícil para o mandatário arrecadar votos e então, em seu congresso em Amsterdã em 1928, a Fifa aprovou que um Mundial de futebol deveria ser disputado a cada quatro anos, a partir de 1930, em uma votação vencida pelo lado de Rimet por 25 a 5 (LISI, 2007).

Antes de sua realização, o primeiro conflito envolvendo a Copa do Mundo aconteceu na escolha da primeira sede. Lisi escreve que inicialmente foram cinco candidatos: Holanda, Itália, Espanha, Suécia - que havia votado contra a realização da Copa - e Uruguai. Naquela época a aviação comercial ainda engatinhava, e ainda levaria alguns anos até que um avião comercial atravessasse o Atlântico entre América do Sul e Europa. Por isso, seria natural de se esperar que os europeus dariam todo suporte possível às candidaturas europeias, o que aconteceu quando Holanda e Suécia se retiraram da disputa para apoiar a Itália. Lisi, no entanto,

aponta que “Rimet tinha outros planos. Seu objetivo era tornar o esporte realmente global, e ele favoreceu a candidatura uruguaia” (LISI, 2007, p. 7). Com o argumento de que o Uruguai era o time mais forte no mundo, chancelado pela conquista do bicampeonato olímpico, a Fifa o nomeou país-sede da primeira Copa do Mundo em 1929 (LISI, 2007).

Por mais que a decisão de Rimet fosse realmente um passo adiante para a consolidação do torneio, ela imediatamente causou desavenças entre uruguaio e europeus, que só as esqueceriam após a Segunda Guerra Mundial. Os europeus mostraram seu descontentamento à decisão de dar a sede ao Uruguai boicotando o torneio. “Em menos de três décadas, o quadro de membros de Fifa chegou a quarenta e um países, mas faltando dois meses para o começo do torneio no Uruguai, nenhum país europeu havia aceitado o convite para jogar” (LISI, 2007, p. 9). No fim das contas, a pressão de Rimet surtiu algum efeito: França e Bélgica aceitaram a contenda. Mais dois europeus ainda viriam a encarar a viagem de 15 dias de navio para cruzar o Atlântico: a Romênia, cujo Rei Carol foi descrito por Lisi como “um fanático raivoso por esportes” (2007, p. 9), e a Iugoslávia, que teria não apenas a viagem a bordo de um luxuoso cruzeiro, como a estadia em solo uruguaio paga pela Fifa. O baixo comparecimento das equipes europeias resultou numa infeliz matemática: a competição contou ainda com 9 equipes do continente americano (além dos anfitriões, Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Peru representariam a América do Sul, enquanto a América do Norte seria representada por Estados Unidos e México), somando 13 equipes, um número primo, dificultando a divisão das equipes em grupos. Assim, um dos grupos contou com uma equipe a mais.

Enquanto os uruguaio trabalhavam a todo vapor para proporcionar uma boa hospedagem aos convidados, o primeiro encontro entre seleções começou no navio Conte Verde. Zarpou de Gênova não apenas com Jules Rimet e a delegação francesa, mas também com as delegações romena e belga. As três seleções treinavam no próprio convés do navio que, ao chegar à América do Sul, fez uma breve escala no Rio de Janeiro para também levar a seleção brasileira (REVISTA JÁ, 1998; LISI, 2007).

Em solo uruguaio esperaria por eles um dos primeiros sinais da epifania que a Copa do Mundo viria a ser: o colossal estádio Centenário, construído para o Mundial e nomeado em alusão ao centenário da independência do Uruguai, com capacidade estimada para 100 mil pessoas. Ao longo do certame, no entanto, a primeira Copa do Mundo se mostrou bem diferente do estrondoso sucesso de público dos dias de hoje. Lisi conta que a estreia, entre França e México, vencida pelos conterrâneos de Rimet, foi testemunhada por apenas um milhar de aventureiros no estádio Pocitos, do Peñarol. No mesmo estádio, apenas 300 pessoas veriam a Romênia bater o Peru. Já nos jogos da seleção uruguaia, a multidão se engalinhava por um

lugar para assistir sua Celeste Olímpica. A estreia do time da casa foi adiada por alguns dias, sendo apenas a nona partida do torneio, visto o atraso na entrega do estádio Centenário. O público, no entanto, aguardou sem problemas: os dados de Lisi apontam para 70 mil presentes na estreia com vitória sobre o Peru e 80 mil presenciaram o Uruguai passar por cima da Romênia. Outros 80 mil compareceram para ver o Uruguai massacrar os Estados Unidos nas semifinais, e 93 mil estavam presentes quando o Uruguai se tornou o primeiro campeão mundial após bater a Argentina por 4 a 2. Apesar de nenhuma audiência atingir os 100 mil previstos durante a construção do estádio, não foi por falta de interesse do público, e sim o fato de ainda haver retoques para finalizar a construção do estádio até a final (LISI, 2007).

Na final, a capacidade foi limitada a 93 mil presentes por causa do pavor das autoridades uruguaias relacionada ao enfrentamento entre uruguaios e argentinos. Lisi destaca que milhares de argentinos chegaram a Montevideu para ver o jogo; 10 mil policiais foram escalados para assegurar que a final ocorresse sem maiores problemas (REVISTA JÁ, 1998). Temendo a pressão da torcida da casa, a Fifa escolheu o árbitro da partida algumas horas antes do apito inicial. A bomba caiu no colo do belga John Langenus, que ainda teve um impasse para resolver: argentinos e uruguaios haviam trazido cada um sua própria bola, e insistiam em jogar com a bola que trouxeram. Diplomático, o árbitro decidiu que a bola dos argentinos seria usada no primeiro tempo, enquanto o segundo tempo seria disputada com couro uruguaio. Com sua própria bola, os argentinos abriram 2 a 1. Com a bola uruguaia, o time da casa virou para 4 a 2, sagrando-se o primeiro campeão da Copa do Mundo (LISI, 2007).

### **2.3.3 A Copa do Mundo e os regimes totalitários**

Apesar dos percalços, o primeiro Mundial foi considerado um sucesso (LISI, 2007) e, mesmo em seu começo, já era perceptível que teria tudo pra se tornar o maior torneio de futebol do mundo. Então, logo na sua segunda edição, a Copa do Mundo já era visada por um dos campos que nunca mais viria a abandoná-la: a política. Nos casos abaixo, especificamente, será explicado como o torneio mundial de futebol foi utilizado por ditaduras como forma de legitimá-las.

A década de 1930 foi a década mais propícia para o uso do esporte como ferramenta de afirmação política. A convergência da ascensão do fascismo com a ascensão da Copa do Mundo fez com que, para o ditador Benito Mussolini, que se intitulava *il Duce*, a vitória em um Mundial disputado em casa se tornasse uma obrigação. Mussolini, afirma Lisi, não era um grande fã de futebol. No entanto, o ditador foi o primeiro a perceber que o Mundial estaria além das fronteiras das quatro linhas. Mussolini viu a Copa do Mundo da Itália de 1934 como “uma

oportunidade para mostrar ao mundo que seu regime totalitário havia transformado a Itália numa potência mundial” (LISI, 2007, p. 22). O ditador foi atuante durante todo o processo da disputa do Mundial, desde a escolha da Itália como país sede, e após “um trabalho intenso e obsessivo, ele conseguiu que a candidatura de seu país saísse vencedora do congresso da Fifa” (GRECO, 1998, p. 44). O comando da equipe estava na mão de Vittorio Pozzo, um ex-jogador e jornalista apaixonado por futebol, que em 1929 foi escolhido como o primeiro treinador a comandar a seleção sozinho, em detrimento do comitê de treinadores que a Itália costumava fazer uso (GRECO 1998, p. 45; LISI, 2007, p. 22).

A proximidade da maioria das outras federações da Fifa fez com que atrair interessados a disputar o Mundial na Itália fosse muito mais fácil: se foi um trabalho homérico juntar 13 seleções em 1930, 32 demonstraram interesse em jogar em 1934. Pela primeira vez, as 16 vagas no Mundial seriam definidas por eliminatórias. As seleções sul-americanas, no entanto, foram desfalcadas: o Brasil foi uma bagunça, descrito pelo cronista Tomás Mazzoni como “uma das mais fracas, improvisadas e inexperientes de todas que até então saíram do Brasil” (WISNIK, 2008, p. 183); enquanto Lisi adiciona à conta ainda a Argentina, cujos jogadores profissionais não foram liberados por seus times, obrigando a delegação a ser composta por amadores, e o Uruguai, que boicotou a Copa do Mundo na Itália e na França em retaliação ao boicote das seleções europeias em 1930. Como resultado, das 16 seleções a disputar o Mundial, três vinham da América – além de Brasil e Argentina, Estados Unidos e México disputaram um jogo eliminatório em solo italiano, e a derrota mexicana fez toda a viagem ser em vão – uma equipe era africana – o Egito – e as outras 12 eram europeias. Uma curiosidade que nunca mais viria a ser repetida em Copas foi que mesmo a Itália, país-sede, teve que disputar eliminatórias. Para evitar uma possível vergonha de um país-sede sequer disputar o campeonato, o adversário foi muito conveniente: a Grécia, país onde o futebol ainda engatinhava, foi escalada para enfrentar a Itália em jogo único, a ser disputado em Roma, vencido pelos italianos (LISI, 2007).

Com o Mundial assegurado em solo italiano e a vaga entre os 16 garantida, Mussolini estava longe de se sentir satisfeito: ele queria a taça. Apesar do futebol não ser o esporte do coração do Duce, Antero Greco (1998) destaca que tudo foi controlado aos mínimos detalhes: a comissão técnica da seleção seria encabeçada por pessoas diretamente ligadas ao ditador, enquanto os craques daquele time seriam acompanhados por especialistas (uma medida que foi se tornando cada vez mais comum e hoje sustenta um mercado paralelo ao futebol). Lisi também destaca a presença constante dos discursos do ditador aos jogadores. O título foi conquistado pela Itália em um 10 de junho, e é até hoje, motivo de contestação: alegadamente, as decisões

da arbitragem teriam favorecido os italianos durante todo o certame, e muitos acusam o regime fascista de ter intimidado os árbitros.

A utilização do futebol como forma de afirmação política pelo fascismo não se limitou à edição de 1934. Só que dessa vez, em 1938, a competição seria disputada em solo francês, na terra de Jules Rimet. Às vésperas da Segunda Guerra Mundial, a conjuntura conturbada da época já deixou duas fortes candidatas de fora: a Espanha, em Guerra Civil desde 1936, sequer havia participado das Eliminatórias; mas o caso mais emblemático foi certamente a anexação da Áustria pela Alemanha de Adolf Hitler em março, faltando poucos meses para o Mundial (LISI, 2007).

Com a anexação, a Alemanha tentou “reforçar suas chances de ganhar o troféu e arrancou vários jogadores austríacos para sua seleção nacional após ver a teoria de superioridade ariana de Adolf Hitler destruída por Jesse Owens nas Olimpíadas de Berlim de 1936” (LISI, 2007, p. 32). Recheado de craques do extinto *Wunderteam*<sup>4</sup> austríaco, a Alemanha foi eliminada ainda na primeira fase para outro país com forte presença germânica: a Suíça venceu por 4 a 2 no jogo-desempate, mostrando que, talvez, os germânicos suíços fossem superiores aos germânicos alemães. Dentre os jogadores austríacos cooptados pela Alemanha, se destacaria o lendário Matthias Sindelar, que, segundo Lisi, fez de tudo o possível para não ser convocado: tentou justificar utilizando sua idade e seus problemas no joelho, mas o que realmente o tirou do torneio foram os problemas psicológicos causados por toda a situação, pessoal e política.

O Mundial foi novamente vencido pela Itália. Dessa vez, jogando fora de casa, os italianos enfrentaram hostilidades. Tomavam sonoras vaias dos franceses, em sua maioria antifascistas, ao saudá-los com a saudação romana. A ordem vinda de cima dizia para superar as vaias. Quem pensa que o título de 1934 satisfaz as aspirações de Mussolini em mostrar poder pelo futebol, engana-se: às vésperas da estreia italiana contra a Noruega, o Duce enviou um telegrama a seus jogadores com um recado simples: “ganhar ou morrer”. Talvez pelo talento, talvez pelo medo de morrer, os italianos venceram todos seus adversários, em quatro partidas muito duras, contra Noruega, França, Brasil e Hungria, para conquistar o bicampeonato.

Por muito pouco, a Copa do Mundo não foi utilizado como instrumento ideológico fascista pela terceira vez. Hitler já havia pedido à Fifa para realizar o Mundial de 1942 em solo alemão e seria provavelmente atendido, não tivesse invadido a Polônia alguns meses após a final do Mundial da França. Mesmo que alguns campeonatos nacionais tenham prosseguido

---

<sup>4</sup> “Time-Maravilha”, em tradução livre do alemão.

durante a Segunda Guerra Mundial (como o campeonato italiano, que só veio a ser interrompido em 1943), a Copa do Mundo entrou em um hiato de doze anos, após a Fifa cancelar as edições de 1942 e 1946. O Mundial, no entanto, voltaria a ser utilizado como modo de afirmar uma ditadura quarenta anos mais tarde, quando foi disputado na Argentina. Dessa vez, uma das tantas ditaduras militares da Argentina.

Em 1978, duas coisas eram comuns na América Latina: a paixão pelo futebol e a ditadura militar. E a junta que tomou poder na Argentina em 1976, quando a Argentina já estava decidida desde 1966 como sede da Copa do Mundo de 1978, era uma das mais sanguinárias. Logo, como bem indica Lisi, a influência política tornou a organização deste Mundial caótica. A ditadura, que já havia ceifado milhares de vidas, não poupou nem mesmo Omar Actis, presidente do Comitê Organizador da Copa do Mundo, assassinado em um atentado (JENNINGS, 2011). Em protesto ao regime militar na Argentina, duas estrelas daquele torneio se recusaram a viajar até a América do Sul: o holandês Johan Crujff, grande maestro da equipe de Rinus Michels que – mesmo sem o título – havia revolucionado o futebol quatro anos antes, e o alemão Paul Breitner não quiseram compactuar com o regime argentino e se recusaram a jogar. Sem utilizar a situação política da Argentina como motivo evidente, o craque alemão Franz Beckenbauer também abandonou a seleção nacional pouco antes do pontapé inicial (LISI, 2007).

Pela primeira vez em uma história que posteriormente veio a se repetir e se tornar padrão, um governo havia gastado mais dinheiro do que tinha para sediar a Copa do Mundo. Lisi conta que a junta militar teve que correr contra o tempo para entregar estádios com estrutura satisfatória para o torneio, incluindo a remodelagem do Monumental de Núñez e o estádio do Vélez Sarsfield, em Buenos Aires, e o Gigante de Arroyito, em Rosário, além de construir mais três estádios, em Mendoza, Córdoba e Mar del Plata, a um custo combinado de 700 milhões de dólares. Para pagar tamanha conta, o governo transformou o Mundial numa marca: “o logo Argentina ’78 foi estampado em todo lugar, incluindo em camisetas e outras bugigangas, no que se tornaria em um modelo de marketing para futuras Copas do Mundo” (LISI, 2007, p. 143). Outra preocupação para a junta era a segurança: em protestos contra o governo, uma bomba havia matado um policial em Buenos Aires. O alívio só veio quando o grupo de esquerda Mononeros garantiu que a violência não atrapalharia o certame.

Em campo, o time argentino, peça fundamental para completar a obra do ditador Jorge Videla, preocupava. A classificação para a segunda fase veio após duas vitórias apertadas sobre Hungria e França, que delegou aos argentinos jogar no grupo do Brasil, na segunda fase de grupos. A classificação argentina para a final foi encoberta de polêmicas: Brasil e Argentina

empataram entre si e venceram ambos a Polônia por dois gols de diferença. Na última rodada, a Argentina enfrentaria o Peru após o final do jogo entre Brasil e Polônia. Os brasileiros protestaram, em vão. Já sabendo do resultado brasileiro, os argentinos entraram em campo sabendo que precisariam fazer no mínimo quatro gols de diferença nos peruanos. Fizeram seis. A reação brasileira não foi das mais pacíficas:

A vitória enfureceu os brasileiros, que acusaram Quiroga [o goleiro da seleção peruana, nascido na Argentina] de entregar o jogo. Eles chegaram ao ponto de acusar oficiais peruanos de aceitar subornos da junta [militar] para garantir a vitória argentina, mas nenhuma infração foi sequer provada (LISI, 2007, p. 156).

Mais uma vez a ditadura que utilizaria a Copa do Mundo como forma de se legitimar lograria êxito. A Argentina de César Luis Menotti se tornaria campeã pela primeira vez ao bater a Holanda por 3 a 1, livrando do ombro dos jogadores e do treinador o peso de nunca antes haver sido campeão mundial, além de, principalmente, o peso das cobranças de uma junta militar que não se mostrava muito envergonhada em ameaçar vidas.

Temos, portanto, três casos evidentes do uso da Copa do Mundo como forma de ditaduras se legitimarem, contextualizadas em períodos lamentáveis da história: o fascismo, em 1934 e 1938 e as ditaduras militares latino-americanas, em 1978. Outro caso que poderia ser discutido seria a influência do governo militar de Emílio Garrastazu Médici no time campeão em 1970, demitindo o treinador comunista João Saldanha, colocando Zagallo em seu lugar. Deixo essa influência em segundo plano neste trabalho porque a interferência ocorreu somente antes do Mundial, e, como aponta Wisnik (2008, p. 298-301), apesar das discordâncias entre Médici e Saldanha sobre o lugar de Dadá Maravilha no time, o principal motivo para a demissão de Saldanha era o desempenho da seleção nos jogos anteriores ao torneio mundial, e a chegada de Zagallo realmente havia melhorado o treinamento tático da equipe.

## **2.4 Quando o futebol foi suficiente**

Se a Copa do Mundo foi instrumento para regimes fascistas durante a década de 1930, posteriormente seu sucesso se tornou um símbolo eficiente da confraternização entre os povos. Antes disso, em 1950, o Mundial teve como missão simbolizar a reconstrução das relações de paz após a Segunda Guerra Mundial. A tarefa não seria fácil.

Segundo Lisi, A Fifa teve dificuldades em achar um novo país disposto a sediar o evento e, por isso, o torneio de 1950, assim como os anteriores, também foi ameaçado, sendo salvo pela candidatura solitária do Brasil em 1949. Encontrar países dispostos a enviar uma delegação

também foi uma tarefa árdua: o certame contou com 13 das 16 equipes previstas, devido à desistência e à recusa de alguns países, entre eles Escócia, Áustria, França e Índia. Quem não desistiu foi a então campeã Itália, que defenderia o título mesmo após a tristeza da Tragédia de Superga<sup>5</sup>, que vitimou dezoito jogadores da esquadra do Torino, time que era a base da seleção.

Para os organizadores, mesmo com os desfalques, a atmosfera festiva do ambiente brasileiro seria o cenário perfeito para o retorno do Mundial: o frenesi causado pelo torneio em território brasileiro, movendo uma massa de 200 mil pessoas ao último jogo no Maracanã, entre Brasil e Uruguai, serviu como uma ótima ocasião para a retomada do evento, que nunca mais foi interrompido. No entanto, para o torcedor brasileiro, a derrota contra os uruguaios por 2 a 1 no jogo derradeiro viria a ser lembrada com muito mais pesar do que os anteriores anos de guerra (LISI, 2007).

A redenção viria a partir de 1958. Nesta edição, lembra Lisi, uma promessa foi quebrada: após a Segunda Guerra, a Fifa prometeu que a Copa do Mundo seria recebida alternadamente por um país europeu e outro americano. Três edições depois, a Suécia sucederia a Suíça. Mas, segundo o autor, a escolha é justificável: entre 1954 e 1958, o futebol europeu passava por uma revolução: na Escandinávia, o futebol finalmente se tornaria uma febre após a emergência de um forte time sueco, com vários jogadores que se despediram de casa para disputar a liga italiana. A Suécia, país-sede e sensação do torneio, mostrou ao mundo a transformação pela qual havia passado, chegando até a final despachando potências como a poderosa Hungria, a União Soviética (que viria a ser campeã europeia em 1960) e a então campeã, a Alemanha Ocidental. Se a campanha sueca viria a colocar os escandinavos em evidência no futebol europeu, essa transformação não seria nada frente ao fenômeno que se tornaria seu adversário: o Brasil de Pelé e Garrincha. Durante os doze anos seguintes, com um breve intervalo em 1966 (quando cairia na primeira fase), nada seria capaz de frear o time brasileiro. Se em 1958 o artilheiro viria a ser o francês Just Fontaine, com uma impressionante e jamais superada marca de 13 gols em 6 jogos, quem surgiria naquele torneio para nunca mais ser esquecido seria uma dupla brasileira: Pelé e Garrincha (LISI, 2007).

A Copa de 1958 consagrou uma dupla que colhia os frutos do trauma de 1950. Os obstáculos que eles tiveram que vencer para a consagração eterna na Suécia estavam muito além da infância humilde. Dois jogadores negros foram condenados pela derrota de 1950: o

---

<sup>5</sup> Em 4 de maio de 1949, os jogadores do Torino, base da seleção italiana, voltavam para a casa após jogar contra a equipe do SL Benfica em Lisboa, Portugal. Chegando em Turim, o avião da equipe se chocou contra a Basílica de Superga, matando todos os passageiros a bordo: dezoito jogadores, três jornalistas e quatro membros da tribulação (TORINO FC, s.d.).

lateral Bigode, que havia permitido a entrada do uruguaio Ghiggia por seu flanco e, principalmente o goleiro Barbosa, que teria falhado no segundo gol uruguaio. Ao desastre, Pelé e Garrincha reagiram cada um de sua forma particular: enquanto no interior de São Paulo o menino Pelé prometia a seu pai que buscaria a Copa do Mundo, em Pau Grande, distrito de Magé, no Rio de Janeiro, Garrincha sequer ouviu o jogo e, quando voltou para casa, se deparou com a cidade toda chorando, sem entender o motivo que levaria a cidade toda a chorar por futebol. (WISNIK, 2008, p. 266). Oito anos mais tarde, Pelé e Garrincha quase ficaram fora do Mundial: ainda aos 17 anos, Pelé indiscutivelmente já era um jogador de classe mundial, “mas muitos achavam arriscado levar para a Suécia um garoto franzino” (PEREIRA, 1998, p. 44), enquanto a presença de psicólogos na delegação, inovação para a época, “por pouco não provocou o corte de Garrincha, ao concluir que o ponta-direita do Botafogo tinha a mentalidade de um menino de oito anos” (PEREIRA, 1998, p. 45). Outro desafio à presença dos dois entre os titulares foi um relatório da própria Confederação Brasileira de Desportos (CBD) anterior ao Mundial, considerando os “atletas de cor” mais temperamentais e, portanto, mais propensos a tremer em momentos decisivos.

No último jogo da fase de grupos, contra a União Soviética, eles foram lançados como titulares. Garrincha precisou de poucos segundos para mostrar para que veio: Castro (1995) relata os primeiros minutos daquele embate em que Garrincha já partira pra cima de Kuznetzov, Voinov e Krijveski, deixando os três soviéticos no chão e levando o estádio às risadas logo com 40 segundos jogados. Pelé apareceu no jogo seguinte, contra o País de Gales, pelas quartas-de-final. Segundo Lisi, os galeses se fecharam por setenta minutos até o gol derradeiro de Pelé, que, único na partida, seria de grande valia. Se o relatório da CBD considerava “atletas de cor” como emocionalmente despreparados, Pelé e Garrincha mostrariam, nos jogos seguintes, como o Brasil poderia ser muito menor do que é no futebol se tivesse levado à risca tamanhas observações ridículas. Nas semifinais contra a França de Fontaine, Vavá abriu o placar logo no começo, enquanto os negros Didi e Pelé fizeram os outros quatro gols que levaram o Brasil a golear a França por 5 a 2 (LISI, 2007).

Nem mesmo para a final acreditava-se que os brasileiros tinham a solidez emocional para enfrentar uma decisão: Lisi conta que o treinador inglês George Raynor, que comandava a Suécia, teria dito, antes da partida, que “se os brasileiros saírem em desvantagem de um gol, vão entrar em pânico” (2007, p. 90). O treinador da Suécia, então, deve ter respirado aliviado quando Liedholm abriu o placar logo no quarto minuto da final. Mas precisou de apenas cinco minutos para Garrincha cruzar na cabeça de Vavá e fazer a tese de Raynor cair por terra, iniciando a reação que se transformou em mais um passeio brasileiro por 5 a 2, com direito a

um golaço de Pelé em que ele “mata a bola no peito, disputando-a com um adversário, e, sem deixá-la tocar o chão, encobre o adversário seguinte, que se apresentava para despachá-la, concluindo em seguida para fazer o terceiro gol” (WISNIK, 2008, p. 274).

A Copa do Mundo do Chile de 1962 seria um marco para o país do Pacífico. Após surpreendentemente bater a candidatura argentina em 1956, Lisi expõe o sentimento geral do povo chileno, que “abraçou a chance de sediar a competição e estava ansiosa pela vinda do maior evento esportivo do mundo a seu país” (LISI, 2007, p. 93). A empolgação rapidamente deu lugar ao desespero quando um terremoto assolou o país, seguido por tsunamis em toda a costa do Pacífico, que deixaram mais de 5,700 mortos. Para o autor, uma frase do presidente da federação chilena, Carlos Dittborn, daria forças aos chilenos para superar tamanho obstáculo: “Nós devemos ter o Mundial porque não temos nada” (2007, p. 94). Aos 38 anos, o mandatário não chegaria a ver a realização do seu trabalho, tendo falecido um mês antes do pontapé inicial. Em campo, o esforço dos chilenos em proporcionar um bom torneio contra todos os prognósticos proporcionou um palco para a sequência do trabalho brasileiro, dessa vez, sem Pelé, lesionado. Garrincha, sozinho, precisou carregar os esforços brasileiros e comandou o segundo título Mundial, conquistado após bater México, Espanha, Inglaterra, Chile e a Tchecoslováquia.

O terceiro Mundial da geração de Pelé viria oito anos depois, em 1970, no México. Pelé já tinha se tornado um ícone do futebol, e, principalmente, um ícone do Terceiro Mundo<sup>6</sup>, e um bom exemplo é a lenda de quando uma guerra parou apenas para ver o Rei jogar: após a descolonização, nos anos 1960, o continente africano era marcado por diversos conflitos de independência ou pós-independência, sendo este último o caso do antigo Congo Belga. Segundo matéria da ESPN, após a independência, a região foi marcada por um conflito entre as forças de Kinshasa e Brazzaville. Por causa da situação do país, a diretoria santista inicialmente cancelou o amistoso que a equipe faria em território congolês, por óbvias questões de segurança. A decisão foi revertida após a vontade popular e dos beligerantes decretar um cessar-fogo pelos dias em que o Santos jogaria na região. O amistoso se transformou em uma excursão de três jogos, tamanha a euforia em receber o melhor jogador do mundo. Após jogadas as três partidas, o conflito foi retomado tão logo o Santos deixou a região (ARANTES, 2014). Esses acontecimentos, que têm frequentemente sua veracidade contestada, ajudam a dar uma dimensão do que significava a palavra Pelé para o futebol mundial.

---

<sup>6</sup> Expressão utilizava para se dirigir aos países que não faziam parte do bloco desenvolvido ocidental nem do bloco comunista.

Em 1970 o país escolhido foi o México, e a candidatura argentina foi mais uma vez derrotada. Se o futebol brasileiro havia se tornado um ícone cultural nos anos anteriores, em 1970 veio a cereja do bolo. Wisnik (2008) considera fundamental para o sucesso daquela seleção a manutenção, por parte de Zagallo, de uma filosofia aplicada pelo seu antecessor, João Saldanha: Pelé e Tostão jogariam juntos, o que alguns diziam não poder acontecer porque ambos jogavam na mesma posição – meia que arma o jogo e também procura aparecer no ataque – e, portanto, iriam se sobrepor em campo. Se anteriormente à Copa Zagallo era relutante a esse esquema, preferindo por escalar um centroavante mais fixo – como o Dadá, queridinho de Médici – para não fazer as estrelas colidirem, “o problema se estendeu com o time se arrastando até as vésperas da Copa, quando a pressão da torcida, da imprensa, mas principalmente dos jogadores, [...] fez com que a evidência prevalecesse, e Pelé e Tostão fossem finalmente escalados (WISNIK, 2008, p. 303-4)”.

Jogar um Mundial no México traria algumas dores de cabeça que infraestrutura nenhuma poderia prevenir. Não bastasse o calor do verão mexicano, alguns jogos – incluindo a final – foram marcados para o meio-dia, para se adequar aos horários da televisão europeia. Algumas sedes, como a própria capital Cidade do México, se situavam em uma altitude desconfortável para a maioria dos jogadores. A única saída, então, era se preparar para isso com bastante antecedência. Os ingleses, campeões em 1966, “viajaram para a América do Sul em maio, um mês antes do torneio começar, e montaram acampamento na Bolívia e na Colômbia na esperança de treinar sob circunstâncias similares àquelas que os jogadores fossem encarar algumas semanas mais tarde” (LISI, 2007, p. 114).

O Brasil não ficou para trás. De acordo com Wisnik (2008, p. 304), a delegação viajou com a antecedência necessária para se aclimatar à altitude de Guadalajara. Àquela altura, o desempenho da seleção seria uma incógnita. A seleção viria a contar com alguns experimentos arriscados: Pelé e Tostão jogaram juntos no ataque. Jairzinho, que não era ponta, jogaria na ponta-direita. Rivellino, que também não era ponta, faria a ponta-esquerda. O maior desafio daquele time, para muitos, seria a coexistência de vários jogadores que eram o camisa 10 de seus times. O experimento se mostraria frutífero na estreia, quando Rivellino, Pelé e Jairzinho marcaram na vitória sobre os tchecoslovacos. Esse seria um dos jogos desse Mundial a ser marcado por um dos “gols que Pelé não fez”, ao tentar encobrir o arqueiro Ivo Viktor com um chute do meio do campo. O “não gol” não fez falta, e ali começaria a trajetória de um time que seria reverenciado para sempre. Logo em seguida, os últimos dois campeões se enfrentaram, no que, segundo Lisi, foi chamado na época de “Choque dos Campeões”, que o Brasil venceu pelo humilde placar de 1 a 0. Apesar da derrota, os ingleses saíram felizes por não sofrerem mais

gols. Nesse jogo, outro gol que Pelé não fez correu o mundo: após cabeçada à queima-roupa, o goleiro Gordon Banks fez uma defesa que muitos clamam ser a “maior defesa da história”.

Após despachar o Peru nas quartas-de-final, o Brasil teria a primeira chance de se vingar do Uruguai nas semifinais, uma rivalidade que Lisi conta ter começado após a troca de provocações antes e depois do derradeiro jogo do Mundial de 1950. Mais uma vez, uma partida da Copa de 1970 teria um “não gol” de Pelé eternizado: ao dar um drible de corpo e deixar o goleiro uruguaio Mazurkiewicz na saudade, o Rei deu um toque, já desequilibrado, que atravessou a porta da equipe celeste, saindo pela linha de fundo, para alívio dos defensores que se atiraram desesperadamente em vão na frente da bola. Se Pelé tivesse marcado os “gols que Pelé não fez”, teria sido o maior artilheiro da história das Copas com 15 gols até 2014, quando seria superado pelo alemão Miroslav Klose, que anotou 16. Pelé, no entanto, nunca precisou desse recorde para ser o maior jogador da história das Copas.

Para os amantes do futebol seria reservado ainda o jogo final, entre Brasil e Itália, para uma audiência de 107 mil espectadores no estádio Azteca, na Cidade do México. Enquanto o Brasil encantava com o “jogo bonito”, a Itália chegaria na final abraçada em seu estilo pragmático e defensivo já consolidado, o *catenaccio*. Lisi conta que as mudanças táticas preparadas pelo time italiano para manter Pelé longe do gol funcionaram... por 18 minutos. No décimo nono minuto, Pelé voou por cima do zagueiro Tarcisio Burgnich e abriu o placar com um cabeceio potente. “Pulamos juntos, então eu caí, mas ele continuou lá em cima”, disse Burgnich (LISI, 2007, p. 124). Quem esperava que o Brasil passeasse em campo após esse gol, se enganou. No final da primeira etapa, o jovem Clodoaldo tentou brincar e entregou um presente para Boninsegna driblar o atabalhado goleiro Félix e empatar a partida. No segundo tempo, entretanto, não houve muito o que os italianos pudessem fazer. “Os brasileiros eram claramente os melhores entre os dois times, capazes de mover a bola por grandes distâncias no campo enquanto corriam muito pouco” (LISI, 2007, p. 125). Assim, botando os italianos na roda, a vantagem veio pela metade do segundo tempo, em um belo chute de fora da área de Gérson. Cinco minutos mais tarde, o mesmo Gérson lançou Pelé, que escorou de cabeça para o sétimo gol de Jairzinho na competição, sendo o único jogador da história a marcar pelo menos um gol em todas as partidas de um Mundial. Para completar, com a esquadra italiana já nas cordas, já passados os quarenta minutos do segundo tempo, um gol antológico (Globoesporte.com, 2016): no primeiro momento, no campo de defesa, Tostão faz a cobertura de Everaldo após disputa com o italiano Domenghini. Depois, Piazza, Clodoaldo, Pelé e Gérson gastam tempo trocando passes no campo de defesa, para logo em seguida Clodoaldo, o mesmo que havia cometido o erro que acarretaria no gol de empate italiano, limpar quatro marcadores

italianos e entregar a bola para Rivellino, que encontrou o contra-ataque na esquerda com Jairzinho, que puxa para o meio e entrega para Pelé, que escora na direita para que o capitão e lateral-direito Carlos Alberto Torres chegasse pela retaguarda, batendo de primeira e encontrando o canto da rede defendida por Enrico Albertosi. Era a chave de ouro que encerraria um Mundial memorável, que elevaria Pelé e seus companheiros ao nirvana do futebol mundial. Na comemoração após o apito final do árbitro alemão Rudi Glöckner, “um mar de torcedores mexicanos correu ao gramado. Pelé foi levantado e carregado pelo gramado nos ombros deles. Um *sombrero* preto foi colocado em sua cabeça, enquanto a multidão deleitou-se com a vitória” (LISI, 2007, p. 125).

Aquele time foi reverenciado nos anos seguintes ao longo da história por escritores, poetas, estudiosos ou qualquer um que achasse conveniente colocar qualquer coisa sobre futebol em uma folha de papel. Em seu romance autobiográfico *Febre de bola*, por exemplo, o autor inglês Nick Hornby descreve suas lembranças, quando menino, daquele time da “desleixada defesa”, que logo em seguida aplicava um desnorteante gol atrás do outro, deixando-o maravilhado “não só pela qualidade daquele futebol”, mas “pelo jeito como encaravam as firulas mais engenhosas e desconcertantes como se fossem tão funcionais e necessárias quanto um tiro de escanteio ou lateral” (HORNBY, 2000 apud WISNIK, 2008, p. 306). O sociólogo escocês Richard Giulianotti falaria do estilo ofensivo daquele time “como a forma mais pura e encantadora de futebol”, sendo “o espetáculo completo para milhões de telespectadores na Europa e nas Américas, com o primeiro superastro global do esporte, Pelé, em seu epicentro” (GIULIANOTTI, 2002 apud WISNIK 2008, p. 308), evidenciando também o papel da televisão em cores como difusora desse fenômeno (WISNIK, 2008, p. 306-8).

A resposta do futebol europeu veio logo na edição seguinte (Copa do Mundo da Alemanha Ocidental de 1974), de um país pouco esperado. A Holanda – que só havia disputado duas partidas em Copas, sendo a última em 1938, acumulando duas derrotas, contra Suíça e Tchecoslováquia – reapareceria, pela primeira vez com um time competitivo e, principalmente, encantador. Nascia ali o “Carrossel Holandês”, que também ficaria conhecido como “Futebol Total”. O plano do treinador Rinus Michels era colocar “todos os jogadores em campo tanto para atacar, quanto para defender, sendo suas posições permutáveis em qualquer momento dependendo da fluidez do jogo” (LISI, 2007, p. 129). O astro daquela equipe era o já mencionado Johan Cruyff, detentor do título de melhor jogador europeu em 1971, 1973 e 1974, que havia acabado de assinar com o Barcelona. Magrelo e alto, o astro holandês possuía uma capacidade de driblar e acelerar o jogo que ainda era complementada por sua inteligência e criatividade, demandando esforços sobre-humanos dos defensores adversários, que muitas

vezes só conseguiam sentar e chorar. O futebol holandês, que antes de 1969 jamais havia chegado a uma final da Copa dos Campeões Europeus, ganhou quatro títulos em sequência entre 1970 e 1973, sendo os últimos três com o Ajax de Crujff. A campanha holandesa até a final foi irretocável. Na primeira fase de grupos, apenas um empate contra a Suécia, tendo esmagado Uruguai e Bulgária. Na segunda fase de grupos, passeou: massacrou a Argentina, venceu tranquilamente a Alemanha Oriental e na decisão da vaga na final passou fácil pelo Brasil – cujo time estava em reforma após diversas estrelas se aposentarem da seleção após o título 1970. A decisão, no entanto, trouxe um infortúnio: após abrir o placar logo no terceiro minuto de jogo, perdeu a decisão de virada para a Alemanha Ocidental. No ano seguinte, em 1978, chegaria novamente à final, após uma campanha mais conturbada, na qual chegou a perder para a Escócia na primeira fase de grupos e golear a Áustria na segunda. Na final, até conseguiu levar a partida contra a Argentina para a prorrogação, mas terminou derrotada. O encantador Carrossel Holandês se despediu dos Mundiais sem levar um título, batendo na trave duas vezes. A Holanda voltaria a disputar uma final de Copa do Mundo apenas em 2010, perdendo novamente, dessa vez para a Espanha, superando Hungria e Tchecoslováquia e se tornando, sozinha, a seleção que mais chegou em finais sem jamais ser campeã (LISI, 2007).

Os anos entre 1950 e 1978 ajudaram a consolidar a Copa do Mundo como o maior evento do globo. Muito com a ajuda dos esportes que jogaram e encantaram o mundo com seu jogo, como verdadeiras expressões de arte. Nessa época, Brasil e Holanda marcaram o pós-guerra com a beleza do jogo de bola, se tornando ícones que inspiraram gerações. Menções honrosas também devem ser dadas ao time húngaro de 1954, comandado por Ferenc Puskás, que hoje nomeia o troféu dado pela Fifa ao gol mais bonito de cada ano e ao time da Polônia de 1978, liderada por Grzegorz Lato.

#### **2.4.1 A capacidade de mobilização da Copa do Mundo**

Não há consenso sobre o que faz do futebol, dentre tantos outros esportes, atrair interesse de tantas pessoas ao ponto de permitir à Fifa ter mais nações filiadas do que a própria ONU. O que está realmente acima de qualquer dúvida é que o futebol é um sucesso de crítica e de público, que atrai multidões para estádios e aqueles que não conseguem ou preferem não fazer parte das multidões dos estádios, fazem parte dos números cada vez maiores de audiência que os grandes eventos – não só a Copa do Mundo, mas também a Liga dos Campeões da Uefa – agregam no mundo todo.

Falar que a Copa do Mundo impacta o cidadão brasileiro não é exagero. Exagero, na verdade, é a forma como a Copa do Mundo impacta o cidadão brasileiro. No mês de abril, às

vésperas da Copa do Mundo da Rússia de 2018, por exemplo, o setor de eletrodomésticos da linha marrom já apresentara um crescimento de 41,1% (CALEIRO, 2018). A explicação dada por André Macedo, gerente da pesquisa, em nota, é que “esse crescimento já é esperado, porque, tradicionalmente, há uma produção expressiva de TVs nos três meses anteriores à Copa do Mundo”. Se para a indústria de televisores a Copa do Mundo traz uma melhora nos negócios, o efeito geral durante o Mundial é inverso: de acordo em pesquisa realizada pela consultoria em recursos humanos Curriculum, em um levantamento feito com 659 empresas sobre a Copa do Mundo da África do Sul de 2010 (ignora-se o Mundial de 2014 porque a Copa foi no Brasil, o que interfere na interpretação dos dados), quase 70% delas liberou funcionários para assistir os jogos da Seleção, enquanto o pouco mais de 30% restantes permitiu a seus funcionários que assistissem as partidas no expediente, afetando diretamente na produtividade (PORTAL R7, 2010). Isso porque no Mundial em questão o Brasil foi eliminado nas quartas-de-final pela Holanda, jogando apenas 5 partidas e ficando bem distante de disputar a final vencida pela Espanha.

Apesar do futebol ser um esporte criado e incubado em solo inglês, o Brasil é, de fato, o melhor ponto de vista para analisar o impacto da Copa do Mundo na vida social. Aqui, os resultados na Copa do Mundo são mais importantes para a construção de uma identidade do que identificações territoriais ou culturais, como as origens ou ao bairro onde se localiza o estádio de um clube de futebol. Essas identificações não chegam a ficar em segundo plano, mas não conseguem aquele mesmo efeito de parar o país, o que acontece uma vez a cada quatro anos, pelo menos enquanto o Brasil ainda tiver alguma chance de conquistar mais um título mundial.

Essa identificação brasileira com o futebol e, especificamente com a Copa do Mundo, é antiga. Wisnik (2008) traz os relatos de como “a primeira epifania do futebol como uma expressão privilegiada no mundo pode ser vista em 1938, na Copa [do Mundo] da França” (2008, p. 183). Em 1938, o Brasil tinha pela primeira vez uma equipe em campo que era reflexo do que de melhor havia no país, em detrimento da ridícula disputa bairrista entre Rio de Janeiro e São Paulo dos anos anteriores, e também pela primeira vez, as partidas seriam transmitidas ao vivo pelo rádio (WISNIK, 2008). Naquele ano, o Brasil faria bela campanha, eliminando Polônia e Tchecoslováquia antes de ser parado pela então campeã Itália nas semifinais, após um polêmico pênalti cometido por Domingos da Guia e convertido pela lenda Giuseppe Meazza. A Itália depois bateria a Hungria na final e seria bicampeã, e ao Brasil caberia o terceiro lugar depois de vencer a Suécia (LISI, 2007).

A polêmica do pênalti pode ter dado aos brasileiros um sentimento de injustiça, mas o sentimento geral após a Copa do Mundo da França de 1938 foi, finalmente, de orgulho de algo genuinamente brasileiro. Wisnik cita que uma pesquisa da época, após o torneio, elencou Leônidas da Silva entre as três personalidades mais célebres do Brasil, ao lado do cantor Orlando Silva e do presidente Getúlio Vargas (WISNIK, 2008).

Após os anos da Segunda Guerra, quando houve um hiato de dois quadriênios sem Copa do Mundo (o que será abordado no capítulo seguinte), a Copa do Mundo do Brasil de 1950 trouxe uma evidência ainda maior da combinação de sentimentos confusa, mas já nessa altura inquebrável, entre o futebol e o brasileiro. Após a vexatória derrota em 1950 surgiu, em meio à caça às bruxas pelos culpados da derrota, o lendário diagnóstico de Nelson Rodrigues: o “complexo de vira-lata”<sup>7</sup>. O próprio Nelson Rodrigues, anos mais tarde, colocaria sobre o título da Copa do Mundo da Suécia de 1958 as esperanças pela “cura” deste complexo (WISNIK, 2008). O simples fato do “complexo de vira-lata” ser citado continuamente até hoje, no entanto, é evidência suficiente para mostrar que a “cura” não se estendeu além do futebol, mesmo sendo o futebol brasileiro um dos poucos orgulhos (orgulho este gravemente ferido após o *Mineirazo*<sup>8</sup> de 1964) do brasileiro até os dias mais recentes.

## 2.5 A Copa do Mundo e as Relações Internacionais Contemporâneas

Se a utilização política dos Megaeventos foi explorada por ditaduras ao longo da existência da Copa do Mundo, recentemente quaisquer atores estatais têm se aproveitado da crescente saliência política do esporte de alto nível, principalmente a Copa do Mundo, para alcançar objetivos que vão além da vitória esportiva. Podemos definir “Megaeventos” como:

[...] eventos culturais (incluindo [os âmbitos] comerciais e esportivos) de larga escala, que têm um caráter dramático, apelo popular de massa e significância internacional. São tipicamente organizados por combinações variáveis de organizações governamentais nacionais e não-governamentais internacionais, portanto pode-se dizer que são elementos importantes nas versões “oficiais” de cultura pública (ROCHE, 1994 apud GRIX; HOULIHAN, 2013, p. 573).

Dentro dessa definição, os autores, colocam o existente consenso que apenas os Jogos Olímpicos e a Copa do Mundo podem ser Megaeventos de primeira categoria, relegando outros

---

<sup>7</sup> O “complexo de vira-lata” é definido por Nelson Rodrigues como “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face ao resto do mundo” (RODRIGUES, 1993, p. 62). O autor, em vários de seus textos, também afirmou que o torcedor brasileiro é “um Narciso às avessas, que cospe na própria imagem” (RODRIGUES, 1993, p. 60).

<sup>8</sup> Mineirazo, em referência ao Maracanazo de 1950, é um dos nomes que o imaginário popular deu ao fatídico evento do 7 a 1.

eventos, como os mundiais de críquete e rugby, além da Liga dos Campeões da Uefa em uma segunda categoria. Sendo as Olimpíadas e a Copa do Mundo tão relevantes, a pergunta “por que os Estados investem em Megaeventos?” pode finalmente ser respondida.

Os Estados investem em Megaeventos na esperança que a visibilidade trazida pelo evento e os investimentos feitos para tal tragam resultados desejados em diversos setores. Alguns Estados apostam nos Megaeventos para atrair prestígio internacional ou mudar sua imagem na comunidade internacional, aproveitando a atratividade do evento para controlar e moldar a forma como seu povo, suas tradições e sua cultura será divulgada. Outros procuram nos Megaeventos uma forma de aquecer sua economia, esperando que os investimentos feitos nas cidades-sede dessem retorno e que essa visibilidade já mencionada funcione como uma forma de se exibir para possíveis investidores como uma área próspera para negócios.

Pensando somente no custo com estádios, o custo de sediar um Mundial de futebol, dependendo da localidade, já começa alto. Para o Mundial, a Fifa “requer que o país-sede provenha ao menos oito e preferivelmente dez estádios modernos capazes de acomodar de 40,000 a 60,000 espectadores” (BAADE; MATHESON, 2004, p. 344-5). De acordo com o balanço publicado pelo Ministério do Esporte do Brasil (2014), somente o custo com estádios para a Copa do Mundo do Brasil de 2014 ficou em R\$ 8,3 bilhões, para a construção de doze praças esportivas. Dentro do total de R\$ 25,5 bilhões já antes mencionados neste trabalho, entre outros gastos, divulgados neste mesmo relatório, os principais são: aeroportos (R\$ 6,2 bilhões), portos (um pouco menos de R\$ 600 milhões), segurança pública (R\$ 857 milhões), defesa (um pouco menos de R\$ 700 milhões) e estruturas complementares para as cidades-sede (R\$ 578 milhões). A justificativa para esses gastos, segundo Baade e Matheson, seria “a promessa de um impacto econômico substancial”, visto que “aqueles que promovem subsídios para Megaeventos ao redor do mundo argumentam que tais gastos deveriam ser tratados apropriadamente como investimentos que geram retornos econômicos positivos” (2004, p. 345).

Dentro dos motivos que levam um Estado a propor sediar um evento de proporções globais, é importante destacar que exemplos positivos buscam ser copiados e acabam ofuscando as experiências negativas. Se a Copa do Mundo da Coreia do Sul e do Japão de 2002, por exemplo, não trouxe resultados econômicos significativos aos países-sede, ela ao menos permitiu que ambos países, principalmente a Coreia do Sul, utilizassem o evento para manipular suas imagens, se exibindo ao mundo desde a cerimônia de abertura, “vista por um número estimado de 2,5 bilhões de pessoas pelo mundo, [cujo] show multimídia trouxe um misto da cultura tradicional coreana com tecnologia de ponta” (HORNE; MANZENREITER, 2002, p.

194). Se para os japoneses foi importante, de acordo com Horne e Manzenreiter, o reconhecimento como parte da “família do futebol”, que é a forma como a Fifa refere-se a si mesma e à sua esfera de influência, os autores destacam como os coreanos tinham objetivos mais ambiciosos: “a Coreia [sic] procurou celebrar seu amadurecimento como sociedade, particularmente em comparação aos vizinhos mais próximos, Japão e China” (HORNE; MANZENREITER, 2002, p. 199). Os autores também destacam a união de esforços entre uma antiga potência imperialista e sua ex-colônia em deixar o passado para trás e cooperar com a complexa logística do evento. Ao final do evento, Chung Mong-Joon - diretor do Comitê de Organização Coreano, vice-presidente da Fifa e postulante à corrida eleitoral que se aproximava na Coreia do Sul - que costumeiramente se direcionava agressivamente ao Japão, veio a afirmar “que a Copa do Mundo da Fifa de 2002 ajudou a unir o povo destes dois países” (FIFA, 2002 apud HORNE; MANZENREITER, 2004, p. 200).

Por mais que prestígio e imagem nacionais sejam conceitos subjetivos difíceis de se medir em números, “o potencial impacto positivo sobre a imagem ou a marca de uma nação deixou de ser [somente] uma consequência bem-vinda para se tornar uma justificativa significativa para investir em sediar um Megaevento esportivo” (GRIX; HOULIHAN, 2013, p. 573). Assim, Grix e Houlihan (2013) fazem um estudo de caso sobre o impacto da Copa do Mundo da Alemanha de 2006 nas estratégias de *soft power* alemãs, neste Mundial que é geralmente considerado um dos maiores exemplos de sucesso do uso de um evento esportivo de alto rendimento em benefício da imagem externa de um país (p. 573). Este Mundial teria superado um grande problema da Alemanha: a relação, neste país, entre a identidade nacional e o esporte, danificada pelo nazismo nos Jogos Olímpicos de Berlim de 1936 e pelo atentado que causou a morte de onze atletas israelenses nos Jogos Olímpicos de Munique de 1972 (GRIX; HOULIHAN, 2013, p. 579-80). Entre as formas de mostrar o sucesso obtido pelo Mundial em 2006, Grix e Houlihan destacam o turismo, setor que de acordo com dados do governo alemão seguiu aquecido após o Mundial, como também o Índice Anholt-GfK Roper, índice que mede poder e qualidade da “marca” de uma nação, no qual a Alemanha subiu de sétimo lugar, em 2004, para o primeiro posto em 2007, se mantendo na segunda colocação em 2011 (ANHOLT-GFK ROPER 2011 apud GRIX; HOULIHAN, 2013, p. 580). Finalmente, um fator amplamente considerado pelos autores como fundamental para evidenciar o sucesso do Mundial é a maior facilidade que o cidadão alemão tem, após a Copa do Mundo, em lidar com sua identidade, ainda que continue a hesitar quando o assunto é o orgulho de seu país. Os autores concluem afirmando que, por consequência do evento, a imagem externa sobre a Alemanha e os alemães foi positivamente influenciada durante os anos seguintes e que “essa mudança na

percepção da Alemanha pelos outros é vista como um sucesso e resultado da produção de *soft power*” (GRIX; HOULIHAN, 2013, p. 583).

Embarcando no sucesso da Copa do Mundo em promover *soft power*, a Copa do Mundo aterrissou em 2010 em solo africano. Esta edição seria disputada na África do Sul, país com muito trabalho a fazer para realizar um evento de tamanha magnitude. Realizar um Megaevento em um país em desenvolvimento é um desafio à parte, mas os sul-africanos também carregavam o fardo de sediar o primeiro Mundial a ser realizado em solo africano, em uma candidatura essencialmente pan-africanista visando atingir os objetivos da “renascença africana” e o combate ao “afro-pessimismo” (REPÚBLICA DA ÁFRICA DO SUL, 2010 apud CORNELISSEN et al, 2011, p. 314). Outro desafio à candidatura sul-africana consistia na imagem deixada pelo apartheid. A Fifa banuiu a África do Sul de 1961 até 1992 por causa de suas políticas raciais (NDLOVU, 2009, p. 144), dando ao país-sede, assim como nos mundiais anteriores, o desafio de mostrar como sua sociedade havia se transformado de um Estado racista em uma sociedade multicultural. Dessa forma, todo o processo da Copa do Mundo da África do Sul de 2010, desde a candidatura até a realização do evento, teve um significado homogêneo, de que o evento era uma realização africana antes de uma realização sul-africana. Ndlovu (2009) também faz questão de mencionar o futebol como uma ferramenta de luta política contra o apartheid que seguiu com grande importância nas relações internacionais pós-apartheid na África do Sul, principalmente nas relações com outros países africanos (p. 151). Os resultados da organização do Mundial, porém, começaram a ser contestados, alguns até antes de sua realização. Para Pillay e Bass (2008), antes mesmo da bola rolar o país já havia perdido uma grande oportunidade de promover desenvolvimento urbano e tirar pessoas da pobreza, enquanto Chade (2015, p. 115), argumenta que “a Copa apenas passou pela África do Sul, criando um sentimento de orgulho por algumas semanas, deixando elefantes brancos pelo país e um resultado social inexistente”.

Já considerando a Rússia em 2018, uma curiosidade entre os países-sede das últimas três Copas do Mundo é que todos eles são membros dos BRICS, bloco que buscava alternativa à hegemonia ocidental no sistema internacional antes do preço do petróleo despencar. África do Sul, Brasil e Rússia, quando anunciados países-sede do Mundial, passavam por situação parecida: eram países com governo de continuidade, apesar da visão geral não apontar que nesses países a situação política tenha sido sempre tranquila. Desde 2008, todos os países dos BRICS sediaram algum evento esportivo de grande porte, e quase todos eles sediaram um Megaevento: a Índia sediou os Jogos da *Commonwealth* em 2010; a África do Sul sediou a Copa do Mundo também em 2010; Pequim, capital da China, foi sede olímpica em 2008 e

sediará as Olimpíadas de Inverno de 2022; a Rússia, além de sediar o Mundial de 2018, também sediou os Jogos Olímpicos de Inverno de Sochi de 2014; enquanto o Brasil sediou a Copa do Mundo em 2014 e as Olimpíadas de 2016 ocorreram no Rio de Janeiro.

Chade (2015, p. 123-128) fala da estratégia da Rússia, e principalmente do governo Putin, de tentar recuperar as glórias da época de União Soviética, após a década caótica durante a presidência de Boris Iéltsin. Somente nos Jogos de Inverno de Sochi (um destino turístico comum para os russos, só que no verão), afirma Chade, o Kremlin investiu US\$ 51 bilhões, “equivalente a todas as olimpíadas de inverno juntas” (p. 123). Os times de futebol do país receberam gordos patrocínios de empresas de setores como petróleo, gás natural e mineração, ao ponto que em 2010, 53% dos jogadores do campeonato russo eram estrangeiros (p. 125). “Em Sochi, o desconhecido time do Zhemchuzhina gasta [gastava] anualmente US\$ 30 milhões com a ambição de subir para a primeira divisão” (p. 126). O Zhemchuzhina, hoje, está extinto, assim como o futebol russo perdeu muita força desde 2014, quando o preço do petróleo despencou. Fica a dúvida para 2018 e para os anos seguintes: que tipo de legado a Rússia conseguirá alcançar?

### **3 OS INTERESSES ALHEIOS À COPA DO MUNDO**

Grande parte do crescimento da Copa do Mundo se deve à facilidade pela qual o Mundial de futebol foi absorvido pela globalização. Por mais que seja difícil dar uma explicação específica para o termo “globalização”, podemos facilmente explicar como a Copa do Mundo cabe como uma luva no propósito liberal de propagar um mundo globalizado e integrado, expandindo o alcance de diversas marcas e tornando-as consumidas no mundo todo.

O papel de atores não governamentais e com fins lucrativos no processo de crescimento e de transformação da Copa do Mundo, portanto, torna-se uma grande variável nessa equação, fazendo o torneio deixar de ser somente uma orgânica competição entre as melhores seleções de futebol (o que talvez nunca tenha sido) até se tornar o principal evento esportivo do mundo. Se já explicamos o poder político da Copa, neste capítulo abordaremos seu poder econômico, igualmente robusto. Depois, podemos facilmente entender como a combinação de poder político e econômico impactam nas decisões estatais, dando poder de barganha à Fifa e aos “donos” do Mundial de coagir o Estado a agir conforme suas preferências para garantir que possa receber a Copa do Mundo em seu território.

#### **3.1 Na tela da tevê, no meio desse povo**

Parecia apenas um detalhe, mas em 1954 a Copa do Mundo recebeu uma inovação que mudaria seu significado para sempre: o torneio realizado na Suíça em homenagem aos 50 anos de fundação da Fifa, sediada na cidade suíça de Zurique desde aquela época, receberia cobertura televisiva pela primeira vez. “Apesar de [a cobertura ser] limitada, alguns jogos foram transmitidos ao vivo em televisores pela Europa – o primeiro sinal real de que o torneio cresceria algum dia até se tornar um evento comercial global” (LISI, 2007, p. 60). Até aquele ano, a Copa do Mundo era um evento de grande impacto, porém somente local, parando a vida das cidades-sede enquanto a vida continuava em outros lugares, que só ficavam sabendo dos resultados pelo rádio. Se antes a emoção da partida dependia da emoção que o locutor empregava à narração, agora muitas pessoas poderiam, pela primeira vez, ainda que em preto e branco, enxergar e saber como era uma partida do torneio de futebol – esporte na época já consolidado como um fenômeno mundial – mais prestigiado do mundo. Àquele momento, os torcedores se deliciavam com o futebol, não apenas assistindo os jogos de seu país, mas prestigiando os jogos mais esperados. No St. Jakob Park, na Basileia, 56 mil suíços compareceram para assistir o embate entre Alemanha Ocidental e Hungria pela fase de grupos (LISI, 2007), que terminou favorável em 8 a 3 para os húngaros. Na final, 60 mil pessoas compareceram à vingança alemã, que ficou com o título após bater os mesmos húngaros de

virada, por 3 a 2. O Mundial de 1954 deu um show para os recém-chegados telespectadores, em uma chuva de gols que incluiu o jogo com o maior número de gols da história das Copas (Suíça 5, Áustria 7, pelas quartas-de-final) e terminou com uma média de 5,38 gols por partida.

Entre 1954 e 1958 o futebol europeu passava por transformações que agradariam o emergente mercado televisivo. Em 1955 foi realizada a primeira edição da Copa dos Campeões Europeus<sup>9</sup>, reunindo 16 clubes, todos campeões nacionais, sendo o primeiro torneio internacional de clubes a ser oficializado em edições anuais. Os cinco títulos do Real Madrid nas primeiras cinco edições do torneio dariam a consagração merecida ao time espanhol, comandado pelo argentino di Stéfano, assim como a legitimidade suficiente para o torneio (LISI, 2007). Se para os clubes, o torneio realizado pela Uefa serviria para trazer mais atrativos ao futebol, a Copa do Mundo ficou longe de ser superada: em sua segunda edição de cobertura televisiva, ressalta Lisi, mais de 1,500 jornalistas aplicaram para credenciais e a partida de abertura entre Suécia e México seria assistida por 40 milhões de pessoas.

### **3.1.1 Ao vivo e em cores**

A Copa do Mundo veio a se tornar um espetáculo televisivo a partir do Mundial de 1966, sediado pelos ingleses, criadores do jogo, sendo esta “a primeira [Copa do Mundo] a ser transmitida em cores a uma audiência televisiva internacional” (LISI, 2007, p. 102). Chisari (2006, p. 44-45) traz uma revisão especificamente sobre a transmissão televisiva deste Mundial. Segundo ele, o torneio da Inglaterra seria uma oportunidade de ouro a Fifa na intenção de transformar a Copa do Mundo em um espetáculo televisivo: ao contrário do Mundial anterior, disputado no Chile, o fuso horário e a distância (o autor frisa que na época era impossível fazer transmissões ao vivo de tão longe, visto que os satélites eram uma tecnologia ainda em fase experimental) facilitariam o trabalho de transmitir os jogos para o público europeu. Além disso, com a provável exceção dos Estados Unidos, a Inglaterra tinha o melhor serviço de transmissão do mundo, propiciando ao Mundial uma transmissão de qualidade. Assim, o contrato entre a Fifa e a EBU (*European Broadcast Union*) foi assinado pela bagatela de £300 mil, o que equivalia, à época, a US\$ 800 mil<sup>10</sup>. O contrato previa alguns procedimentos que viriam a se tornar um padrão: evita-se que partidas fossem disputadas simultaneamente, de forma que a emissora tivesse a possibilidade de transmitir a maior quantidade de partidas possível, algo que

---

<sup>9</sup> Em 1992, a competição se tornou a Liga dos Campeões da Uefa (LISI, 2007).

<sup>10</sup> Em torno de US\$ 6,5 milhões em valores atuais.

vigora até hoje, com a exceção da última rodada da fase de grupos, na qual as quatro equipes de cada grupo jogam simultaneamente como medida de impedir manipulação de resultados.

Chisari, em seu artigo, também traz dados interessantes para análise: na Europa, as transmissões foram distribuídas por duas redes: a Eurovision, que distribuiu para diversas emissoras de diversos países, principalmente – mas não exclusivamente – da Europa Ocidental, estando entre essas duas redes da Alemanha Ocidental, duas na Bélgica (uma para os flamengos, outra para os valões), três na Suíça (uma em alemão suíço, outra em italiano e mais outra em francês) além de redes em Dinamarca, Holanda, Áustria, França, Itália, Irlanda, Portugal e Espanha. Fora da Europa Ocidental, a Eurovision também transmitiu para Noruega, Suécia e Finlândia, na Escandinávia, Marrocos, Argélia e Tunísia, no Magrebe, e até mesmo a Iugoslávia, do outro lado da cortina de ferro, que foi em sua maioria coberta pela Intervision, que distribuiu imagens para redes de Alemanha Oriental, Bulgária, Hungria, Polônia, Romênia, União Soviética e Tchecoslováquia. As imagens também foram redistribuídas no mundo todo, sendo toda a América do Sul independente (com a exceção de Bolívia e Paraguai) e outros países no Caribe, na América do Norte, na África, na Ásia e na Oceania, incluindo cantões como o Japão, as Ilhas Maurício, Uganda, Malásia e até mesmo a Coreia do Norte, que viu sua seleção surpreender a Itália e chegar às quartas-de-final (CHISARI, 2006).

Com a exceção da Finlândia, salienta Chisari, todos os outros países servidos tanto pela Eurovision quanto pela Intervision exibiram a partida de abertura (no qual Inglaterra e Uruguai empataram), e todos os jogos a partir das semifinais foram transmitidos ao vivo por todos os países de ambas as distribuidoras. “Semifinais e final à parte, as partidas que estimularam mais interesse, especialmente no Leste Europeu, foram aquelas nas quais o Brasil estava envolvido” (CHISARI, 2006, p. 50). Os países sob distribuição da Intervision também deram atenção especial aos jogos de Hungria e Bulgária, mais do que os próprios soviéticos, mas foi a TSS, da União Soviética, que transmitiu a maior quantidade de jogos ao vivo: dezessete. Fora da Europa, devido a dificuldades logísticas, nenhuma partida foi transmitida ao vivo no Brasil ou na Argentina, mesmo que a fita de todas as trinta e duas partidas tenham sido transmitidas posteriormente. Na África, além do Sudão, que transmitiu reprise de todas as partidas, a Rodésia<sup>11</sup> conseguiu transmitir metade delas, conseguindo adquirir da BBC a transmissão dos jogos, mesmo com o embargo em exportações para aquele país. A final angariou uma audiência recorde para os padrões da época, como fez questão de salientar efusivamente o jornal *Daily Mirror*:

---

<sup>11</sup> Atual Zimbábue.

Os gnomos da comunicação em massa – se isso puder descrever os homens dos bastidores desse jogo, que é tão internacional quanto o carregamento e descarregamento de libras esterlinas – devem estar envaidecidos pelo próprio recorde mundial nesta tarde de sábado. Quatrocentos milhões de espectadores em quatro – ou seria cinco? – continentes estavam petrificados frente a seus televisores assistindo vinte e dois futebolistas. A última ocasião em que houve uma audiência nessa escala global foi durante o funeral de um verdadeiro estadista – CHURCHILL. Mas os números deste sábado excederam aquele total em cinquenta milhões. (DAILY MIRROR, 30 de julho de 1966 apud CHISARI, 2006, p. 49).

Somente na Inglaterra, ressalta Chisari, 30,5 milhões dos aproximadamente 50 milhões de habitantes assistiram à finalíssima. Em relação a todo o Mundial, em média, 29% da população inglesa estava na frente da televisão durante os jogos, em detrimento a média de 24% para outros programas (CHISARI, 2006, p. 51). Uma vez transmitida em cores para centenas de milhões de espectadores em todo mundo, a Fifa conseguiria espaços que poderiam ser vendidos para patrocinadores. Em cores, é muito mais fácil se ver uma marca estampada, permitindo a estes patrocinadores, então, vincular sua marca ao maior evento futebolístico do mundo.

Chade (2015, p. 69) argumenta que essa possibilidade permitiu, em 1970, uma parceria que seria imensamente lucrativa para as duas partes: a Fifa, dona da Copa do Mundo, e a Adidas, que até ser confrontada pela Nike, foi sozinha a maior empresa de produtos esportivos do mundo. Na Copa do Mundo do México de 1970, pela primeira vez a Copa teve uma bola oficial, produzida pela Adidas, a Telstar<sup>12</sup>, que recebeu esse nome em referência a sua aparência que lembrava os satélites lançados pela Nasa na década anterior. A Telstar é um símbolo facilmente reconhecível: uma bola branca com gomos pretos, estampando a primeira coisa que vem à nossa cabeça, hoje, quando pensamos em bola de futebol. Ainda que a transmissão fosse em cores, seu design possibilitava que fosse enxergada nos televisores em preto e branco, que ainda eram utilizados por milhões de pessoas.

Para a edição seguinte, disputada no país sede da Adidas – Alemanha Ocidental – a Adidas foi autorizada a estampar sua logomarca na bola. A estampa dessas três listras na bola oficial do Mundial acontece até hoje, em um contrato que renderá à Fifa anualmente a bagatela de US\$ 80 milhões até 2030. Apenas para poder dizer “sou a fornecedora oficial de bolas para

---

<sup>12</sup> Sua versão “modernizada” será a bola oficial da Copa de 2018.

a Copa do Mundo”, a Adidas depositará nos cofres da Fifa o montante de US\$ 960 milhões até o final do contrato (CHADE, 2015).

Para o Mundial de 1974, além da bola, outra simbologia marcante da Copa do Mundo é sua taça. Depois que a Taça Jules Rimet ficou definitivamente com o Brasil, três vezes campeão em 1970, a responsabilidade de esculpir o novo troféu ficou nas mãos do escultor italiano Silvio Gazzaniga (LISI, 2007, p. 128). Assim, Franz Beckenbauer, o capitão da Alemanha Ocidental, viria a erguer a nova taça pela primeira vez diante do mundo todo, que pode assistir, também pela primeira vez, a transmissão ao vivo do Mundial via satélite (LISI, 2007, p. 130).

### **3.1.2 A propaganda é a alma do negócio**

Quando o Mundial pode ser acompanhado ao vivo e a cores, a Fifa logo percebeu que o mundo todo poderia assistir não apenas aos grandes astros do futebol. Para a entidade, “o que rapidamente se percebeu é que o mundo também veria a imagem dos patrocinadores” (CHADE, 2015, p. 68). Assim, a nova visibilidade obtida pela Copa do Mundo serviria facilmente ao propósito de encher os cofres da Fifa – e de seus cartolas<sup>13</sup>.

Essa época coincidiu com a eleição de João Havelange à presidência da Fifa, que viria a se aproveitar da visibilidade da Copa do Mundo para, entre outras coisas, colocar em prática seus planos expansionistas para o Futebol:

Ele [Havelange] encontraria patrocinadores e com o dinheiro ajudaria as federações e associações nacionais, cursos ministrados por técnicos, médicos e árbitros, novos campos de jogo e mais competições nos países em desenvolvimento para clubes em desenvolvimento. A sede de Zurique seria ampliada (JENNINGS, 2011, p. 26).

Havelange sabia que grandes planos precisavam de dinheiro para sua realização. Assim, a Fifa privatizou a Copa do Mundo, de forma que pudesse vendê-la posteriormente. A empresa que quisesse pagar para estampar sua marca no Mundial só poderia fazer uma coisa: “pagar à Fifa, autodenominada dona da Copa do Mundo” (CHADE, 2015, p. 68). Os planos de Havelange foram adiante: em 1977, três anos após a posse do mandatário, a primeira Copa do Mundo sub-20 foi realizada na Tunísia. Oito anos mais tarde, na China, foi realizada a primeira Copa do Mundo sub-17 (JENNINGS, 2011, p. 26).

O marketing se tornou algo tão sério e defendido pela Fifa que em 1990 a entidade decidiu criar um departamento cuja função seria exclusivamente proteger suas marcas e processar

---

<sup>13</sup> Designação para personagens do futebol - empresários ou dirigentes - que, de maneira geral, utilizam terno ao invés do uniforme de um time.

violadores de direitos. Protegendo sua propriedade intelectual, a Fifa poderia facilmente aumentar o preço das marcas “Fifa” e “Copa do Mundo”, dando segurança aos patrocinadores que apenas esse seleto grupo de empresas teria seu nome vinculado ao Mundial. Durante a Copa do Mundo dos Estados Unidos de 1994, por exemplo, foram detectadas 258 violações de propriedade intelectual da Fifa, em 39 países. Às vésperas da Copa do Mundo da Alemanha de 2006, mais de 3,3 mil empresas em 84 países teriam utilizado as marcas da Fifa indevidamente (CHADE, 2015, p. 69-70). Se por um lado pode-se argumentar que a Fifa estaria apenas defendendo sua melhor possibilidade de explorar comercialmente seu próprio evento, por outro “até mesmo a Organização Mundial de Propriedade Intelectual [...] optou por se distanciar da entidade esportiva, considerando suas práticas abusivas” (CHADE, 2015, p. 70).

Nas mãos dos patrocinadores, o futebol se tornaria rapidamente uma commodity. Jennings (2011, p. 28-37) toma as relações entre Horst Dassler, proprietário da Adidas, e João Havelange, então novo presidente da Fifa como fundamentais nesse processo. Como o autor denuncia, Dassler, junto ao empresário Patrick Nally, conseguiu seduzir a Coca-Cola a investir na Fifa, e, principalmente, nas ideias de Havelange, ajudando “a criar novas competições, cursos de treinamento de técnicos e árbitros, e uma porção de coisas boas. Em troca, a Coca-Cola estamparia sua logomarca na Copa do Mundo” (JENNINGS, 2011, p. 28).

Assim, quando a Coca-Cola entrou na jogada, todo mundo viu que investir na Copa do Mundo era uma grande oportunidade de exibir sua marca não só por estar na maior competição esportiva do mundo, mas também por estar entre as marcas mais poderosas. Depois que a multinacional de bebidas investiu na Copa do Mundo, então, outras empresas passaram a disputar com voracidade um espaço entre as grandes. A disputa não se dava apenas com ofertas para a Fifa: as empresas também distribuíam mimos como forma de agradar seus contatos e suas equipes, além de passar a se infiltrar entre dirigentes e atletas (JENNINGS, 2011, p. 28-29). O que importa, por ora, é a constatação de que, com João Havelange, o Futebol virou objeto de conquista capitalista, conquistando o mundo todo. Ou melhor, quase todo. Faltava ainda um mercado importante que pouco havia sido explorado pelo Futebol.

### **3.1.3 Conquistando a América**

Se no mundo todo o futebol é um fenômeno amplamente apreciado e relevante na vida social dos cidadãos, um asterisco deve ser adicionado quando falamos sobre os Estados Unidos. A Copa do Mundo do Brasil de 2014 decretou uma nova era para o futebol no mercado estadunidense, finalmente angariando grandes audiências em um país dividido entre beisebol,

basquete, hóquei no gelo, futebol americano e só recentemente, futebol. O processo até chegar a esse ponto, no entanto, foi longo.

Em 1950, o time de futebol dos Estados Unidos protagonizou em Belo Horizonte a primeira grande zebra da história da Copa do Mundo, batendo os ingleses por 1 a 0. O que talvez tenha sido a vitória mais improvável do esporte norte-americano, na época, foi noticiado em apenas um jornal local: o *St. Louis Post-Dispatch*. A vitória e os jogadores daquele time voltaram para casa após o Mundial e foram recebidos como se absolutamente nada tivesse acontecido. Walter Bahr, autor da assistência do gol daquele jogo, conta que “a única pessoa a me encontrar no aeroporto foi minha mulher. Ninguém fez caso disso [a vitória]. Nós não esperávamos que ninguém fizesse caso disso” (LISI, 2007, p. 54). O futuro do autor do gol, Joe Gaetjens, foi ainda mais sombrio. De volta ao Haiti, seu país natal, foi preso pelo ditador François Duvalier, a quem sua família prestava oposição, e dado como morto desde então. O reconhecimento aos jogadores daquele time veio somente no filme *The Game of Their Lives* (no Brasil, *Duelo de Campeões*), lançado em 2005 (LISI, 2007, p. 53-4).

O primeiro lampejo de popularidade do *soccer* nos Estados Unidos veio com a transferência de Pelé ao New York Cosmos, da NASL (*North American Soccer League*), em 1975. Nos Estados Unidos, mais do que um jogador, Pelé se tornou o embaixador do futebol (LISI, 2007, p. 130). A ida de Pelé à NASL permitiu que a liga trouxesse algumas outras estrelas da Copa do Mundo, como o italiano Chinaglia e o alemão Franz Beckenbauer (LISI, 2007, p. 135;139). Por mais que a distância entre a NASL e o futebol de classe mundial pudesse ser medida em anos-luz, a presença de Pelé na liga atraiu multidões que frequentemente batiam os 70 mil espectadores ao Giants Stadium, em Nova York. Crescente em sucesso, a NASL montou uma equipe de *all-stars* chamada “Team America”, em 1976, cujo propósito foi apanhar de grandes seleções de futebol na *Bicentennial Cup*, em partidas que enchiam os cofres da entidade. O torneio foi vencido pelo Brasil. Pelé se aposentou em 1977, em um jogo festivo do New York Cosmos contra o Santos, no qual o grande astro jogou um tempo em cada equipe, para uma multidão de 75,646 torcedores. Mesmo sem seu principal embaixador, sucesso do futebol no país prosseguiu, e nem o gênio holandês Johan Cruyff escapou de jogar em um time da NASL, sendo contratado pelo Los Angeles Aztecs em 1979 (LISI, 2007, p. 143-4).

Em termos de Copa do Mundo, entretanto, não houve nada que a NASL pode fazer pelos Estados Unidos. Se a liga obteve sucesso grandes estrelas do futebol mundial, o mesmo com certeza não pode ser dito sobre formar talentos locais. Em 1983, em vista de preparar a seleção para disputar as eliminatórias para a Copa do Mundo do México de 1986, a NASL juntou suas principais estrelas locais no Team America. Como o México já tinha sua vaga assegurada para

o Mundial por ser o país-sede, seria uma oportunidade de ouro para que os Estados Unidos, sem a oposição mexicana, conquistassem a vaga destinada à região (América do Norte, Central e Caribe). Entretanto, assim como no torneio do bicentenário, o Team America continuou sua sequência de fracassos, registrando 10 vitórias e 20 derrotas contra os times da própria liga. Envergonhada, a liga dissolveu a equipe para a temporada seguinte. Nas Eliminatórias, a seleção estadunidense foi eliminada pela Costa Rica, sem ao menos alcançar a última fase decisiva. O fracasso da seleção também sufocou a continuidade da NASL, deixando os Estados Unidos sem uma liga profissional de futebol entre 1984 e 1996, ano de fundação da MLS (LISI, 2007, p. 191).

Mesmo que os Estados Unidos tenham se classificado para o Mundial de 1990), a decisão de sediar a Copa do Mundo de 1994 nos Estados Unidos foi envolta em polêmica, visto que, como diziam os críticos, o Mundial seria “um fracasso sombrio com estrelas internacionais – desconhecidas para a grande maioria dos fãs de esporte nos Estados Unidos – resultando em partidas disputadas em estádios meio-vazios” (LISI, 2007, p. 247). Guimarães Octávio Pinto, membro da campanha brasileira para sediar o evento em concorrência com os Estados Unidos, declarou à época que sediar a Copa do Mundo nos Estados Unidos seria a mesma coisa que sediar a *World Series* (ponto máximo de uma temporada de beisebol nos Estados Unidos) em solo brasileiro (LISI, 2007, p. 248).

A Copa do Mundo dos Estados Unidos de 1994 também seria, para a Fifa, talvez a última oportunidade de conquistar o mercado norte-americano. Sucesso entre mexicanos, o futebol era um esporte de relevância mínima para estadunidenses e canadenses, dando aos organizadores do evento o dever de promover o futebol. Procurando gerar interesse no esporte e no evento, os organizadores lançaram o *Legacy Tour '94*, uma série de *fan festivals* por todo o país, contando com a participação de mais de um milhão de pessoas em 110 cidades (LISI, 2007, p. 248-9). A Copa anterior, disputada em 1990, na Itália, também preocupou a Fifa: como atrair atenção para a Copa do Mundo em um país onde esportes com pontuação dinâmica são altamente difundidos logo após um torneio cuja média de pontuação foi de apenas 2,21 gols por partida? Como atrair esses mesmos fãs de esporte após um Mundial no qual a Argentina chegou na final com um futebol largamente defensivo (LISI, 2007, p. 249)?

Para conquistar os fãs de esporte nos Estados Unidos, diversas mudanças de regras foram debatidas, procurando mitigar o interesse das equipes em matar tempo. Após várias discussões, algumas mudanças ocorreram: ao receber um recuo de bola de sua defesa, o goleiro não era mais autorizado a pegar a bola com as mãos, o que desencorajaria as equipes a utilizar recuos para o goleiro como forma de matar tempo; uma entrada faltosa por trás seria diretamente

punida com o cartão vermelho, dissuadindo um jogador de matar uma jogada adversária após ser deixado para trás; por último, a vitória deixou de valer dois pontos e passou a valer três (LISI, 2007, p. 249).

Um fator preponderante para manter o interesse pelo futebol nos Estados Unidos também seria o desempenho da equipe. A missão de tirar leite de pedra e classificar o time de um país que sequer tinha uma liga profissional de futebol ficou nas mãos do iugoslavo (hoje sérvio) Bora Milutinović, um treinador que, por conveniência, já havia se mostrado um grande ordenhador de pedras em Copas do Mundo, classificando o México para as quartas-de-final do Mundial de 1986 e a Costa Rica para as oitavas em 1990 (LISI, 2007, p. 250). O time montado foi um catado de veteranos, universitários e jogadores de futebol *indoor*, obrigando ao treinador realizar uma série de amistosos – 34 amistosos disputados até 1993, com 10 vitórias, 11 empates e 13 derrotas – para dar experiência ao time. Para coroar as expectativas de uma campanha que não fosse miserável, os Estados Unidos bateram o México, seu maior rival e algoz de longa data, por 1 a 0, diante de 93 mil torcedores – majoritariamente mexicanos – em Pasadena, onde seria disputada a final da Copa algumas semanas mais tarde (LISI, 2007, p. 250-1). A campanha na Copa do Mundo em si não foi nada mal: uma vitória, sobre a Colômbia – sensação que havia amassado a Argentina por 5 a 0 nas Eliminatórias – um empate, contra a Suíça, e duas derrotas, contra a Romênia, na fase de grupos, e contra o Brasil – futuros campeões – nas oitavas-de-final (LISI, 2007, p. 254-265).

Após o torneio, pode-se considerar as tentativas da Fifa e da federação nacional dos Estados Unidos (USSF, precursora da US Soccer) como frutíferas. O futebol passou a ser disputado nas ruas do país como nunca antes. O comparecimento do público aos jogos, motivo de grande alarde para os críticos durante a organização, bateu por muito os recordes de público total e médio, com um total de 3,58 milhões de espectadores e uma média de 68,991 torcedores por jogo (LISI, 2007, p. 272), número excepcional se levarmos em conta que nenhum outro Mundial passou a marca de 55 mil espectadores por jogo. A Copa do Mundo acabou conquistando público nos Estados Unidos por uma via bem estadunidense de ser: se mostrando um esporte atrativo, de fato, mas, principalmente, se mostrando um negócio rentável. Se antes o futebol foi rejeitado e tido como parte do imperialismo inglês, o futebol começou a ganhar terreno em solo estadunidense pelos imigrantes latinos, e, por muito tempo, foi taxado como o esporte desses imigrantes. Hoje, a expansão do futebol – e da liga profissional – no país aponta números cada vez mais crescentes: em 1999 a MLS (*Major League Soccer*, liga de futebol

profissional nos Estados Unidos) contava com módicas 12 equipes, enquanto atualmente executa um plano que pretende expandir para 28 equipes<sup>14</sup>, até 2020 (BELSON, 2017).

Os números de merchandising mostram o sucesso das grandes competições de futebol nos Estados Unidos: segundo a agência de marketing Portada (GUTIÉRREZ, 2017), um anúncio de 30 segundos no intervalo da final da Copa do Mundo do Canadá de 2015, no futebol feminino, disputada entre Estados Unidos e Japão, custava mais do que um anúncio de mesma duração durante a Stanley Cup, o campeonato de hóquei no gelo. Um anúncio com a mesma duração na final da Copa do Mundo do Brasil de 2014, no futebol feminino, disputada entre Alemanha e Argentina, custava mais do que o mesmo anúncio na final da NBA, a liga de basquete, o segundo esporte mais popular do país, atrás do baseball.

Segundo Chade (2015, p. 90), o diretor de televisão da Fifa, Niclas Ericson, definiu a Copa de 2014 como um divisor de águas no mercado dos Estados Unidos. O jogo da seleção norte-americana contra Portugal, por exemplo, teve uma audiência superior a 25 milhões de pessoas no país, mais que os 15 milhões que os seis jogos da final da Major League Baseball tiveram em média. Os torcedores do *US Team* também, segundo Chade, encabeçaram a lista dos torcedores estrangeiros que mais compraram ingressos para este mesmo Mundial.

O sucesso do futebol nos Estados Unidos pode ser medido também pela repercussão do fracasso da seleção nacional em se classificar para a disputa da Copa do Mundo da Rússia de 2018, que não ficava fora de um Mundial desde 1986, em uma campanha que já provocava polêmica pelo desempenho estadunidense em campo e também pelas declarações do técnico da seleção, Bruce Arena, alegando que a xenofobia de Donald Trump direcionada aos latinos estaria fazendo com que as outras equipes do hexagonal final da disputa pelas 3,5 vagas (três diretas e uma indireta) pela CONCACAF, de nações invariavelmente latinas – México, Costa Rica, Panamá, Honduras e Trinidad e Tobago – jogassem contra os Estados Unidos com motivação extra (THE GUARDIAN, 2017). A declaração de Arena envergonhou sua seleção, em uma vergonha que foi completa pela reação de terra arrasada da imprensa do país quando, ao ser derrotada pela lanterna Trinidad e Tobago, a seleção dos Estados Unidos deu adeus à

---

<sup>14</sup> É preciso, antes, frisar que os esportes nos Estados Unidos têm uma dinâmica própria. Se em quase todo lugar do mundo as ligas preferem contar com uma primeira divisão enxuta, dividindo o resto das equipes em divisões inferiores, nos Estados Unidos as equipes são divididas por região – Conferência Leste e Oeste – sem rebaixamentos ou promoções. Os clubes representam comunidades mais amplas, geralmente sua cidade, em detrimento de comunidades mais específicas como operários ou imigrantes – a tentativa de ter uma equipe que representasse os imigrantes latinos, o Chivas USA, célula do clube mexicano Chivas Guadalajara, fracassou (BAXTER, 2014). Ter 28 equipes na liga, então, significa que as maiores cidades norte-americanas estarão representadas na MLS em 2020.

disputa pelo Mundial, no que a seção de esportes do jornal USA Today (2017) chamou de “maior vergonha da história esportiva dos EUA”.

### 3.2 O Estádio virou Arena

É muito bem sabido que o estádio do futebol também se transformou em negócio. No Brasil, principalmente nos anos de preparação para a Copa de 2014, muito se foi falado do conceito de Arena, que foi alçado a um status de obra de engenharia destinada ao futebol de padrão estrutural e moral superior aos estádios que existiam antes. Todos os estádios do país, por mais funcionais que fossem, foram rebaixados à categoria “sucata” e, para o Mundial, novos estádios deveriam ser construídos e os antigos deveriam ser completamente remodelados.

Apesar de muito se ter falado em “Padrão Fifa” durante a preparação para a Copa do Mundo, pouco se falou no que é o padrão Fifa. O Padrão Fifa, quando nos referimos a estádio, é um conjunto de recomendações e requerimentos técnicos feitos pela Fifa para os estádios que sediam suas competições. A Fifa argumenta que suas normas técnicas proporcionam segurança e conforto ao espectador. Outros, no entanto, argumentam que a modernização do estádio é um pretexto para transformar o torcedor em cliente. Em seu *best-seller* “Febre de Bola”, Nick Hornby (2013, p. 75-76), por exemplo, argumenta que as torcidas dificilmente conseguirão recriar a antiga atmosfera dos estádios de futebol, ao passo que os clubes parecem querer transformar seu público alvo, que era em sua grande maioria uma massa proletária, para substituí-los por famílias de classe média, que pagam mais e brigam menos.

Como explicar, então, uma transformação tão grande em tão pouco tempo não apenas na estrutura dos estádios, mas também na cultura de arquibancada?

#### 3.2.1 Hooliganismo e Hillsborough

Em 1989 o futebol de clubes da Inglaterra estava mergulhado em caos. Quatro anos antes, em um episódio lembrado pelo The Telegraph (28 de maio de 2015), os clubes ingleses foram proibidos por cinco anos de disputar competições internacionais após a Tragédia de Heysel, na Bélgica, na final da Copa dos Campeões Europeus de 1985, disputada entre Liverpool e Juventus<sup>15</sup>.

Mas o que aconteceu em Sheffield, no dia 15 de abril de 1989, tomou dimensões ainda maiores. Como recorda uma reportagem da CNN (2018), uma multidão superior a 50 mil

---

<sup>15</sup> Na ocasião, 39 pessoas morreram esmagadas ou asfixiadas após uma confusão, segundo o jornal, diretamente ligada a torcedores do Liverpool. Quem também foi diretamente apontado como culpado pela tragédia pelo inquérito da juíza Marina Coppieters seria o governo belga, que se manteve em silêncio (BROWN, 2015).

espectadores se aglomerou para a partida a ser disputada entre Liverpool e Nottingham Forest, pela semifinal da Copa da Inglaterra. Na tentativa de resolver um gargalo na entrada dos torcedores do Liverpool no estádio, as autoridades policiais do estádio abriram uma das saídas, permitindo que as pessoas entrassem por ali. Assim, rapidamente cerca de 3 mil torcedores se afunilaram em uma área sem cadeiras com capacidade para 1,6 mil pessoas. Na confusão, 96 torcedores morreram e 162 foram hospitalizados. O caos do futebol inglês havia chegado em seu ápice.

Imediatamente, foi noticiado que, novamente, os fãs do Liverpool haviam causado uma tragédia. O tabloide *The Sun* afirmou, à época, que torcedores do Liverpool tinham “urinado na polícia”, “batido a carteira de vítimas mortas” e “prevenido bravios policiais de dar o beijo da vida a algumas vítimas em Hillsborough” (GIBSON, 2004). David Duckenfield, supervisor da polícia de South Yorkshire, encarregado da segurança do evento, culpou os torcedores do Liverpool de forçar a abertura dos portões de saída, informação que ele mesmo afirmou ser mentira posteriormente. (CNN, 2018). Duckenfield se aposentou em 1990, enquanto a tiragem do *The Sun* em Liverpool é, até hoje, mínima, mesmo que o editor Kevin MacKenzie tenha pedido perdão por veicular tantas mentiras.

Muito se documenta, sobre este caso, em relação ao “Relatório Taylor”. Não existe um “Relatório Taylor”. Existem dois. O primeiro deles saiu em agosto do ano da tragédia, no calor do momento. A primeira conclusão do relatório interino versou que torcedores haviam forçado a entrada no estádio pelo portão C, mas desfez o caso da polícia de South Yorkshire, que alegava que “torcedores haviam conspirado para entrar no estádio sem ingresso” e que “muitos deles estavam alcoolizados”, atestando que a grande maioria dos envolvidos estava sóbrio e com ingresso (TAYLOR, 1989, p. 35). A principal conclusão de Taylor foi o péssimo trabalho da polícia, que abriu os portões quando a situação já se encontrava insustentável (TAYLOR, 1989, p. 11-12). O relatório também explicita algumas situações que dão dimensão à situação incontrolável da confusão, como quando um dos cavalos da polícia foi simplesmente levantado pela multidão, não por malícia, mas por pura consequência do desespero (TAYLOR, 1989, p. 34). Apesar das acusações, segundo a CNN (2018), a promotoria garantiu que nenhum policial seria indiciado, e o caso foi julgado apropriadamente somente em 2012, concluindo que a ação da polícia foi responsável pela tragédia, que houve um acobertamento de evidências por parte da polícia, transferindo sua culpa para os torcedores, e que uma melhor resposta da polícia à crise, após seu início, poderia ter salvo 41 das 96 vidas perdidas. Em 2017, Duckenfield e outras cinco pessoas foram indiciadas e Duckenfield enfrenta 95 acusações de homicídio. Por motivos

legais, o chefe de segurança da ocasião não pode ser processado pela 96ª morte, que ocorreu quatro anos depois da tragédia (CNN, 2017).

### 3.2.2 O Relatório Taylor e a Solução Inglesa

O “Relatório Taylor” ao qual todos se referem quando debatem o impacto da tragédia de Hillsborough no futebol contemporâneo é o segundo, de janeiro de 1990. Se o inquérito criminal de Taylor obteve êxito em responder várias perguntas e trazer verdade à luz de muitas mentiras, o documento final teve um caráter recomendatório louvado por alguns e criticado por muitos. Atribui-se, sim, ao Relatório Taylor, o final da crise do hooliganismo no Reino Unido. O hooliganismo ainda existe, mas hoje se encontra em sua maioria fora dos estádios. Essa é a Solução Inglesa para o problema da violência nos estádios.

As conclusões de Lord Taylor sobre como prevenir novos acidentes desse tipo, pensando apenas em questões de segurança, foi um sucesso, afinal, incidentes desse tipo nunca mais aconteceram em território britânico. No entanto, ao serem aplicadas, as recomendações do documento mudaram completamente a forma de torcer, inicialmente na Grã-Bretanha, posteriormente no mundo todo. A primeira dessas alterações foi a instalação gradual e completa de assentos em todos os estádios, vetando que qualquer praça sob a *Safety of Sports Grounds Act 1975* dispusesse de lugares para se assistir às partidas em pé até a temporada 1999/2000 (TAYLOR, 1990, p. 76). Nas arquibancadas, foi-se instituída a obrigação de se calcular e informar a quantidade máxima de pessoas por arquibancada, além de se institucionalizar melhores mecanismos de contagem de pessoas e ingressos (TAYLOR, 1990, p. 76-77). Os serviços de emergência também ganharam obrigações: ficaria a cargo dos serviços de polícia, bombeiros e ambulância manter ligação com cada praça esportiva, além da presença de um paramédico para cada mil espectadores (TAYLOR, 1990, p. 80-81).

De todas as setenta e seis recomendações finais do Relatório Taylor, a que mais impactou a forma de torcer foi a de implantar assentos em 100% de todas as praças, visto que “a redução da capacidade, as melhorias nas instalações e o custo de construção provocou um aumento no preço dos ingressos sem precedentes na história do futebol” (KING, 1997, p. 334). King (1997) faz um estudo de caso sobre essas transformações específicas na torcida do *Manchester United Football Club*, analisando as diferenças de comportamento entre os torcedores antes e depois das mudanças, que vieram também em congruência com a mercantilização do esporte. O torcedor que King analisa é essencialmente masculino, que se engaja em atividades com outros homens para demonstrar o amor por seu time do coração, em um ritual tribal constituído por três atividades principais: cantoria, alcoolismo e brigas (1997,

p. 332). Segundo o autor, essa transformação nos estádios “modificou as possibilidades para a expressão ritualística de identidade e solidariedade e também atraíram novas (mais afluentes e familiares) audiências para o futebol” (KING, 1997, p. 329). Por mais que visto de fora aparentemente as mudanças trouxeram somente benefícios – principalmente com o sucesso em diminuir a violência – para as praças, essas mudanças também trouxeram transformações sociais profundas ao entorno dos estádios, gerando um processo de elitização que afastou o torcedor mais pobre – e mais festeiro – de sua principal atividade de fim-de-semana (KING, 1997).

Mesmo dentro do estádio, segundo King, o torcedor tem dificuldades em manter seu estilo de torcer. Com o veto às arquibancadas abertas, a homogeneização e numeração dos assentos e a ainda alta demanda por ingressos de torcedores comuns, é mais improvável que os torcedores casuais<sup>16</sup> consigam aleatoriamente comprar ingressos para o mesmo setor. Longe de seus amigos e sentado, a atividade de levantar e puxar um canto ou algum grito de guerra dentro do estádio deixa de ser um momento inspirador e se torna apenas um momento constrangedor, na isolamento panóptica do assento (KING, 1997, p. 335-336).

Acompanhado pelo processo de mercantilização do futebol, a elitização afastou o torcedor mais pobre do estádio não apenas por motivos financeiros: como a instalação de assentos diminui a capacidade máxima do estádio, essa exclusão se tornou aritmética porque eventualmente sequer haviam assentos suficientes que comportassem a demanda por ingressos (KING, 1997, p. 334). Ao transformar seu patrimônio em produto, os clubes também têm um interesse menor pela sua audiência tradicional. O Manchester United, por exemplo, “é favorável à solicitação de ingressos por torcedores em grupo, torcedoras do sexo feminino e torcedores de fora da área local” (KING, 1997, p. 335), transformando a praça esportiva em um ponto turístico, atraindo pessoas – não necessariamente torcedores – que pagam um preço maior pela experiência totalmente nova de assistir a uma grande equipe europeia e também é mais propenso a gastar em camisetas ou souvenirs nas lojas do clube.

King também nota que a reação dos torcedores casuais a esse processo não é essencialmente rebelde, muito menos de aceitação. Para o autor, essa relação é uma contradição “entre interesse mútuo e oposição, de consentimento e resistência” (KING, 1997, p. 331): ainda que se organizem em associações de torcedores que buscam mitigar o efeito dessas mudanças em sua forma de torcer (p. 336-337) e boicotem produtos da loja oficial, os casuais reconhecem

---

<sup>16</sup> O torcedor casual se autodenomina assim porque passa a boicotar os produtos da loja oficial do clube, vistos por eles como símbolo do processo que mercantilizou o futebol e tirou seu espaço no estádio. Por isso, eles vão vestidos ao estádio em trajes casuais, ao invés de utilizar roupas oficiais da equipe (KING, 1997).

que o sucesso financeiro é importante para o sucesso esportivo do clube e, mesmo abominando que seus amigos comprem réplicas oficiais, sentem-se agrados pelo sucesso da loja e das operações de *merchandising* do clube, visto que esse sucesso “ajuda o clube a competir por jogadores no mercado internacional” (KING, 1997, p. 342).

A Solução Inglesa só resolveu o problema da violência no futebol quando analisada por um ângulo específico: seu próprio ângulo. Tirar o acesso das pessoas violentas ao estádio resolve o problema da violência dentro do estádio, simplesmente por transferi-la para fora dele. Como King bem nota, a atmosfera de masculinidade e irmandade que os casuais não encontram mais dentro do estádio é facilmente encontrada fora dele, principalmente nos bares do entorno do estádio (1997, p. 336).

A principal prova de que o problema do hooliganismo não foi nem um pouco resolvido, além das soluções precárias que excluem o torcedor de renda modesta dos estádios, é que novamente o hooliganismo continua dando suas caras em jornais e segue sendo problema de segurança pública na Europa. Em 2015, quando Roma e Feyenoord se enfrentaram pelas segunda fase da Liga Europa, os torcedores holandeses vandalizaram pontos turísticos da capital italiana, entrando em combate com a polícia e vandalizando monumentos históricos (DAILY MAIL, 2015). Em 2016, durante a Eurocopa da França, hooligans russos e ingleses entraram em combate por dois dias na cidade de Marselha, e a batalha teve seu auge em pleno estádio Velódrome, quando os russos atacaram a área reservada aos ingleses (GLOBOESPORTE.COM, 2016). Há especulações, inclusive, de que os hooligans russos teriam expressado a intenção em reeditar esses episódios em solo russo, tendo até mesmo feito parceria com os barra-bravas argentinos, criando um ar de preocupação em relação a mais episódios de violência na Copa do Mundo de 2018 (O ESTADO DE S. PAULO, 2018).

### **3.2.3 O Padrão Fifa**

A mercantilização e o desejo capitalista por lucro disseminaram adaptações das recomendações do Relatório Taylor da mesma forma que as navegações comerciais do final do século XIX disseminaram o futebol: primeiro em alguns pontos da Europa, depois pela Europa toda, depois pelo mundo. Não demorou até que a Fifa lançasse suas próprias diretrizes – que no Brasil ficariam conhecidas como “Padrão Fifa” – em um documento oficialmente nomeado *Football Stadiums: Technical recommendations and requirements*, cuja 5ª edição e mais atual é datada de 2011. Nas palavras introdutórias de Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa, já podemos ter uma ideia dos requerimentos da federação:

Os requerimentos gerais para um estádio da Copa do Mundo da FIFA™ não difere de uma partida regular internacional ou de uma liga de topo – mas a escala desses requerimentos difere grandemente. Muito se é requerido de um estádio de Copa do Mundo da FIFA™: durante a Copa do Mundo da FIFA de 2010™, uma média de 49,670 espectadores assistiu a cada partida, consumindo mais de 3,1 milhões de garrafas de bebidas. 56MW de força, gerados por 253 estações de força temporárias, foram consumidos – o que se compara ao suprimento para mais de 56,000 casas. 2,750 horas de material de televisão foram produzidas para transmissoras em 214 países. A atual produção em alta definição requer ao menos 30 câmeras por partida para a transmissão mundial, e todos esses aspectos devem ser tomados em consideração ao se planejar (FIFA, 2011, p. 9).

Duas diretrizes básicas guiam todo o documento: estrutura para a transmissão e conforto e segurança para os espectadores. Os estádios devem dispor somente de lugares sentados – e até mesmo as cadeiras têm requisitos mínimos (p. 109) – e devem proporcionar cobertura a todos os assentos em qualquer ambiente que seja frio, úmido ou tenha uma alta incidência solar – o que inclui quase todos os lugares do planeta. Além disso, o documento recomenda que os estádios passem a adotar o caríssimo sistema de teto retrátil, que cobre completamente o estádio e aumenta os custos de manutenção do gramado (FIFA, 2011, p. 108). Para os banheiros, o estádio deve dispor de três sanitários, quinze mictórios e seis pias para cada mil homens e vinte e oito sanitários e quatorze pias a cada mil mulheres, ainda requerendo um banheiro privativo a cada cinco mil espectadores, para o uso de pessoas que requerem assistência especial (FIFA, 2011, p. 112).

Há dois motivos de contestação a se levantar ao Padrão Fifa: primeiro, é questionável a necessidade de tamanho rigor nas regras e, principalmente, se é aplicável tamanhas normas técnicas que encarecem estádios que serão abandonados logo após o evento, como o já citado caso da Arena Pantanal, cujo Padrão Fifa está à disposição de mil espectadores por jogo e alguns alunos da rede pública de ensino. Também temos casos recentes em países desenvolvidos, de partidas de Copa do Mundo ocorrendo em estádios sem cobertura no calor do meio-dia. O principal deles é a própria final da Copa do Mundo de 1994, disputada por Brasil e Itália no Rose Bowl, em Pasadena, tendo seu início às 12:30 por causa dos horários da televisão europeia, sem cobertura e em pleno verão na Califórnia, onde, segundo a própria Fifa (s.d.), mais de 94 mil espectadores se espremeram para assistir ao confronto.

É questionável o gasto feito pelos governos em praças tão dispendiosas e luxuosas que depois perdem completamente seu uso. Se já foram citados vários exemplos no Brasil, temos

mais um belo exemplo vindo da África do Sul. O estádio Mbombela, construído na cidade de Nelspruit, foi alvo de uma reportagem do Trivela (2014), mostrando como todos os planos possíveis para a serventia de estádio de tamanho padrão fracassaram. Visto na foto de paisagem da cidade, o estádio é uma estrutura majestosa cujos entornos ocupam metade da imagem. Se a ideia era ter um estádio numa cidade para fomentar o turismo nos safáris da região, o resultado obtido é um elefante branco que, além de toneladas de lixo, recebe partidas da liga nacional de futebol sazonalmente, de equipes sediadas há centenas de quilômetros de distância ou de equipes que se mudaram apenas artificialmente para a cidade; sua construção desalojou duas escolas – cujas crianças passaram a ter aulas em trailers – e provocou diversas greves dos trabalhadores devido às péssimas condições de trabalho.

Fica a dúvida para a próxima edição do evento: que tipo de solução o governo russo vai tentar tirar da cartola para movimentar a praça de Sochi, cuja equipe local de futebol fechou? Como manter o público dos novos estádios que foram construídos do zero ou passaram por massivas reformas em cidades que raramente têm a chance de conhecer futebol de alto nível, como Kaliningrado e Nizhniy Novgorod ou Volgogrado e Ecaterimburgo?

### **3.3 A governança do Futebol**

Quanto mais cresce a capacidade do Futebol em influenciar decisões políticas, e quanto mais dinheiro ele movimenta, naturalmente maior a quantidade de interessados no aumento de influência e lucro. Podemos concluir, então, que quanto maior a quantidade de interessados no Futebol, maior a probabilidade de seus interesses entrarem em conflito. Sobre isso, Lee escreve:

Nenhum outro esporte profissional gera tanta receita comercial ou fidelidade popular, tanto em nível de clubes quanto internacional. Ao mesmo tempo, o repentino e enorme afluxo de renda que o futebol atraiu durante os anos 1990 criou grandes problemas de governança para um esporte tradicionalmente gerido por associações privadas e majoritariamente amadoras (LEE, 2004, p. 112).

O processo é natural: conforme o Futebol foi se transformando em negócio, cada vez mais os envolvidos no esporte se sentiam injustiçados em ver como outras pessoas ou entidades enriqueciam em sua volta, querendo fazer parte dessa farra. Essa sensação de injustiça gerou diferentes resultados, como a necessidade dos clubes em gerar renda, o desejo dos jogadores por maiores salários – acarretando em uma “fuga de pernas” de talentos sul-americanos à procura dos ricos salários do futebol europeu – e grandes índices de corrupção dentro das

entidades. Portanto, analisemos a capacidade de governança no Futebol em três níveis: institucional, esportivo e comercial.

### **3.3.1 Fifa versus Uefa**

As relações entre a Uefa e a Fifa são, para dizer o mínimo, complicadas. A entidade organizadora do futebol europeu frequentemente desafia e embarga algumas decisões da Fifa, mesmo que, para a Fifa, a estrutura de governança do Futebol seja claramente constituída por uma pirâmide, com uma “base onde ficam os torcedores, jogadores e então os clubes. Acima dessas partes estão as associações nacionais e as seis associações continentais [...]. No ápice está a Fifa” (LEE, 2004, p. 117-118). A Fifa organiza o mais atraente e doravante mais rico torneio de seleções de qualquer esporte no mundo – a própria Copa do Mundo. A Uefa organiza o mais atraente e doravante mais rico torneio de clubes de qualquer esporte no mundo – a Liga dos Campeões. Quando a Fifa age de forma abusiva sobre os clubes, a Uefa bate de frente e os defende – com a provável exceção da situação sobre o Catar, que de tão específica será debatida mais adiante. Isso não significa que o futebol vive uma luta maniqueísta entre a Uefa, defensora dos clubes, e a Fifa, corrupta e agressora aos interesses dos menores. Para entender melhor, vamos ao começo de tudo: Frankfurt, 10 de junho de 1974.

Entidades internacionais esportivas se destacam negativamente pela forma como seus presidentes gostam de brilhar. Lee (2004) fala sobre o COI e a Fifa “como estruturas autocráticas dominadas por relações personalizadas ao redor de indivíduos chave” (p. 114). Partindo desse pressuposto, podemos pensar no próprio exemplo dado por Lee, novamente o brasileiro João Havelange, que realizou seu mandato como presidente da Fifa como se ele e o Futebol fossem a mesma coisa. A data mencionada no parágrafo anterior é a data de sua eleição, quando bateu o inglês Stanley Rous, que o considerava seu braço direito (JENNINGS, 2011, p. 19/27).

Para bater o inglês Stanley Rous, Havelange comprou uma briga até hoje central nas relações internacionais do Futebol: o interesse dos europeus contra o interesse do resto do mundo. O mais crível é que Rous simplesmente fez de tudo para ser vencido: Rous “não tinha pressa” para reconhecer a China comunista, chegando até a proibir o Arsenal FC de realizar uma partida por lá. Contraditoriamente, sua visão era que a Fifa deveria se eximir totalmente de assuntos políticos: se o governo eleito na África do Sul decidia que negros deveriam ser excluídos do convívio com os brancos, Rous diria que é um governo soberano tomando decisões que a Fifa não tem direito de intervir (JENNINGS, 2011, p. 19-20) – apesar de que sob a gestão de Rous a Fifa já havia suspenso a África do Sul. Dessa forma, conseguir votos na África e

na Ásia ficou muito fácil para qualquer um que despontasse como adversário de Rous em qualquer eleição.

Frente às visões eurocentristas da Fifa, Havelange uniu o descontentamento dos países não europeus e o peso da seleção brasileira – que após ser campeã em 1970 foi levada por Havelange para excursionar pelo mundo, deixando a renda dos jogos para os anfitriões (JENNINGS, 2011, p. 22) – para vencer as eleições e presidir a entidade mais poderosa do Futebol mundial. A promessa de aumentar o número de participantes da Copa do Mundo de dezesseis para vinte e quatro equipes até 1982 fez brilhar os olhos das seleções africanas, que haviam boicotado as Eliminatórias para o Mundial de 1966 por causa da irrisória quantidade de vagas no Mundial – uma única vaga, que ainda teria que ser disputada com os asiáticos – enquanto os europeus teriam dez das dezesseis equipes daquela edição. A possibilidade que todas as oito vagas a mais fossem direcionadas a países em desenvolvimento também agradava aos dissidentes (JENNINGS, 2011, p. 22). A reação dos europeus, no entanto, foi dura, e em nome das federações europeias a Uefa soltou a seguinte nota: “Aumentem o número de participantes e a Europa se retira. Nós vamos sair e realizar uma Copa do Mundo europeia, convidando ‘algumas nações sul-americanas’” (JENNINGS, 2011, p. 23). No final das contas, a corda pendeu pros dois lados e um garrancho de meio termo foi alcançado, tendo o Mundial de vinte quatro equipes realmente acontecido em 1982, com equipes europeias; até bastante delas: quatorze.

As expansões não pararam por aí: em 1998, o Mundial foi disputado por trinta e duas seleções, colocando cinco seleções africanas na Copa, após os pedidos do presidente da CAF, Issa Hayatou, que alegou que “com cinquenta e um membros associados, a CAF provê um quarto do total de membros da Fifa” (LEE, 2004, p. 117). Em mais uma expansão recheada de politicagem, a Fifa anunciou expandir o número de participantes de trinta e dois para quarenta e oito até 2026. A reação da Conmebol, por exemplo, ao invés de achar que as expansões tinham ido longe demais, foi pedir que tal expansão fosse realizada antes, em 2022 (GLOBOESPORTE.COM, 2018), mostrando como uma expansão do Mundial pode facilmente ser trocada por apoio político.

### **3.3.2 Clubes e contratos de televisão**

A questão de sobrevivência como foi tratada a mercantilização do futebol pelos próprios clubes trouxe a eles uma contrapartida interessante: poder de barganha. Assim como no caso da Uefa, o poder de barganha dos clubes com a Fifa também se constitui na capacidade de fingir dar um ultimato, voltar atrás, e conseguir uma negociação satisfatória, como foi o caso do G-

14, “grupo cujo objetivo era lutar pelos direitos das equipes” (CHADE, 2015, p. 71). É claro que em qualquer aspecto que falarmos sobre “poder de barganha” e “clubes”, estamos falando sobre os clubes europeus. Se os clubes sul-americanos se unissem contra a Fifa e alegassem que a presença de seus jogadores em amistosos internacionais trazia grandes prejuízos a seu capital, os executivos da Fifa não fariam nada senão rir. Quando o G-14 o fez, no entanto, o caso foi parar nos tribunais (CHADE, 2015, p. 71).

A alegação era a seguinte: uma vez que os clubes agora eram empresas cotadas na bolsa de valores, o risco de lesão ou desgaste de um atleta em um jogo internacional é um risco de prejuízo para o retorno financeiro dessas empresas, que não obtinham nenhuma vantagem e arcavam com todos os prejuízos dessas partidas. O Real Madrid, um dos membros do G-14, por exemplo, perde metade de seu time a cada Data Fifa<sup>17</sup>. Os cartolas dos clubes “se queixavam de que seus jogadores voltavam exaustos de partidas internacionais apenas para forrar os cofres da CBF e de outras entidades em jogos contra equipes sem expressão” (CHADE, 2015, p. 71). O movimento ganhou peso quando essas equipes ameaçaram criar um campeonato paralelo, fora do calendário da Fifa e sem dividir seus lucros obtidos com a entidade (CHADE, 2015, p. 71).

O resultado foi extremamente vantajoso para esses clubes: pela retirada dos processos contra si, a Fifa e a Uefa reconheceram os clubes como partes atuantes na tomada das decisões do futebol Mundial, materializado-se na criação da Associação de Clubes Europeus, que inclusive veio a ter representação dentro da Fifa. Além disso, foi criado um fundo com a finalidade de pagar aos clubes pelo “empréstimo” de atletas à sua seleção em Copas do Mundo e Eurocopas, que levantou US\$ 252 milhões para os anos seguintes. Somente em 2022, as equipes estimam receber US\$ 214 milhões, quatro vezes mais do que em 2010, para que emprestem seus jogadores para a Copa do Mundo do Catar, que promete ser a mais exaustiva da história para os atletas (CHADE, 2015, p. 72-73).

Foram os grandes contratos de televisão que permitiram aos clubes esse ganho de poder dentro da governança do futebol. Segundo Lee, nos anos 1990 os clubes passaram a constituir uma nova elite, que “guiada por interesses comerciais, estabeleceu estruturas para cada vez mais rivalizar as já estabelecidas associações nacionais, internacionais e supranacionais que governaram o futebol do século XX” (2004, p. 117). O maior exemplo a nível nacional ocorreu no futebol inglês, onde vinte dos principais clubes da Inglaterra romperam com a Football League, criando a Premier League, órgão gerido pelos próprios clubes, que passaram a negociar

---

<sup>17</sup> Datas reservadas a jogos entre seleções no calendário anual do futebol.

os contratos de televisão em grupo, ficando com todo o dinheiro para si. Dos £286 milhões do contrato de televisão para a temporada 2000/2001, os clubes da Premier League dividiram £267 milhões, 93% do total, ficando apenas 7% para o gerenciamento interno da liga (LEE, 2004, p. 116).

O já mencionado G-14 também fez a mesma coisa com a Uefa: em vista a potencializar suas cotas de televisão, ameaçaram romper com a Liga dos Campeões e criar a Super Liga Europeia, garantindo a cada um dos dezesseis clubes participantes uma renda de £23 milhões. Intimidada, a Uefa fez grandes concessões, e na temporada 2000/2001, os trinta e dois clubes participantes da fase de grupos receberam €490 milhões dos €670 milhões gerados pela competição (LEE, 2004, p. 116).

### 3.3.3 O Catar

No sexto capítulo de seu livro *Política, Propina e Futebol: Como o Padrão Fifa ameaça o esporte mais popular do planeta* (2015), chamado *A Copa do emir* (p. 129-152), Jamil Chade questiona os interesses do Catar sobre o futebol. Para o autor, uma série de fatores de difícil explicação colaborou para que a Copa do Mundo de 2022 fosse entregue ao emirado desértico.

O Catar é uma monarquia absoluta em um território de pouco mais de 11 mil km<sup>2</sup>. Apenas duas cidades têm mais de cem mil habitantes (MONGABAY, s.d.). Lusail, uma das cidades escolhidas como sede do Mundial, simplesmente ainda não existe. Ao contrário dos Mundiais anteriores, distribuído por várias cidades e disputado em diversos estádios, os jogos no Catar serão disputados em oito estádios distribuídos em sete cidades (STADIUM GUIDE, s.d.), o mínimo estabelecido pela Fifa. O anúncio do Catar como sede do Mundial em 2022 foi no dia 2 de dezembro de 2010, alguns meses antes da eclosão da Primavera Árabe ameaçar a estabilidade política de todas as monarquias árabes, incluindo o próprio Catar (CHADE, 2015). Se não for suspeita, podemos categoricamente afirmar que a escolha do Catar, como sede de um Mundial sozinho, é diferente de qualquer outra coisa já vista.

Mediado por empresas estatais, o Catar fez largos investimentos no futebol europeu. A Qatar Airways patrocina o FC Barcelona. O Paris Saint-Germain é gerido pela Oryx Qatar Sports Investments, que não mediu esforços para contratar o atacante brasileiro Neymar Jr. pelo montante de €222 milhões (AL-JAZEERA, 2017), um investimento que trouxe como retorno um título francês, uma eliminação nas oitavas-de-final da Liga dos Campeões e uma lesão que deixou o craque de fora de metade da temporada. Chade (2015, p. 130) afirma que dessa forma o Catar traz segurança internacional para seu regime, visto que derrubar o regime catariano

significa derrubar diversos investimentos no principal esporte do mundo, entre os quais, além dos já citados, estão:

[a criação de] uma academia para formar novos talentos, além de financiar clubes pelo mundo, comprar direitos de transmissão em todos os países para campeonatos nacionais, investir na expansão esportiva da Al-Jazeera e organizar uma rede de agentes que amarrava parte do futebol ao dinheiro do gás natural do emir (CHADE, 2015, p. 130).

A candidatura do Catar, tão logo anunciada vencedora das eleições, já entrou em diversos escândalos. Julio Grondona, presidente da AFA, foi acusado de vender seu voto ao Catar em troca de um resgate à sua entidade, que havia acabado de quebrar. Em 2011, uma das estratégias do presidente da Fifa, Joseph Sepp Blatter, para se reeleger, foi expôr a tentativa do representante catariano Mohammed bin Hammam, seu rival nas eleições, de comprar votos para o pleito à presidência da Fifa, distribuindo envelopes com dinheiro aos eleitores em uma reunião particular em Trinidad e Tobago, terra de Jack Warner, outro nome frequente na corrupção da Fifa (CHADE, 2015, p. 130-131).

Em uma demonstração de limpeza da entidade, a Fifa bancou um detetive particular, Michael Garcia, para investigar algumas situações internas, entre elas as compras de voto para Mundiais. Após reunir mais de duzentas mil páginas em documentos e evidências, Garcia pensava ter o suficiente para incriminar vários dirigentes da Fifa e colocar o Mundial do Catar em cheque (CHADE, 2015, p. 132). O presidente da Comissão de Ética da Fifa, o alemão Hans-Joachim Eckert, no entanto, concluiu, em novembro de 2014, que não havia motivos para questionar a escolha da Copa do Mundo, arquivando o caso sem deixar dúvidas que o Mundial ocorreria no emirado (CHADE, 2015, p. 133). Garcia apelou, alegando que Eckert simplesmente havia ignorado suas recomendações e evidências, mas o Comitê de Apelação da Fifa obviamente concluiu que o “recurso de Garcia é inadmissível” (CHADE, 2015, p. 134). É uma decisão natural, visto que nada muito diferente poderia acontecer após a Fifa abrir uma investigação sobre a Fifa que julgaria a Fifa na Comissão de Ética da Fifa, cabendo aos recursos serem apelados no Comitê de Apelação da - surpresa! - Fifa.

A segunda polêmica envolveu a saúde dos atletas que disputarão o Mundial em 2022. Como se sabe, o Catar é um país desértico e desertos são conhecidos por seu insuportável calor, principalmente nas tardes do auge do verão. A decisão, então, de sediar um Megaevento de um esporte de alto rendimento nessas condições climáticas trouxe polêmica ao debate e preocupação aos clubes, que, como já vimos, arriscarão perder seus ativos (jogadores) por

lesões ou doenças causadas pela exaustão ou pelo calor. A indenização, estimada em US\$ 214 milhões, foi a única forma dos clubes se sentirem de alguma forma recompensados.

Michel Platini, presidente da Uefa, foi um dos figurões do esporte a vir a público e se manifestar sobre as condições climáticas, temendo que o calor de 50 graus prejudicasse a saúde dos atletas (UOL FUTEBOL, 2012). Sua declaração foi em 2012, dez anos antes do Mundial, tendo tempo suficiente para uma eventual troca de sedes. Sua sugestão, no entanto, foi simplesmente adiar o Mundial para novembro. Platini, nas eleições de 2010, inclusive, votou a favor do Catar, e parece fazer questão de deixar seu posicionamento em relação a esse Mundial cada vez mais estranho. Em entrevista no programa Roda Viva (02 fev. 2015), da TV Cultura, Andrew Jennings afirmou firmemente que - até então - Michel Platini, presidente da Uefa, estava limpo, não havendo nada que o ligasse a escândalos de corrupção. Quando perguntado, então, o porquê de o voto de Platini ir contra o interesse dos clubes de sua organização, Jennings simplesmente não soube responder.

Essa reação frente aos meios como o Mundial foi parar nas mãos do Catar tem sido comum. Além da explicação simples da compra de votos, ninguém sabe explicar como a Copa foi parar nas mãos do Catar. Nem mesmo quem se defende das acusações defende seu voto no Catar. Até mesmo a Fifa dá sinais de arrependimento dessa escolha. Pressionado, o mandatário da CBF à época, Ricardo Teixeira, afirmou simplesmente que a América do Sul - que também incluía o paraguaio Nicolás Leoz, da Conmebol, e Julio Grondona - havia votado com o Catar porque os catarianos se comprometeram a votar pela candidatura conjunta de Portugal e Espanha para 2018, apoiada pelos sul-americanos (CHADE, 2015, p. 138). A tendência era que o próprio Platini apoiasse a candidatura dos Estados Unidos, que rivalizava com o Catar, mas após confusas conversas com Nicolas Sarkozy, na época presidente da França, simplesmente votou no Catar (CHADE, 2015, p. 150). Em suma, basicamente ninguém assume a responsabilidade de ter votado no emirado do Golfo, que aparentemente se elegeu sede da Copa do Mundo de 2022 sozinho.

Outro ponto focal da estratégia do Catar, segundo Chade (p. 141-144), é o *Projeto Aspire*, um projeto de financiamento de desenvolvimento envolvendo futebol, de projeção mundial, que Chade também acusa ser uma ferramenta útil para outros propósitos tanto de comprar votos para a eleição da sede de 2022 quanto de montar uma seleção de futebol. Em torno de dois milhões de jovens foram testados em peneiras espalhadas por quinze países. O Catar se defende da acusação de utilizar o projeto para montar uma equipe, os organizadores se defendem alegando que nenhum dos jovens craques recrutados havia sido integrado a alguma seleção do Catar, e que, inclusive, alguns deles já jogaram e foram campeões de base por outras

seleções (CHADE, 2015, p. 143). O que atrai tantas críticas e acusações, no entanto, é embasado no que o Catar já fez em outros esportes, como o Handebol, onde foi vice-campeão do Mundial masculino em 2015 - também realizado no Catar - contando com apenas quatro dos dezessete jogadores inscritos nascidos em casa (FRANKFURTER ALLGEMEINE, 2015). Chade (p. 143-144), inclusive, ressalta que, apesar dos craques realmente se dirigirem às suas seleções locais, alguns jogadores de segunda categoria são aproveitados pela seleção catariana, que contava com oito jogadores naturalizados na sua seleção de futebol no ano de 2015.

Chade (2015, p. 147-148) conclui dizendo que as investidas do Catar no mundo do Futebol visam algo mais que participação nos lucros. Para ele, essas investidas são “parte de um plano para criar uma rede de dependência no mundo” (CHADE, 2015, p. 147), que blindaria o país de uma eventual invasão ou incursão ao regime, já que qualquer ameaça à monarquia também seria uma ameaça à toda estrutura de negócios do esporte mais popular do planeta. Outra visão do autor é que investir no futebol traz mais segurança à economia do país, que fica, assim, menos vulnerável ao preço do barril de petróleo, que despencou em 2015.

#### 4 OS PROBLEMAS EM SEDIAR UM MUNDIAL

Tudo é festa para a nação, e principalmente para a comissão organizadora, quando escolhido para sediar a Copa do Mundo. É uma porta cheia de oportunidades que se abre: por um mês, todas as câmeras do mundo estarão focadas naquele país em específico, que vai fazer de tudo para causar uma boa impressão ao receber os melhores jogadores de futebol do mundo e os milhares de turistas que os acompanham. Aeroportos são reformados, o planejamento urbano é refeito, majestosos estádios são construídos. A economia aquece, o setor de turismo vai à alegria com a chegada em massa de turistas. A rede balança, as pessoas nas ruas dançam. O governo procura ao máximo passar a imagem de um povo acolhedor e caloroso e de um país com cidades onde vale a pena investir. Depois que o evento termina, enquanto os anfitriões recolhem o lixo e arrumam a casa e os convidados estão indo embora, a pergunta que passará a dominar o debate será: Qual o legado da Copa?

Sediar um Megaevento pode tanto ser uma bênção quanto uma maldição. Quando tudo dá certo, é fantástico: os turistas, felizes pelo que viveram, se vão já pensando em voltar. Os investidores, impressionados, vêm naquele lugar um lugar seguro para fazer seus investimentos. Os estádios se tornam verdadeiros museus vivos, sempre abertos à escrita de novas histórias. Palcos de contendas históricas, seguem hospedando jogos do agora aquecido futebol nacional. A consequente estrutura urbana continua sendo utilizada pela população, que está feliz por aproveitar o legado do bom investimento de seus impostos.

Por outro lado, quando as coisas não saem como planejado, é o caos. Os turistas se divertiram com o evento, mas não viram nada demais que os fizessem querer voltar. Os investidores sequer pensaram na possibilidade de investir naquelas cidades que receberam o evento: eles sabem que o efeito é passageiro. Os estádios se tornaram elefantes brancos sem uso, que oneram o tesouro público com seus altos custos de manutenção, obrigando o governo local a tirar da cartola formas de manter tamanha estrutura em funcionamento. As obras de estrutura urbana desagradam o torcedor, que percebem que, fora o caminho em direção do estádio, a cidade continua a mesma, e protesta exigindo melhor gasto dos seus impostos.

Neste capítulo, serão abordadas as barreiras que um governo tem para realizar um bom Mundial, que passam sobre dois fatores-chave: planejamento e corrupção. Por mais amplo que o significado dessa primeira palavra possa ser, é algo que realmente faz a diferença entre uma Copa com um bom ou um mau legado. A bibliografia mostra que legados de sucesso foram consequência de Copas com objetivos bem especificados, calculáveis e ao alcance daquele país, enquanto os legados de organizadores que festejaram muito e planejaram pouco se tornaram um grande fracasso, que depois viria a ser justificado com argumento completamente

subjetivos, como um eventual suposto “aumento do orgulho nacional” ou a “felicidade em realizar a festa dos povos”.

Já a corrupção da Fifa fugiria do controle dos Estados, se estes não se propusessem com tanto prazer a participar dela. Em alguns casos, como nas edições de África do Sul e Brasil, os governos nacionais se ajoelharam diante de demandas esdrúxulas da Fifa, abrindo brechas na própria lei com a intenção de receber o Megaevento. A corrupção também acaba sendo alçada como necessária para a obtenção dos votos necessários para se tornar sede do Mundial: como o número de delegados com direito a voto para a sede da Copa nunca é superior a vinte e cinco, cada voto desses delegados se torna extremamente valioso e dificilmente comprável - não por causa da integridade dos delegados, mas por causa da demanda pela compra desses votos, muito superior à oferta.

#### **4.1 O planejamento é a mãe de todas as Copas**

O Brasil é particularmente um país onde é impossível sediar um evento de larga escala sem que alguém aborde o tema da integração nacional, o que foi bastante ilustrado pela escolha das cidades-sede do Mundial em 2014. O Megaevento poderia ser facilmente o catalisador de um vagaroso processo de encurtamento de distâncias observado no país. A escolha das sedes, então, mostrou-se bem plural: doze cidades em todas as regiões do país - Porto Alegre e Curitiba, no Sul; São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, no sudeste; Brasília e Cuiabá, no centro-oeste; Salvador, Recife, Natal e Fortaleza, no nordeste; e Manaus, no norte - foram escolhidas, nenhuma delas com mais de um estádio.

Obviamente, a inclusão era uma prioridade sobre o legado. A escolha de algumas sedes é particularmente questionável, por dois motivos diretamente ligados um ao outro, sendo o primeiro:

Cidades como Natal, Manaus, Brasília e Cuiabá, cujos clubes se encontram tradicionalmente muito distantes da Série A do campeonato nacional, produziram seus estádios sem garantia de futura sustentabilidade econômica. Médias de público de dois a três mil espectadores por jogo são habituais nestas cidades, e não será um novo estádio que alterará radicalmente este quadro, e sim a qualidade técnica dos times e o prestígio social de seus clubes. Algo muito difícil no contexto da metropolização do futebol, que impõe nestas regiões o culto a clubes do Rio de Janeiro e de São Paulo. (MASCARENHAS, 2015, p. 9)

O segundo motivo é que outras cidades, com times mais próximos de disputar partidas contra os grandes, poderiam receber o Mundial. Goiânia foi preterida, mesmo sendo a segunda maior cidade do centro-oeste e tendo três times que frequentemente se aproximam da Série A. A segunda cidade escolhida do centro-oeste, Cuiabá, é apenas a quarta maior da região, e, desde que o campeonato brasileiro é disputado no formato atual, nunca teve uma equipe nas Séries A e B. O Luverdense, único time do Mato Grosso a ter disputado a nova Série B, é da pequena e bucólica cidade de Lucas do Rio Verde, 330 km ao norte da capital do estado.

Na região norte, mesmo que Manaus seja a maior cidade da região e uma das maiores do país, a influência dos times da cidade no futebol nacional é muito menor que a dos rivais de Belém, Paysandu e Remo, que já disputam suas partidas no Mangueirão, que tem capacidade superior a 45 mil espectadores (CBF, 2016). Uma reforma no Mangueirão teria incluído a região norte no mapa da Copa e teria sido muito mais barata do que a construção da Arena da Amazônia, cuja utilidade futebolística foi salva pelo Iranduba, no campeonato brasileiro de futebol feminino (LIMA, 2017). Propiciar que o futebol feminino colocasse mais de 25 mil pessoas no estádio para uma partida foi certamente uma consequência positiva, mas que está longe de pagar pelos R\$ 660 milhões que o Ministério do Esporte alega ter investido.

Pensando no sistema do SISBRACE, órgão que avalia a qualidade dos estádios de futebol no Brasil, dois estádios particulares, com nota máxima na avaliação do órgão e Padrão Fifa, poderiam ter entrado como sedes do Mundial: a Arena do Grêmio, em Porto Alegre, inaugurada em 2012, e o Allianz Parque, em São Paulo, inaugurado em 2014, com capacidade para respectivamente 55.662 e 43.713 espectadores (SPORTV, 2016). Nas mesmas cidades, ao invés de utilizar estruturas prontas ou quase prontas, os organizadores, de acordo com dados do Ministério do Esporte, resolveram utilizar o Beira-Rio, em Porto Alegre, com custo de reforma de R\$ 366,3 milhões e a Arena Corinthians, em São Paulo, que custou outros R\$ 1,08 bilhão, em sua maioria financiado por bancos públicos, sejam eles estaduais ou federais (ABRANTES, 2016). Ironicamente, após o Mundial a Arena do Grêmio foi considerada o melhor estádio do país e o Allianz Parque se mostrou o mais rentável (EXTRA, 2015). Esses dados tornam questionáveis a retidão e integridade dos processos que levaram à escolha das sedes do Mundial, ou, no mínimo, a competência dos organizadores.

Nos últimos anos, os processos de escolha de país e cidades-sede dos Mundiais têm sido nebulosos e acidentados. Somado ao sucesso dos Mundiais de 2002 e 2006, uma armadilha na qual África do Sul e Brasil caíram facilmente, esses processos têm como consequência uma aparente negligência à necessidade de se planejar bem o projeto, substituída pela euforia de receber o Megaevento. Muitas vezes, inclusive, o planejamento e as expectativas seguem

caminhos diferentes, de forma que nem uma coisa, nem a outra são contempladas. A Copa do Mundo do Brasil de 2014 é um ótimo exemplo disso, mas a Copa do Mundo da África do Sul de 2010 é um exemplo ainda melhor.

#### **4.1.1 A diferença entre o bom e o mau planejamento**

Pillay e Bass (2008) escrevem, antes mesmo da Copa acontecer, sobre o potencial do Mundial de 2010 como catalisador de um processo de desenvolvimento. Os autores mencionam como desenvolvimento e renovação urbanas foram tidos pelo governo sul-africano como metas nacionais, e como o Mundial colaboraria para o crescimento de uma economia orientada em seis grandes centros urbanos<sup>18</sup>, contribuindo no processo de crescimento econômico e geração de empregos por todo o país. Por volta de 2006, “parecia que o evento apresentaria à África do Sul uma oportunidade única de acelerar o ímpeto de desenvolvimento em municipalidades e grandes cidades” (PILLAY; BASS, 2008, p. 331). Decisões sobre projetos urbanos pareciam estar sujeitos a uma orientação democrática, “com princípios de crescimento, equidade e sustentabilidade vistos como mutuamente apoiadores, senão vistos como necessários nos planos em si” (PILLAY; BASS, op.). A África do Sul parecia ciente e trabalhando com a hipótese de que a experiência de alguns países que haviam organizado Megaeventos anteriormente resultou em oposição de comunidades marginalizadas, que ficaram de fora do processo de enriquecimento gerado pelos eventos. Levando em consideração a bibliografia sobre o potencial dos Megaeventos em gerar desenvolvimento, Pillay e Bass (op.) argumentam que os organizadores consideraram dois elementos como vitais: (1) o evento deveria ter o potencial catalisador de melhorar as condições de vida dos historicamente desprivilegiados como objetivo; (2) redesenhar as cidades separadas pelo apartheid e criar novas ligações entre as pessoas deveria ser um esforço vital. Os autores também consideram que “o processo de debate, diálogo e reflexão por um lado, e o negócio então imediato de construção e aprimoramento de infraestrutura por outro, não eram processos mutuamente excludentes, e precisariam necessariamente informar um ao outro [sobre seus andamentos]” (p. 332). Se tudo ocorresse como deveria, garantem os autores, o planejamento traria benefício para todos os sul-africanos, beneficiando também o potencial das cidades para negócios, visto que a melhoria de condição na vida das pessoas traria benefícios sociais para as grandes cidades do país, que teriam sua

---

<sup>18</sup> Os “seis grandes centros urbanos” até 2011 eram: Cidade do Cabo, Joanesburgo, Pretória, Germiston, Durban e Port Elizabeth. Em 2011, East London e Bloemfontein foram incluídas na lista. (JOHN; MAHLANGU, 2011).

identidade, sua imagem e seu “status estético” realçados, suprimindo a demanda do mundo globalizado por cidades “distintas” e “diferenciadas” (PILLAY; BASS, 2008, p. 330-332).

Em sua análise retrospectiva, os autores citam cinco diretrizes, que, caso seguidas com sucesso e tomadas seriamente como parte do planejamento, dariam motivos para pensar que a Copa do Mundo de 2010 seria uma oportunidade única para o desenvolvimento da África do Sul: (1) deveria-se criar, sob supervisão do Comitê Organizador Local, com colaboração do governo nacional e das cidades, uma estrutura nacional de desenvolvimento que estivesse em coesão com os objetivos anunciados durante a proposta de sediar o evento. As cidades teriam a liberdade de tomar decisões em mecânicas específicas de implementação de planos de desenvolvimento, desde que seguissem as condições do planejamento central; (2) se o fato de sediar o Mundial renovaria a expressão do já fundamentado conjunto de planos de renovação e regeneração das cidades, seria de máxima importância “que as cidades regulassem e revisassem suas séries de estratégias de desenvolvimento pré-existentes de forma alinhá-las com as diretrizes de desenvolvimento esboçadas na proposta de candidatura” (PILLAY; BASS, 2008, p. 333); (3) as cidades deveriam começar a cooperar, por mais difícil que pareça, entendendo que os benefícios potenciais do Megaevento seriam bens públicos nacionais; (4) o COL deveria ter mais cuidado e menos confiança nas suas relações com a Fifa, visto que a Fifa, como “dona” do evento, e buscando lucrar com ele, poderia afetar a agenda de desenvolvimento conforme ditasse a natureza da disposição dos negócios, das parcerias comerciais e de outras transações econômicas; (5) por fim, a opinião pública deveria ser levada em consideração, sendo medida e analisada com maior frequência, de forma que os organizadores e governantes soubessem em tempo real como a organização do Mundial estaria ou poderia estar impactando a vida das pessoas, sobretudo as mais marginalizadas (PILLAY; BASS, 2008, p. 333-334).

Essas diretrizes, salientam os autores, ficaram no mundo das ideias, desperdiçando a oportunidade única que estava nas mãos da África do Sul. O principal problema, para a infelicidade dos sul-africanos, foi a recusa das cidades-sede em trabalhar conforme o planejamento. Ao invés de se alinhar com planos de desenvolvimento, as cidades preferiram ter seus próprios planos, aspirando inserção internacional e competitividade global em filosofias neoliberais, orientadas para o mercado, que visavam colocar cidades como Joanesburgo entre as áreas metropolitanas mais competitivas do mundo, ao invés de resolver seus problemas sociais, que obviamente as distanciam desse objetivo. Dessa forma, ao invés de cooperar, as grandes metrópoles sul-africanas passaram a competir entre elas, tentando atrair para si benefícios que deveriam ser observados por todo o país, como a criação de empregos, o aprimoramento de serviços e infraestrutura e o desenvolvimento de uma identidade coletiva

(PILLAY; BASS, 2008, p. 333-334). A relação entre o governo e a Fifa também tolheu quaisquer chances de que o Mundial fosse aproveitado para gerar desenvolvimento:

De fato, a África do Sul praticamente se colocou de joelhos diante da Fifa nos anos de sua preparação, aceitando todas as exigências da entidade e ainda acatando que estrangeiros fossem estabelecidos em Johannesburgo para tocar o evento, numa humilhação e sinal de que a Fifa simplesmente não confiava que as coisas funcionariam na África do Sul se elas fossem deixadas apenas aos gerentes locais (CHADE, 2015, p. 238).

A expectativa de que o Mundial mudaria a vida de milhões de pessoas deu lugar a explicações vagas sobre o legado da Copa. Em uma medida tanto astuta quanto covarde, o então presidente Jacob Zuma teria declarado que “O maior legado dessa Copa é o orgulho nacional e isso não tem preço” (CHADE, op), justificando os gastos dos sul-africanos com a Copa meramente como um bem intangível, de difícil mensuração, cuja análise acadêmica, de tão inviável, se torna imprecisa, e de tão imprecisa, se torna irrelevante. A verdade é que, se as expectativas iniciais esperassem um retorno financeiro equivalente a 0,5% do PIB sul-africano, os cálculos do Conselho de Pesquisa de Ciências Humanas do país resultaram em gastos equivalentes a 6,4% do PIB em 2010. A Fifa, por exigência própria para ceder o evento à África do Sul, deixou de pagar US\$ 15 milhões em impostos e seus executivos ainda foram beneficiados com mimos que totalizaram US\$ 80 milhões. Ao final do evento, enquanto muitos dos cidadãos sul-africanos voltavam à dura realidade em que vivem, a Fifa acumulou, somente nesse mês de jogos, uma receita de US\$ 3,2 bilhões (CHADE, 2015, p. 239).

#### **4.1.2 Copa do Mundo e dinheiro público**

Quando foi prometido ao torcedor brasileiro que conseguiríamos organizar um Mundial inteiro sem um único centavo de dinheiro público, já sabíamos que estávamos sendo enganados. Se nenhum país havia realizado uma Copa 100% privada na história, por que o Brasil, um país em desenvolvimento, seria o primeiro?

O projeto de realizar um Mundial sem dinheiro público foi natimorto. Se para a CBF fazia sentido recusar a intervenção pública na organização da Copa, visto que a CBF “jamais prestou contas, afirmando ser uma entidade privada” (CHADE, 2015, p. 191). Para a iniciativa privada, não fazia muito sentido investir em muitas das praças que sediaram os jogos, pouco atrativas, algumas delas em locais que nunca viram futebol de primeiro nível. Conforme apuração da Revista Exame (ver nota 50), apenas as praças de São Paulo, Porto Alegre e

Curitiba tiveram investimento privado, sendo o equivalente, respectivamente, a 24%, 25% e 66% ao valor total da obra. O resto foi custeado pelo governo local ou financiado pelo BNDES.

Em um teor semelhante ao utilizado por Pillay e Bass, Chade (2015) também considera o Mundial do Brasil “uma oportunidade desperdiçada para transformar o país” (p. 213). A Copa de 2014 é uma mostra, mais uma vez, de que a ausência de solidez no planejamento geralmente compromete todo o legado do torneio. Entre 2007, ano da candidatura, e 2014, os organizadores do evento e o governo brasileiro variaram entre planejamentos e promessas, que eram frequente e facilmente alterados com o passar dos anos. A inicial promessa, feita em 2007, que garantia aos brasileiros que a Copa do Mundo seria organizada sem dinheiro público, foi dissolvida em 27 de outubro de 2009, quando o então presidente Luís Inácio Lula da Silva, para estancar a sangria da incapacidade do presidente da CBF, Ricardo Teixeira, em manter sua palavra, deu sinal verde para um amplo projeto do BNDES de financiamento dos estádios do Megaevento, emprestando até R\$ 400 milhões de reais para a construção ou reforma de cada uma das praças (CHADE, 2015, p. 195;197). Sob o argumento de que o dinheiro do BNDES não é dinheiro público, uma vez que o banco apenas cede empréstimos que serão devolvidos aos cofres públicos, alguns - muitos - representantes do governo insistiram que a promessa não havia sido quebrada, uma falácia que pode ser desmontada simplesmente pela elucidação dos fatos. Se nove dos doze estádios eram bancados por governos estaduais, na prática quem recebeu financiamento público não foram entes privados, e sim governos estaduais, que teriam que devolver aos cofres públicos mais dinheiro público, tendo doze anos para devolver o dinheiro, com carência de três anos para começar a pagar, e a uma taxa de juro de apenas 1,9%, bem inferior à praticada pelo mercado (CHADE, 2015, p. 196-197).

Dissolvendo-se a promessa inicial de que o dinheiro público não seria envolvido, a montagem dos picadeiros pode prosseguir. O BNDES financiou um total de R\$ 3,9 bilhões dos R\$ 8,9 bilhões envolvidos na construção dos estádios. Dois estádios receberam o financiamento máximo de R\$ 400 milhões: o Mineirão, em Belo Horizonte, e o Maracanã, no Rio de Janeiro. Os já largamente mencionados elefantes brancos de Cuiabá e de Manaus receberam, respectivamente, R\$ 311 milhões e R\$ 360 milhões. Além do investimento do BNDES, os governos locais investiram mais de R\$ 3 bilhões. Somando os investimentos da Caixa Econômica Federal e do Banco do Brasil, do montante de R\$ 8,9 bilhões, R\$ 8 bilhões (quase 90% do total) vieram dos cofres públicos (CHADE, 2015, p. 199).

O novo planejamento não deixou de lado a ostentação do projeto antigo, e quem pagou a conta foi o contribuinte. Se em algum momento responsabilidade fiscal fosse uma das diretrizes do projeto, vários cortes óbvios já poderiam ser feitos: mantendo-se o princípio da

integração nacional, Manaus e Cuiabá poderiam facilmente ser substituídas por Belém e Goiânia. No nordeste, a Arena das Dunas, em Natal, que dificilmente verá um jogo de Série A tão cedo e enfrenta problemas de com os custos de manutenção, poderia ficar de fora do projeto; enquanto a construção da Arena Pernambuco, em Recife - uma cidade cujos três clubes de alto nível (Sport Recife, Náutico e Santa Cruz) já possuíam estádios próprios - é contestável por si só. Ao vermos que o Arruda, do Santa Cruz, dispõe de uma capacidade para 60 mil pessoas segundo o CNEF e que a construção da Arena Pernambuco foi realizada em uma localização praticamente inalcançável (AMORIM, 2013), a necessidade da construção de mais um estádio é simplesmente inexplicável.

Visto que a promessa de entregar uma Copa sem dinheiro público já havia sido totalmente ignorada, o plano foi alterado. Já que o investimento público no Mundial seria inevitável, em janeiro de 2010 “o governo anunciou um ambicioso projeto que usaria a Copa para transformar de uma vez por todas a vida dos moradores das grandes cidades” (CHADE, 2015, p. 217). Entre esses projetos, estavam incluídos um trem de alta-velocidade entre Rio de Janeiro e São Paulo (projeto que soa megalomaniaco para os padrões brasileiros apesar de ser comum em outros lugares), remodelação dos aeroportos e obras de mobilidade urbana. As obras a serem feitas seriam incluídas na Matriz de Responsabilidades, cujo orçamento total indicaria um gasto de R\$ 23,5 bilhões (CHADE, 2015, p. 217-218). Nada errado até aí. Como contrapeso do investimento público na Copa, o evento deveria mesmo trazer melhorias para a vida da população.

O problema é que o prazo de entrega dessas obras, quando entregues, foi uma piada. Enquanto a ansiedade pela Copa tomava conta dos torcedores, “faltando cem dias para o Mundial, apenas 18% da infraestrutura havia sido entregue. Dessa parte, somente quatro do total de 83 obras foram fechadas dentro do prazo estipulado originalmente” (CHADE, 2015, p. 217). Enquanto Marcelo empurrava a bola para suas próprias redes e marcava contra o primeiro gol do certame, a completude das obras apresentava, em relação ao projeto original, apenas 53%, marginalmente acima da metade do estipulado. Ainda assim, a conta final já havia chegado aos R\$ 29 bilhões, acima do orçamento total. Os aeroportos, que seriam o grande legado da Copa para a população, foram afetados pelos atrasos. Aeroportos nacionalmente importantes, como os de Manaus, Confins e Porto Alegre, tiveram suas obras concluídas após a despedida dos turistas. No aeroporto de Recife, a prometida nova torre de controle só foi sair do papel no segundo semestre do ano, quando os alemães já estavam em casa com a taça. As reformas dos aeroportos de Salvador e do Rio de Janeiro foram entregues incompletas. Nas cidades, dezenas de obras de mobilidade urbana foram entregues parcialmente ou com atraso;

uma das licitações sobre os entornos do estádio Beira-Rio foi lançada às vésperas do Mundial - desde sua reforma, o estádio simplesmente sai dos limites do terreno e a cobertura da obra, sem pudor nenhum, faz sombra à avenida Padre Cacique (GERMANO, 2013). Os trens, um que ligaria São Paulo ao Rio e outro que ligaria a cidade de São Paulo ao aeroporto de Guarulhos, não chegaram nem mesmo a ser licitados. Para evitar que obras previstas na Matriz de Responsabilidades ficassem sem conclusão, o documento foi, simplesmente, sendo reformulado, e as obras canceladas eram retiradas: “Quando a Matriz foi anunciada, o governo previa 56 obras de mobilidade e um investimento de R\$ 15,4 bilhões [...] mas, quatro anos depois, quinze obras haviam sido eliminadas dos planos e os gastos previstos eram de apenas R\$ 8 bilhões” (CHADE, 2015, p. 219). O prometido legado da Copa rapidamente se tornou piada, de forma que, ao procurar “Legado da Copa” no Google<sup>19</sup>, dois dos três primeiros resultados são uma página de humor no Facebook<sup>20</sup> e seu mesmo perfil no Twitter<sup>21</sup>.

O plano de utilizar o legado do evento como justificativa para os gastos, assim como a promessa de um Mundial sem dinheiro público, havia desmoronado antes mesmo do pontapé inicial. Nestas condições, o mesmo botão de emergência da Copa anterior foi acionado: as palavras vazias de ganhos imateriais. Então, depois de décadas, o futebol voltou a ser utilizado como o motor da campanha. Ainda que o potencial de a Copa de 2014 superar a emblemática Copa de 1970 como a Copa do Mundo mais inesquecível de todas fosse mínimo, o termo “Copa das Copas” foi adotado exaustivamente. Enquanto desde 2013 uma série de protestos eclodiu contra os gastos do Mundial, Blatter tentava blindar o evento com palavras vazias, fazendo questão de afirmar que os problemas estavam sob controle e que o Brasil é o país do futebol-arte. Outro fato largamente recordado por Sepp Blatter foi a expectativa de esquecer o trauma do Mundial de 1950 e finalmente ser campeão em casa (CHADE, 2015, p. 213-214). Com o desenrolar da Copa, tal promessa obteve êxito em partes. O Brasil infelizmente não foi campeão, mas depois da humilhação sofrida em Belo Horizonte, na derrota por 7 a 1 diante dos alemães, realmente não há mais espaço na cabeça do torcedor brasileiro para lamentar qualquer outra derrota anterior. A goleada foi uma humilhação tanto ao futebol quanto às instituições do país. Após R\$ 29 bilhões deixarem os cofres públicos e as suspeitas de que o Brasil teria até mesmo comprado o título com antecipação para evitar que a festa fosse estragada, a festa acabou sendo estragada da pior forma possível.

---

<sup>19</sup> Para mais informações, ver: <[https://www.google.com.br/search?q=legado+da+copa&rlz=1C1SQJL\\_pt-BRBR781BR781&oq=legado+da+copa&aqs=chrome..69i57j69i60l2j69i65j69i60l2.1639j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8](https://www.google.com.br/search?q=legado+da+copa&rlz=1C1SQJL_pt-BRBR781BR781&oq=legado+da+copa&aqs=chrome..69i57j69i60l2j69i65j69i60l2.1639j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8)>. Acessado em: 25 maio 2018

<sup>20</sup> Para mais informações, ver: <<https://www.facebook.com/legadaodamassa/>>. Acessado em: 25 maio 2018

<sup>21</sup> Para mais informações, ver: <<https://twitter.com/legadodacopa>>. Acessado em: 25 maio 2018

## 4.2 Transparência e Corrupção: a quem a Fifa presta contas?

Se as últimas duas Copas trouxeram prejuízos claros aos seus países-sede, é lamentável informar que a Fifa, que lucrou bilhões com os mesmos eventos, se importa muito pouco com isso. A Fifa se tornou tão focada nos próprios ganhos que não se importou em atuar ilegalmente. Ao longo de aproximadamente quatro décadas, uma estratificada teia de corrupção se escondeu dentro das estruturas da Fifa. No dia 27 de maio de 2015, essa teia começou a vir à tona.

Jamil Chade (2015, p. 17-30), relata os acontecimentos daquele dia no luxuoso hotel *Baur au Lac*, onde normalmente os cartolas da Fifa se hospedam para encontros da Fifa. Em dois dias, seriam realizadas as eleições para a presidência da Fifa. Os cartolas, todos reunidos em um único lugar, foram presa fácil para as autoridades policiais, que a pedido do FBI, começaria a dismantelar “um império global, com tentáculos na economia, no crime organizado, na política e até mesmo na identidade nacional dos países” (CHADE, 2015, p. 17). Em casa, esses cartolas - entre dirigentes e empresários - tinham uma influência política que os impedia de estar na mira da lei. Muitos deles se confundiam com a própria lei. Segundo Chade, “eram os retratos vivos de uma estrutura corrupta que havia privatizado o futebol” (2015, p. 18). Na Suíça, eles eram cidadãos estrangeiros com mandados de prisão nas costas. Sete cartolas foram presos, com destaque para Jeff Webb, um dos vice-presidentes da Fifa, Eugenio Figueredo, presidente da Conmebol, e José Maria Marin, presidente da CBF. Enquanto isso, do outro lado de Zurique, os procuradores suíços invadiam a fortaleza da Fifa, confiscando mais de nove terabytes de dados, procurando informações que comprovassem (1) as suspeitas de compras de votos para a escolha das sedes das Copas de 2018 e 2022 e (2) as conclusões do FBI de que a Fifa teria montado um esquema de corrupção que movimentou, “durante ao menos 24 anos, US\$ 150 milhões em propinas e subornos” (CHADE, 2015, p. 19). Moralmente forçado a abrir suas próprias investigações após o processo aberto nos Estados Unidos, o Ministério Público suíço também conduziu suas investigações, detectando “mais de 104 transações financeiras suspeitas de lavagem de dinheiro, milhões de dólares envolvidos, contas bloqueadas e mais de 160 bancos implicados” (CHADE, 2015, p. 20).

Essas operações colocariam a pressão de um mundo inteiro sobre os ombros de Sepp Blatter, que tentaria a reeleição em dois dias. O procedimento de emergência foi alegar que a corrupção era individual e que ele mesmo lideraria um processo que traria transparência e reestruturação da entidade (CHADE, 2015, p. 21) que ele governava desde 1998. As eleições do dia 29 de maio não foram adiadas. Foram, inclusive, apressadas: o pleito que elegeria Blatter para mais um mandato de quatro anos ocorreu normalmente. Durante a festa de comemoração,

o salão se esvaziou rapidamente: muitos dirigentes foram orientados pelo próprio Departamento Jurídico da Fifa a não ficar na Suíça por muito tempo (CHADE, 2015, p. 27-29). Blatter, vitorioso, prometia que seu mandato de quatro anos seria seu último. Parecia uma profecia. Quatro dias depois, seu governo sobre o Futebol chegaria ao fim: indícios do Departamento de Justiça dos EUA indicavam que o pagamento de propina efetuado a Jack Warner, da Federação de Trinidad e Tobago, teria passado pela Fifa. Dessa forma, Blatter estava colocado na parede: ou esse pagamento atesta sua corrupção ou sua incompetência. O pagamento, no valor de US\$ 10 milhões de dólares, seria referente à compra do voto do cartola para a eleição da sede do Mundial de 2010. A pressão também vinha da imprensa, que noticiava que o mandatário suíço estaria entre os alvos do FBI; do sistema financeiro, depois que alguns bancos registraram mais de cinquenta movimentações suspeitas em contas em nome de dirigentes da Fifa; e dos patrocinadores, que ameaçavam retirar seus patrocínios, temendo ver seus nomes ligados a um mar de corrupção. Blatter, que acreditava ter se tornado um líder internacional graças ao futebol, convocou uma conferência de imprensa para renunciar ao cargo que havia exercido durante 17 anos (CHADE, 2015, p. 46-50). Se a era Blatter chegava ao fim, muitas dúvidas restam sobre a corrupção na entidade. Dentre tantos casos pertinentes, focaremos em três deles, todos ligados à Copa do Mundo: os contratos da ISL, as compras de votos para sediar os Mundiais e a venda de ingressos para os jogos.

#### **4.2.1 O inexplicável caso ISL**

A ISL foi uma empresa fundada na Suíça em 1982 por Horst Dassler, que também era dono da Adidas, com a função de comprar e revender direitos televisivos de competições esportivas. Se não pudermos dizer que sua fundação foi mesmo dentro da Fifa, é certo dizer que a proximidade entre a entidade e a empresa tinha um caráter parental. As relações próximas de Dassler com figuras como João Havelange e Juan Antonio Samaranch - presidente do COI - permitiram à ISL que em pouco tempo já fosse responsável pela venda dos direitos de transmissões de torneios como a Copa do Mundo, as Olimpíadas e o Mundial de Atletismo (JENNINGS, 2011). A proximidade entre Fifa e ISL permitiu à empresa suíça ganhar uma licitação fraudulenta para revender os direitos de transmissão da Copa do Mundo de 2002 e 2006, em uma operação que quebrou a ISL e quase quebrou a Fifa.

Em 1995, a situação da ISL já era complicada. Após perder dinheiro nos Jogos Olímpicos de Seul, em 1988 e de Barcelona, em 1992, e Jean-Marie Weber, o presidente da empresa, não obteve êxito em renegociar os direitos de transmissão dos Jogos com o COI. Assim, o peso do mundo recaiu sobre os ombros de Weber, pois a perda da Copa do Mundo

poderia ser o final de sua empresa. Weber, pelo menos, sabia que ainda tinha a Fifa, quando Eric Drossart, presidente da IMG, ofereceu US\$ 1 bilhão pelos direitos da Copa do Mundo de 2002, em parceria com a UFA, subsidiária televisiva da Bertelsmann, o maior conglomerado de mídia do mundo. A Fifa lidou com as negociações com a transparência de um muro de concreto: Sepp Blatter não só não ficou feliz com a oferta bilionária, como repreendeu Drossart por ter enviado a oferta a todos os membros do Comitê Executivo ao invés de enviar somente a ele. A oferta de Drossart foi enviada em 18 de agosto de 1995, e Blatter respondeu pedindo para que o executivo belga mandasse detalhes de sua oferta até o final de outubro, sem nunca mencionar o Mundial de 2006 no pacote. Passado o prazo, Blatter novamente escreveu a Drossart que esperasse a expiração dos direitos exclusivos de negociação, que Weber detinha até 29 de fevereiro de 1996. No dia 7 de dezembro de 1995, em reunião com os presidentes das cinco confederações continentais, Drossart foi ainda mais longe: prometeu que cobriria qualquer oferta para que a IMG e a UFA levassem os direitos de transmissão da Copa de 2002 na bagagem. Parecia certo que o executivo belga venceria a ISL na licitação. Ao menos seria o que aconteceria se, do nada, as regras do jogo não mudassem e Blatter enviasse a Drossart no dia 15 de março de 1996, duas semanas após a expiração da negociação exclusiva com a ISL, uma mensagem dizendo que ainda mantinha negociações com a ISL para a venda dos direitos de transmissão da Copa, tendo recebido uma oferta para 2002 e depois (JENNINGS, 2011, p. 53-56).

A palavra “depois” entrou na cabeça de Drossart, que tinha US\$ 1 bilhão na mão para comprar os direitos da Copa do Mundo de 2002, sem nenhum depois. Ali, Drossart estava começando a perceber que algo ocorria muito errado. No dia 29 de março, Drossart teria mandado um fax para Blatter: “Não acreditamos que a questão da representação da Copa do Mundo esteja sendo tratada com equanimidade pela Fifa” (JENNINGS, 2011, p. 57), diria o presidente da IMG, que depois ainda acusava Blatter de o deixar deliberadamente de fora das conversas. A resposta, que só veio em 18 de abril, dizia que os direitos da Copa de 2002 e 2006 eram um pacote. Se a IMG quisesse concorrer, teria que buscar em quinze dias outro US\$ 1 bilhão ou garantias financeiras. Nesse meio tempo, para garantir a capacidade de entrar no páreo, a ISL recebeu o “sim” do magnata alemão Leo Kirch, e a oferta da ISL/Kirch saiu vencedora em julho de 1996, o que só foi anunciado em setembro de 1997 (JENNINGS, 2011, p. 57-59).

O que se seguiu foi uma cena de um filme de comédia, daqueles de roteiro bem fraco: simplesmente havia chegado um cheque à sede da Fifa, revelando o pagamento de US\$ 1 milhão de francos suíços a um alto dirigente da entidade. Jennings afirma ter descoberto por uma fonte

que o cheque deveria ter sido endereçado a um alto executivo da entidade que teria ajudado a ISL a vencer a licitação, mas o pagamento foi acidentalmente parar na Fifa. Aquilo havia sido uma estupidez imensurável, que a própria Fifa tratou de corrigir antes do fim do dia, fazendo o que, para a Fifa, pareceu o certo a se fazer: enviar logo o cheque ao dirigente correto (JENNINGS, 2011, p. 59).

Leo Kirch cobrou caro pelo apoio à ISL na licitação. Antes do final de 1996, a ISL perdeu três dos seus principais articuladores, que se juntaram a Kirch. Kirch, que em poucos meses deixou de ser um aliado para se tornar o principal rival da empresa suíça. Os 120 milhões de francos suíços acordados entre Kirch e a ISL para que o alemão garantisse os direitos da Copa de 2006 passaram imediatamente a ser vistos como um grande erro. Em um mercado onde contatos são tudo, os três executivos - Steven Dixon, Peter Sprogis e Thomas Hipkiss - “eram fundamentais para as esperanças da Fifa e da ISL de vender a peso de ouro os direitos das Copas” (JENNINGS, 2011, p. 141). Por causa disso, a Fifa foi obrigada a causar um revés doloroso à ISL: fez com que Weber entregasse os direitos de transmissão dos Mundiais na Europa para a nova equipe de Leo. A perda do mercado europeu frustrou os sonhos de Weber, que queria transformar a ISL em uma gigante global. Abalado, Weber foi ao mercado, assinando uma série de contratos para comprar os direitos de transmissão de campeonatos de vários esportes, como rugby, críquete, voleibol, natação, basquete e automobilismo, e chegou a desembolsar US\$ 1,2 bilhão em uma operação sem sucesso que pretendia transformar o tênis em um esporte das massas em dez anos. Foi no futebol, no entanto, que Weber deu seus maiores passos no abismo. Quando recebeu US\$ 60 milhões da Rede Globo de Televisão, a ISL deveria obrigatoriamente repassar US\$ 22 milhões à Fifa, mas esse dinheiro nunca chegou às contas da entidade. Enquanto Michel Zen-Ruffinen, secretário-geral da Fifa, cobrava o dinheiro de Weber, o presidente da ISL saía aos quatro cantos do planeta anunciando as previsões de crescimento estratosférico do conglomerado ISMM, criado para gerir a ISL e as empresas compradas por ela. Weber começou, assim, a transformar a ISL em uma bolha (JENNINGS, 2011, p. 141-144).

Assim que Weber passou a atirar para todos os lados, o futebol brasileiro foi atingido a partir de 1999, quando a ISL assinou uma parceria com dois clubes brasileiros: o Clube de Regatas Flamengo e o Grêmio de Foot-Ball Porto-Alegrense. Somente à equipe carioca, seriam pagos US\$ 80 milhões, para a equipe pagar dívidas, contratar jogadores e construir um novo centro de treinamento. Havia até promessas relativas a construir um grande estádio de alto padrão para o Flamengo, que nunca saiu do papel. O que aconteceu é que, em 2002, US\$ 62,6 milhões sumiram, o Flamengo se tornou o time mais endividado do Brasil e o Grêmio entrou

em uma crise que o levou à segunda divisão em 2004 e quase fez o time gaúcho fechar suas portas (HANSEN, 2008). Quando tudo era nebuloso para a empresa suíça, a promessa de ganhos da Copa de 2002 se tornou a única salvação. Weber afirmou que “A Copa do Mundo da Fifa de 2002 transformará nosso grupo e o próprio marketing esportivo” (JENNINGS, 2011, p. 147), prevendo que a empresa tivesse lucros na casa das centenas de milhões de francos suíços em 2006, escondendo que o lucro atual passava marginalmente da casa do milhão. Enquanto Weber inflava a bolha, os bancos se recusavam a oferecer crédito e o executivo recorreu à Fifa (JENNINGS, 2011, p. 144-148).

A Fifa, antes das cifras bilionárias começarem a entrar, tinha um *modus operandi* semelhante ao da ISL: gastar dinheiro que não tem para vender otimismo. O repasse de US\$ 250 mil dólares anuais que Blatter fazia a todas as federações nacionais começou a prejudicar o caixa da entidade. “Inacreditavelmente, o esporte mais rico do mundo estava ficando sem dinheiro” (JENNINGS, 2011, p. 148). No entanto, nada disso impediu que Blatter fosse ao socorro da empresa do amigo, concordando, em 1997, a permitir que a ISL utilizasse o valor das contas individuais como garantia para conseguir dinheiro dos patrocinadores da Copa do Mundo, levantando fundos por meio de oferta privada de ações. O plano ficou conhecido como “Projeto Alvorada”, que teria seu prosseguimento assegurado em dezembro de 1997, quando Weber enviaria um caução de SFr 66 milhões para Blatter. Quando o prazo acabou, a Fifa ameaçou cancelar os negócios com a ISL, que foi salva pela japonesa Dentsu. Jennings salienta o invejável descaramento de Weber: em diversas oportunidades, ele não só deu calote nos credores, como também pediu mais dinheiro e pediu para que os credores não fossem atrás dele caso ele não pagasse. Blatter poderia ser misericordioso com Weber, mas os bancos não: em ultimato, os bancos ameaçaram liquidar a ISL caso Weber não quitasse compromissos avaliados em SFr 277 milhões. Frente às ameaças, “Weber tentou tranquilizar Blatter, [...] alegando que o grupo contava com um rombo de apenas 115 milhões de francos [suíços]” (JENNINGS, 2011, p. 150). Praticamente liquidada, uma luz surgiu no fim do túnel de Weber: a empresa francesa Vivendi teria uma proposta para comprar a ISL. A esperança durou pouco: ao ter contato com a contabilidade da ISL, a única coisa que os franceses quiseram comprar foi uma passagem de volta para casa. No dia 21 de maio de 2001, a ISL foi finalmente liquidada por um juiz de falências suíço. Agora caberia à Fifa explicar como a empresa compradora dos direitos de transmissão mais lucrativos do mundo havia falido antes mesmo da Copa do Mundo (JENNINGS, 2011, p. 148-154).

Inacreditavelmente, por mais mergulhado que Blatter estivesse no caso ISL, ele saiu da história como um herói. Ninguém se importou quando ele dissolveu as acusações de conivência

da Fifa com a bolha da ISL, ao alegar que a Fifa havia tido ciência do calote dos US\$ 22 milhões da Rede Globo somente no dia 21 de abril de 2001. A verdadeira ordem dos fatos não importava para Blatter, mesmo que Zen-Ruffinen estivesse correndo atrás de Weber desde setembro de 1998. A verdadeira história foi além: Thomas Bauer, liquidante da ISL, afirmou a Jennings ter encontrado voluptuosos pagamentos pela ISL a pessoas do futebol. Blatter também era pressionado por um empréstimo de SFr 300 milhões contraído junto ao *Credit Suisse*, que havia sustentado o repasse de verbas anual às federações nacionais. Afundado em críticas, Blatter deu um show ao jogar uma cortina de fumaça em tudo: primeiro, em uma operação financeira, Urs Linsi, diretor de finanças da Fifa, conseguiu injetar SFr 690 milhões nos cofres da entidade, ao vender um dos maiores ativos da Fifa, seus contratos de marketing; depois, durante o Congresso da Fifa, em Buenos Aires, a Fifa investiu em marketing para convencer os representantes nacionais que havia conseguido obter estrondosos lucros, revertendo a situação de crise, e Blatter foi aclamado pelos representantes nacionais. Vale ressaltar que a operação - que fez a Fifa abrir mão dos lucros que seus contratos trariam - não era necessária para as contas da Fifa: em 2002, “o dinheiro da venda dos direitos de televisão começaria a entrar e a Fifa teria o fluxo de caixa adequado” (JENNINGS, 2011, p. 153). Acontece, porém, que dificilmente Blatter conseguiria se sustentar na presidência da Fifa se chegasse ao congresso tendo que apresentar o panorama real da entidade (JENNINGS, 2011, p. 152-159).

#### **4.2.2 Quanto vale um voto**

A venda de votos para as eleições que escolhem o país-sede das Copas do Mundo é o esquema de corrupção da Fifa que mais impacta na política internacional. A cada edição, um bom número de países manda sua proposta de candidatura. A corrupção nesse processo é tão evidente que os dirigentes, ao elaborar a proposta, já calculam quanto vai ser necessário pagar em propina para os membros do Comitê Executivo, o que talvez seja o gasto mais importante. A matemática é simples:

A decisão até a escolha do Mundial de 2022 era tomada pelo Comitê Executivo da Fifa, uma espécie de governo do futebol formado por apenas 24 pessoas. Garantir treze votos, portanto, já seria suficiente para declarar vitória (CHADE, 2015, p. 107).

A corrupção na votação para sede dos Mundiais, segundo Chade (2015, p. 107-128), tem sido realidade há mais de trinta anos. Desde 1998, tem sido padrão recorrente em absolutamente todos os processos seletivos. A capacidade dos dirigentes em seduzir os

membros do Comitê Executivo tem um poder decisivo muito maior do que a perfeição dos estádios, da estrutura urbana ou do planejamento.

Muito da estrutura de corrupção da Fifa começou a aparecer quando o dirigente estadunidense Chuck Blazer, visando evitar uma pena de 75 anos de prisão, começou a colaborar com o FBI. Segundo seus depoimentos aos policiais, ele começou a receber propinas em 1992, no processo de escolha para a Copa de 1998. Naquela ocasião, ele e Jack Warner receberam US\$ 1 milhão para votar no Marrocos. Mesmo com a compra de votos, os marroquinos foram derrotados pelos franceses (CHADE, 2015, p. 110).

Para as eleições de 2002, brilhou a estrela de um dos dirigentes sul-americanos, craques na corrupção e cobrança de propina. Àquela época, o futebol do continente de João Havelange, Ricardo Teixeira e Julio Grondona era comandado pelo paraguaio Nicolás Leoz, que não ficava atrás de nenhum deles. Engana-se quem pensa que somente países em desenvolvimento, ávidos pela oportunidade de utilizar o Mundial como ferramenta política, pratiquem compra de votos: quem depositou US\$ 1,5 milhões nas contas de Leoz para que ele distribuísse aos cartolas da Conmebol foi o presidente da Federação Japonesa de Futebol, o já falecido Ken Naganuma. Quem fez a denúncia foi um ex-alto funcionário da Conmebol, que foi obrigado a fugir para a Espanha depois que começou a se recusar a fazer as operações envolvidas nos subornos (CHADE, 2015, p. 110-112).

A Copa seguinte estava praticamente prometida para os sul-africanos. Blatter, depois de vários anos recebendo apoio dos dirigentes africanos, sabia que era hora de retribuir, e não era segredo pra ninguém que a África do Sul era a preferência do presidente da Fifa. Blatter, no entanto, esqueceu de combinar com o Comitê Executivo. A eleição, em 2000, teve três rodadas: na primeira, os concorrentes eram África do Sul, Alemanha, Inglaterra e Marrocos. Com dez votos, a Alemanha despontou na frente, enquanto a África do Sul teve seis votos e a Inglaterra, cinco. Com apenas dois votos, o Marrocos foi eliminado. Na segunda rodada, estranhamente três dirigentes que haviam votado pelos ingleses votaram em favor dos sul-africanos, mesmo que a Inglaterra seguisse na disputa. Assim, os ingleses foram eliminados, com dois votos, enquanto Alemanha e África do Sul iriam para o terceiro turno empatadas com onze. Com base no apoio declarado de cada um dos dirigentes, a Copa iria para a África do Sul, já que a votação terminaria empatada em doze a doze e o voto de Minerva seria concedido a Blatter. A votação final, no entanto, deu o Mundial de 2006 aos alemães, por doze a onze. Charlie Dempsey, presidente da Nova Zelândia, alegando fortes razões para se abster e ter sofrido tentativas de suborno, anunciou por carta que não participaria da terceira rodada, e já se dirigia para Singapura antes mesmo do país-sede do Mundial ser anunciado. No mesmo ano, Dempsey

renunciou ao cargo de presidente da OFC. A Fifa, como procedimento padrão, abriu uma investigação. E, como conclusão padrão, entendeu que nada poderia ser feito. A Alemanha saiu da reunião com a Copa, e a Fifa foi obrigada a fazer um acordo com todas as confederações, criando uma rotação que garantiria o Mundial de 2010 ao continente africano e o de 2014 ao sul-americano. (CHADE, 2015, p. 112-114).

A próxima Copa teria que ser na África do Sul a todo custo. De modo a facilitar a candidatura do país de Mandela, a Fifa já havia limitado às candidaturas a somente países africanos. Pouco poderia dar errado. A campanha sul-africana, no entanto, não se basearia somente sobre a insuspeita imagem de Nelson Mandela. “Por mais dramático e simbólico que seja, foi usando dinheiro destinado a projetos sociais que países compraram votos dos cartolas da Fifa” (CHADE, 2015, p. 117). Chuck Blazer afirma que ele e outros membros do Comitê Executivo concordaram em receber propina para votar na África do Sul. Para ele foram destinados US\$ 750 mil em três parcelas. O cheque da primeira parcela, utilizado por Chuck como evidência, era de um banco em Trinidad e Tobago, país de Jack Warner, que recebeu proposta de US\$ 1 milhão dos marroquinos. Warner, no entanto, votou nos sul-africanos, que pagaram US\$ 10 milhões, uma quantia tão grande que qualquer forma de pagamento convencional despertaria muitas suspeitas. A solução encontrada? A criação de um projeto-fachada de investimento sul-africano na diáspora africana no Caribe, que enviaria parte do dinheiro da Copa dos africanos para populações marginalizadas e miseráveis. Essas populações jamais receberam o dinheiro. Quando a bomba estourou, ninguém assumiu a responsabilidade. Ninguém da Fifa sabia do dinheiro. Jérôme Valcke, secretário-geral da Fifa, disse não poder ser responsabilizado por um cheque que ele assinou. Segundo a Fifa, nem Valcke, nem ninguém na administração da entidade participou do projeto. Os fatos são que (1) Valcke cancelou várias viagens nos meses seguintes temendo ser extraditado para os EUA; (2) o vice-diretor do Comitê de Finanças que aprovou o pagamento para Jack Warner era o próprio Jack Warner (CHADE, 2015, p. 117-120).

Oficialmente, a África do Sul venceu o Marrocos por quatorze a dez. O jornal *Sunday Times* contesta. Em uma operação investigativa cada vez mais comum, os jornalistas se passaram por lobistas para se encontrar com delegados da Fifa. Durante os encontros, teriam câmeras escondidas para obter gravações comprometedoras. Essa operação tem se tornado comum por causa da displicência dos diretores da Fifa, que de tão autoconfiantes, sempre caem nessas. Não foi diferente. Ismail Bhamjee, botsuanês que foi membro do Comitê Executivo, teria feito uma revelação perturbadora sobre as eleições que ocorreram em 2004: o resultado

oficial foi modificado para dar a vitória aos sul-africanos. O placar real teria sido treze a onze em favor do Marrocos (CHADE, 2015, p. 122-123).

#### **4.2.3 Seu ingresso, por favor**

Um escândalo explodiu em meio a Copa do Mundo de 2014. Enquanto todo mundo esperava pelas quartas-de-final do Mundial, um britânico havia sido preso no Rio de Janeiro. Normalmente quando se fala em britânico preso durante um campeonato de futebol, se espera algum tipo de atividade ligada à violência de torcidas. Mas Raymond Whelan estava ali por outro motivo: o diretor da Match, empresa que detém milhares de ingressos para jogos da Copa, foi preso na Operação Jules Rimet, acusado de vender ilegalmente alguns desses ingressos (GAÚCHA/ZERO HORA, 2014).

Mas não foi em 2014 que empresários descobriram o mercado alternativo como uma oportunidade de lucrar ainda mais com os ingressos da Copa. Em 1990, quando a Copa foi disputada na Itália, Whelan já atuava. Naquela época, quem tinha os direitos de venda dos ingressos não era nenhuma empresa, nem pessoa, senão o próprio COL, liderado pelo italiano Luca di Montezemolo. Na época, Whelan assinava contratos pela empresa Mundicor, e a atuação da empresa chamou a atenção de Montezemolo, que enviou uma carta para a direção da Fifa alertando sobre uma fonte de ingressos desconhecida - a Mundicor - que violava as regras da venda de ingressos. A resposta da Fifa, no entanto, foi inacreditável: não previa punição a Whelan e ainda autorizava o britânico a vender pacotes para os jogos (CHADE, 2015, p. 166-167).

Nas edições seguintes, surgiram os irmãos mexicanos Jaime e Enrique Byrom, que, segundo o delator Benny Alon, já em 2002 detinham todos os direitos de venda de entradas e acomodações para os jogos da Copa. Os irmãos Byrom atuavam em nome da empresa Match e, por coincidência, eram cunhados de Whelan. Os irmãos Byrom eram beneficiados pelo mesmo procedimento padrão dentro da Fifa que beneficiou Jean-Marie Weber: dar prioridade a parceiros antigos e corruptos em licitações contra empresas com propostas e planos de negócio superiores. Para a Copa de 2018, por exemplo, a atual empresa dos irmãos, a Byrom, obteve o milionário contrato de venda de pacotes de acomodação, mesmo que as avaliações técnicas concluíssem que a empresa “não estava capacitada para realizar as vendas de pacotes e que seu modelo comercial não conseguiria sequer cobrir o custo da operação de vendas” (CHADE, 2015, p. 167), e que a empresa concorrente ao processo, a Kuoni, fosse superior nos três critérios de avaliação: (1) estrutura, estabilidade financeira e experiência no mercado russo, (2) oferta, (3) riscos financeiros. A Fifa escolheu a Byrom alegando que as propostas foram parecidas e

que a entidade optaria pela continuidade (CHADE, 2015, p. 167-168). A mesma continuidade que beneficiou a ISL anos antes.

Os negócios entre a Fifa e a ISL, como já mencionado, foram salvos pela Dentsu em 1997. Em parceria com a Publicis, em 2002, após a quebra do conglomerado ISL/ISMM, os japoneses criaram a iSe, com a finalidade de operar a venda de ingressos de alto nível, os que realmente dão dinheiro. Benny Alon seria um de seus principais executivos. Para 2006, a iSe ganhou o contrato, que Blatter considerou como um presente pela ajuda prestada pela Dentsu anos antes. Alon contestou a afirmação de Blatter: se o contrato foi um presente, a iSe não precisaria pagar US\$ 270 milhões por ele. Alon talvez não estivesse a par da troca de favores entre a empresa e a Fifa: o presidente da empresa, Haruyuki Takahashi, mostrou total falta de cacoete para corrupção e gerou constrangimento ao tentar convencer os executivos da iSe a transferir €2 milhões para Sepp Blatter sem razão aparente. A propina foi negada pelos executivos, pouco interessados em ir para a cadeia por Takahashi (CHADE, 2015, p. 169-170).

Talvez insatisfeito por não receber o seu presente, Blatter passou a iSe para trás. Faltando pouco menos de um ano para o começo da Copa, em agosto de 2005, a iSe foi informada por Blatter que seria substituída por Jaime Byrom, que atuaria como Escritório de Ingressos da Fifa. A Fifa - representada por Byrom - repassou apenas 239 mil dos 346 mil ingressos acordados em contrato. Milhares de entradas foram consideradas “não vendidas” e foram devolvidas à Fifa. Alon relata que dois mil ingressos para o jogo de abertura entre Alemanha e Polônia foram considerados “não vendidos” e retornaram para a Fifa. Além da declaração de Alon, outros 6,5 mil ingressos tomariam esse caminho. Alon, com razão, não conseguiu entender como sobraram tantos ingressos para um jogo de abertura, envolvendo a seleção da Alemanha, em uma Copa na Alemanha. Segundo o depoimento de Alon, esses ingressos eram propositalmente não vendidos e retornavam para que a própria Fifa os revendesse no mercado alternativo, onde teria ganho US\$ 110 milhões por 110 mil ingressos. Dada a visível disparidade no número de ingressos contratados e recebidos pela iSe, a Fifa, sob seu diretor Urs Linsi, enviou uma carta para a iSe sugerindo que a própria empresa teria desviado os ingressos, dizendo ter evidências de que a polícia teria confiscado ingressos fora dos estádios. Apesar da acusação, nenhuma punição estava prevista para a iSe (CHADE, 2015, p. 170-171).

Em 2014, segundo Chade, o esquema fazia parte da própria Fifa, envolvendo o nome do secretário-geral Jérôme Valcke. A principal denúncia caía sobre o contrato entre a Fifa e a JB Marketing - empresa na qual, mais uma vez, Alon era executivo - que teria o direito de negociar 11 mil entradas consideradas em áreas “nobres” dos estádios, e a empresa escolheria

doze jogos para vender ingressos acima do preço tabelado, enquanto a Fifa escolheria outros doze. Um último pacote, com 2,4 mil ingressos, seria entregue à empresa para partidas com menor apelo comercial. Buscando manter um contato com a Fifa, a JB Marketing assinou o desvantajoso acordo. Em dezembro de 2012, no entanto, Alon procurou Valcke para renegociar o contrato principalmente sobre as partidas de menor apelo, alegando que sua empresa perderia US\$ 300 mil de acordo com o combinado. Valcke aceitou renegociar: a JB Marketing venderia ingressos para as melhores partidas do Mundial, sob a condição de dividir os lucros meio a meio. Alon entendeu que dividiria os lucros com a Fifa. Valcke quis dizer que a JB dividiria os lucros com Valcke. Uma operação de “adiantamento” - propina - de lucros foi feita para Valcke, que depois refugou e, temendo os reflexos da operação em uma possível candidatura à presidência da Fifa, recusou o pagamento. O acordo, no entanto, foi mantido. Antes mesmo do repasse dos ingressos, a JB Marketing começou a venda dos pacotes. Somente nessa operação, segundo Alon, Valcke levou mais de €2 milhões em lucros (CHADE, 2015, p. 171-173).

A JB, no entanto, foi vítima de mais um procedimento padrão da Fifa: renegociar contratos para incluir parceiros. A alegação agora seria que, pela lei brasileira, uma empresa não poderia vender apenas entradas, teria que vender completos pacotes de hospitalidade, cujos direitos estavam com a Match, de Ray Whelan e Jaime Byrom. Assim, a Match substituiu a Fifa no acordo com a JB. Byrom alertou que sua empresa não teria como justificar a transferência de recursos com a JB, e que, por isso, o acordo teria que ser feito em seu próprio nome. Assim, seria Byrom que repassaria 11,3 mil dos ingressos recebidos para a JB Marketing. Ainda que o acordo violasse as normas da Fifa que dizem que nenhum indivíduo poderia vender ingressos, nada impediu a negociação. A JB Marketing só percebeu que havia sido enganada quando recebeu os ingressos, que não correspondiam às áreas vendidas. Ao invés dos polpudos ingressos de luxo negociados com Valcke, “o pacote recebido indicava setores marginais dos estádios brasileiros” (CHADE, 2015, p. 174). Alon foi obrigado a se contentar com os ingressos de menor valor e com os clientes que o processaram por não obter as cadeiras prometidas. Após o fim da Copa, Alon foi tirar satisfações com Valcke, tentando entender o que aconteceu com oito mil das 11,3 mil entradas prometidas. Valcke, no entanto, tinha outras preocupações: Ray Whelan estava preso no Rio de Janeiro (CHADE, 2015, p. 174-175).

#### **4.3 A Fifa e o poder sobre os governos nacionais**

A corrupção da Fifa poderia ser simplesmente um problema do Futebol, sem muito impacto social e sem causar grandes problemas para a comunidade internacional. O que se vê, porém, é que a Fifa tem uma relação tão próxima com os governos nacionais, que suas práticas

de corrupção acabam por envolver os governos, impactando a vida das pessoas governadas por estes. Na Copa do Mundo, essa relação ocorre ainda antes da eleição da sede. O país que se candidata a ser país-sede de uma Copa do Mundo deve conceder à Fifa seus próprios poderes, flexibilizando ou até mesmo passando por cima de suas leis em benefício da entidade. Para receber uma Copa, um país precisa proteger os interesses da Fifa e de seus patrocinadores mais do que os seus próprios.

Os entornos dos estádios da Copa passam a ser o mais perto que a Fifa pode chegar a ter de fato um território. Esses espaços são ressignificados, dando poder a Fifa de fazer com eles o que bem entender. Em um perímetro de dois quilômetros ao redor dos estádios, a venda de produtos da concorrência é vetada: bebidas não alcoólicas, somente de marcas da Coca-Cola; alimentação é McDonald's; bebida alcoólica, sempre Budweiser. As marcas parceiras da Fifa são as únicas que podem explorar seus direitos em campanhas de publicidade, e tal direito é protegido por novas leis, criadas exclusivamente para a Fifa. Na última Copa, por exemplo, reproduzir ou falsificar propriedade intelectual registrada pela Fifa acarretaria em uma punição de três meses a um ano de reclusão. Para evidenciar ainda mais o domínio da entidade sobre o território, o governo brasileiro sequer teria o poder de processar quem cometesse tal crime: o processo só poderia ser aberto se a Fifa assim quisesse (CHADE, 2015, p. 248-249, 251).

No Brasil, em 2014, a alteração na legislação exigida pela Fifa ficou conhecida como Lei Geral da Copa<sup>22</sup>, aprovada pelo Congresso em 2012. As intenções da lei são claras: ao Estado, cabe as obrigações e os prejuízos; à Fifa, os lucros. Para a Copa do Mundo, a Lei Geral da Copa previa momentaneamente a abolição de algumas leis cuja implementação no Brasil ocorreu após muito debate, como o estabelecimento da meia-entrada e a proibição de venda de bebidas alcoólicas nos estádios. A situação chegou ao ponto que, para utilizar os estádios construídos por ele mesmo para apresentar informações sobre seu próprio país para atrair turistas e investidores, o governo brasileiro foi obrigado a patrocinar a Copa. O acordo entre a Apex e a Fifa, mesmo envolvendo dinheiro público, não foi divulgado, mas estima-se ter envolvido R\$ 20 milhões (CHADE, 2015, p. 248-250).

A Lei Geral da Copa passou por cima da própria Constituição brasileira ao assegurar a Fifa que qualquer prejuízo seria pago pelos brasileiros. Lê-se, no artigo 22 da Lei Geral da Copa que

A União responderá pelos danos que causar, por ação ou omissão, à FIFA, seus representantes legais, empregados ou consultores, na forma do § 6o do

---

<sup>22</sup> Lei Nº 12.663, de 5 de Junho de 2012.

art. 37 da Constituição Federal (REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 2012).

E, no artigo 23, que

A União assumirá os efeitos da responsabilidade civil perante a FIFA, seus representantes legais, empregados ou consultores por todo e qualquer dano resultante ou que tenha surgido em função de qualquer incidente ou acidente de segurança relacionado aos Eventos, exceto se e na medida em que a FIFA ou a vítima houver concorrido para a ocorrência do dano (REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL, 2012).

Se, ao ler os artigos, ficou alguma dúvida sobre quais são os riscos dos quais o governo brasileiro esteja tentando blindar a Fifa, é exatamente esse o problema: a lei simplesmente não os define, o que, para a Procuradoria Geral da República, é uma grave violação à Constituição (CHADE, 2015, p. 255). O Brasil se compromete a pagar qualquer coisa que a Fifa considerar ser um prejuízo posteriormente, dando à própria Fifa o poder de escolher ser ressarcida ou não por qualquer problema que ocorresse, desde um atentado terrorista até algum protesto do próprio povo brasileiro contra a realização do Mundial.

Passar por cima da Constituição e dos princípios de transparência não é algo novo para o maior evento da principal entidade do futebol mundial. Em 2011, o Congresso Nacional aprovou o Regime Diferenciado de Contratações Públicas (RDC), que flexibilizava as regras para licitações públicas, uma medida que visou acelerar as obras. Mais uma vez, a PGR era sumariamente ignorada: para o então procurador-geral da República, Roberto Gurgel, era inconstitucional flexibilizar as regras para licitações sem especificar “parâmetros mínimos de identificação de obras, serviços e compras que seriam beneficiadas por um processo de licitação mais flexível” (CHADE, 2015, p. 201). O líder do governo na câmara, Cândido Vaccarezza (PT-SP), rebateu as argumentações da procuradoria alegando que flexibilizar o regime de contratação para acelerar as obras é um procedimento padrão adotado por países como Japão e Alemanha, negligenciando o fato de que o Brasil havia sido o país com mais tempo para organizar um Mundial na história (sete anos, ao invés dos seis a que a maioria dos países dispõem) e que não havia motivo que justificasse o atraso nas obras da Copa (CHADE, 2015, p. 200-201).

#### **4.3.1 Quem pode parar a Fifa?**

Já debatemos que, ávidos por repetir as experiências de sucesso que outros países tiveram com a Copa do Mundo, África do Sul e Brasil caíram em uma armadilha que sugou

bilhões de dólares de dinheiro público que resultaram em legado nenhum. Como também vimos, para os próximos anos esse procedimento é tendência: buscando atrair benefícios políticos, Rússia e Catar injetarão outros bilhões nas contas de empreiteiras e, indiretamente, da própria Fifa.

Em comparação com as Olimpíadas, um fenômeno parecido foi observado: Chade (2015, p. 224) destaca o caso de Barcelona, que despontou em 1992 como uma cidade que floresceu sob a chama do espírito Olímpico. Após a penosa reestruturação após anos de atraso na ditadura franquista, os Jogos Olímpicos de Barcelona de 1992 mostraram uma cidade revigorada e vibrante após Jogos de legado inquestionáveis, que trouxeram reestruturação urbana e grande crescimento da atratividade da cidade. Para o autor, no entanto, o renascimento da cidade catalã foi fruto de um esforço que concentrou 91% de seus investimentos no legado que seria trazido pelo planejamento urbano, e apenas 9% em instalações esportivas. Os Jogos Olímpicos não trouxeram desenvolvimento: foram apenas um pretexto. Visto que o planejamento normalmente é ofuscado pela euforia, “poucos no mundo conseguiram repetir o ‘efeito Barcelona’” (CHADE, 2015, p. 225).

Depois que ficou claro que Barcelona era uma exceção à regra, é notável a quantidade de casos de cidades importantes de países desenvolvidos que retiraram sua candidatura a sediar os Jogos Olímpicos de Inverno após adotar um procedimento que ainda causa estranhamento ao mundo do esporte: consultar sua própria população. Oslo, na Noruega, Munique, na Alemanha, St. Moritz, na Suíça e Estocolmo, na Suécia, se retiraram ou sequer entraram na briga por sediar o evento ou porque a população não considerou que os gastos valeram a pena ou porque a própria classe política não viu vantagem na realização do evento. Assim, a sede escolhida para os Jogos Olímpicos de Inverno de 2022 foi Pequim, que sequer tem estrutura para esportes de inverno, mas não consultou sua população. Visto a dificuldade em atrair países democráticos para sediar novas edições do evento, o COI está sendo obrigado a repensar seus critérios, que devem cada vez mais deixar de priorizar a massividade dos gastos para dar valor à capacidade do evento em produzir legado a sua sede (CHADE, 2015, p. 226-229).

A farra da Fifa ainda nos impede de vislumbrar esse horizonte. Para o futuro, a eleição de Gianni Infantino como presidente da Fifa traz a mesma quantidade de esperanças e de dúvidas (TRIVELA, 2016). Apesar de ter boas ideias, Infantino não representa exatamente o novo na Fifa, e há dúvidas se o ítalo-suíço será capaz de deixar para trás o traumático passado recente da entidade. Suas propostas de ampliar o número de equipes no Mundial e de distribuir recursos da Fifa para os países-membro não se diferenciam em nada das práticas eleitoreiras de Havelange e Blatter. Outra ideia, no entanto, que será testada na Eurocopa a ser organizada pela

Uefa em 2020 (UEFA, 2017), pode trazer mudanças: ao realizar a Copa do Mundo em toda uma região, ao invés de uma sede fixa, cada país fornece uma quantidade limitada de estádios, sem comprometer bilhões de dólares em gastos que trarão um legado questionável.

A insegurança causada às populações pela forma agressiva como a Fifa tratou os países-sede das últimas Copas do Mundo, aparentemente, só pode ser resolvida partindo de dentro. Quem pressiona a Fifa e seus ridículos esquemas de corrupção são seus próprios patrocinadores, mais do que o Ministério Público da Suíça e o FBI. Não há proteção no sistema internacional que impeça a Fifa de pressionar os governos nacionais a adotar medidas que potencializem seus lucros, ou ao menos que impeça os governos nacionais de receber eventos que trazem mais prejuízos do que benefícios à sociedade.

Apesar do reconhecimento do esporte “como um veículo para o desenvolvimento social e sustentável” (DE JESUS, 2011, p. 425) ser crescente entre organizações internacionais intergovernamentais e não-governamentais, o que vem aumentando a quantidade de projetos que usem o esporte como desenvolvimento, essas entidades enxergam o esporte como um potencial, não como uma realidade. O sistema internacional tem uma visão limitada do esporte, que ainda é visto como uma prática amadora que pode gerar desenvolvimento, sem definir exatamente como esse processo pode acontecer. Ao mesmo tempo, ignora que os Megaeventos são realidade há quase um século, e que as tentativas recentes de prover desenvolvimento real a partir do esporte fracassaram por falta de planejamento e guias que estabelecessem diretrizes. Quem sabe assim, África do Sul e Brasil pudessem fazer melhor uso das oportunidades que desperdiçaram. Se houvesse alguém para exigir transparência da Fifa, talvez pudéssemos impedir que o projeto Aspire fosse utilizado para interesses próprios do futebol catariano utilizando cidadãos de países pobres como mão-de-obra; ou pudéssemos impedir que Jack Warner ganhasse milhões de dólares às custas de um programa de desenvolvimento originalmente voltado para gerar oportunidades para populações pauperizadas da diáspora africana no Caribe.

As ações da comunidade internacional que visam vincular desenvolvimento e esporte são insuficientes e muitas vezes acabam gerando o efeito contrário ao que se propõem. Frequentemente, esses projetos revelam atletas que são imediatamente “retirados de suas nações, sendo perdidos como fontes de liderança e transformação nesses locais” (DE JESUS, 2011, p. 426), gerando oportunidade para os pouquíssimos atletas que têm a sorte de se destacar, alimentando os outros apenas com esperança. E, como se essa função extrativista do projeto de desenvolvimento esportivo não fosse suficiente, muitos desses projetos ainda têm um alto teor neocolonialista, “ênfatizando o desenvolvimento de esportes de alta performance em

detrimento dos esportes locais, dos quais a população mais participa” (DE JESUS, 2011, p. 427). Assim, esses projetos, que deveriam promover desenvolvimento, acabam causando a extração de talentos e a perda de culturas esportivas locais, enquanto as oportunidades de obter desenvolvimento real a partir de esportes de alto rendimento são desperdiçadas e transformadas em fonte de lucro para entidades e cartolas corruptos.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância do futebol (e do Futebol) vai além de uma divertida e atraente atividade física. A forma como o futebol não somente atrai, mas caracteriza comunidades ao seu redor mostra que o Futebol se tornou maior que o próprio futebol. Segundo Carvalho (2012), o futebol já ultrapassou o número dos 4 bilhões de seguidores, tendo 1,2 bilhões destes já praticado o esporte em algum momento, além de que meio bilhão de pessoas sobrevivem do futebol de alguma forma. O modo como o futebol se constituiu como fenômeno global e parte do cotidiano dos indivíduos merece mais atenção dos estudos de Relações Internacionais.

O que podemos concluir, a partir dos assuntos abordados, é que tanto a comunidade internacional quanto os governos nacionais, por mais que façam investimentos crescentes em desenvolvimento através do esporte, ainda não entenderam muito bem como o esporte funciona. A Copa do Mundo, pela magnânima quantia de poder e dinheiro que envolve, acaba levando essa falta de entendimento às máximas consequências.

A Copa do Mundo em si, sem a interferência de agentes externos, logra êxito ao funcionar como uma ferramenta de integração entre povos e, junto com os Jogos Olímpicos, é o maior exemplo de integração entre nações em tempos de paz. Esses Megaeventos esportivos, se isolados como atores do sistema internacional, são as únicas ocasiões em que a humanidade inteira está prestando atenção ao mesmo acontecimento sem a necessidade que alguém esteja passando por alguma situação de sofrimento. Os olhos dos diversos povos frequentemente se encontram para expressar preocupação e luto, mas somente na Copa do Mundo e nas Olimpíadas eles estão em festa.

Por ser uma festa que atrai os olhos do mundo todo, a Copa do Mundo também atrai agentes externos em busca de objetivos específicos. Patrocinadores buscam nessa imagem uma forma de estampar sua marca em todos os televisores do mundo e estão dispostos a investir cifras além dos nove dígitos em dólares para isso. Empresas específicas foram criadas apenas com a finalidade de negociar os lucrativos direitos de televisão do Mundial. Hoje, esses direitos são concedidos pela própria Fifa, e as cabe às emissoras, se as interessar, revender seus direitos nacionalmente (FIFA, 2017).

Hoje, dentre os agentes externos, o mais problemático é também o mais próximo da Copa do Mundo: a Fifa, que inicialmente portava um status de mera organizadora do Mundial, foi gradativamente se adonando dele. Assim, uma entidade sem fins lucrativos se torna uma empresa que lucrou US\$ 5 bilhões durante a Copa do Mundo de 2014. Uma entidade originalmente amadora, criada para ser uma federação internacional de um esporte amador,

deixou para trás uma dívida de US\$ 42 milhões após a Copa de 1998 para ter uma reserva de caixa de US\$ 1,2 bilhão após o Mundial de 2010 (CHADE, 2011).

No processo de deixar de ser uma entidade devedora para se tornar uma gestora milionária, a Fifa agiu de forma agressiva sobre as sedes do Mundial, exigindo gastos desnecessários com a finalidade de prover um evento impressionante, mas construídos sob práticas humilhantes - como a Fifa obrigar os sul-africanos a permitir que a “Copa do povo africano” fosse organizada por europeus, ou as declarações de Valcke de que o Brasil merecia “um chute no traseiro” (CHADE, 2015, p. 257) - e legados questionáveis.

Entretanto, não cabe aos países-sede a presunção de inocência. Tanto a África do Sul quanto o Brasil tinham, ao menos inicialmente, planos para realizar uma façanha ainda nunca vista como consequência de uma Copa do Mundo: gerar desenvolvimento. Tanto Pillay e Bass (2008) quando Chade (2015) reconhecem que esses projetos poderiam ter sucesso se fossem levados a sério. O que aconteceu, na contramão, foi a total falta de transparências com seu povo por parte dos governos, que abandonaram os planos de desenvolvimento para realizar o Mundial a todo custo - um alto custo, traduzido em obras faraônicas com custos de construção astronômicos cujo retorno, em alguns casos, não consegue cobrir os custos de manutenção.

Por mais que África do Sul e Brasil embarcassem no sucesso das edições anteriores, percebe-se que houve diferenças primordiais entre o planejamento para os Mundiais de 2002 e 2006 e para os de 2010 e 2014. Coreia do Sul, Japão e Alemanha têm características bem diferentes de África do Sul e Brasil: são nações que dispõem de um complexo industrial melhor desenvolvido, sendo Japão e Alemanha consideradas nações de economia desenvolvida (WESP, 2014). Por já apresentarem níveis de desenvolvimento acima de África do Sul e Brasil - até a Coreia do Sul, que mesmo que seja considerada uma economia em desenvolvimento pela WESP, tem um PIB per capita três vezes maior que o Brasil e cinco vezes maior que a África do Sul (FMI, 2018) - é natural que as sedes de 2002 e 2006 tivessem objetivos diferente das outras duas.

Esses objetivos foram muito menos ambiciosos. Até mesmo o impacto econômico dessas edições na economia local foi irrelevante, mesmo que considere-se que esses Mundiais obtiveram sucesso em construir legado. Japão, Coreia do Sul e Alemanha obtiveram sucesso não material, conseguindo ganhos em relações diplomáticas (Coreia do Sul e Japão), identidade nacional, turismo (Alemanha) e na forma como o resto do mundo os vê (Coreia do Sul e Alemanha).

O que Brasil e África do Sul almejavam demandaria um planejamento muito mais profissional do que o praticado. Brasil e África do Sul se deixaram humilhar pela Fifa em troca

da sede do evento, e deixaram a entidade corrupta atuar a bel prazer em seu território, passando por cima da Constituição, criando leis próprias e até mesmo interferindo no poder do Estado como executor das leis.

Não há uma fórmula para realizar a Copa do Mundo perfeita, mas a bibliografia indica que um planejamento transparente e em harmonia com a sociedade civil é o primeiro passo. Ter que se contentar em dizer que o legado da Copa é o “orgulho nacional” após prometer uma grande reestruturação urbana das cidades durante a campanha é muito pouco. Por sorte, o 7 a 1 impediu que os políticos tivessem o mesmo descaramento no Brasil.

No Brasil, o descontentamento com as diretrizes do Mundial não foi escondido. Chade (2015, p. 215) comenta sobre um estudo encomendado pelo governo brasileiro sobre o sentimento nacional sobre a Copa. O resultado mostrou que ser o país do futebol não foi o suficiente para que a vontade de sediar a competição fizesse fechar os olhos diante das promessas não cumpridas:

Havia grande expectativa de que os benefícios sociais e de infraestrutura da Copa seriam concretos e permanentes. Esse sentimento está se convertendo em percepção de maquiagem e de que tudo voltará a ser como antes quando a Copa terminar (REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL apud CHADE, 2015, p. 215).

Quando esse estudo foi publicado, ao invés do governo brasileiro entender que a população esperava benefícios sociais junto com as partidas, o termo “ganho social” foi simplesmente riscado da agenda. Subitamente, a melhor forma de evitar as críticas seria mencionar o futebol. Blatter chegou a dizer: “É o país do futebol e não há melhor país para o futebol” (CHADE, 2015, p. 216). Ao não se convencer pelas palavras vazias e ir às ruas protestar contra a Copa, Chade exalta na sociedade brasileira o verdadeiro legado da Copa de 2014: a honestidade e a transparência. As manifestações da sociedade brasileira ressoaram “como ponto de virada na história da Fifa e dos Mundiais, que jamais serão os mesmos” (CHADE, 2015, p. 235), trazendo uma ponta de esperança para que o que aconteceu no Brasil nunca mais ocorra. Tamanha indignação ressoou nos donos dos Megaeventos: a Fifa passou a cogitar um novo formato para a escolha dos Mundiais, enquanto os patrocinadores se posicionaram exigindo que a organização dos próximos Megaeventos fosse mais sustentável. Até mesmo o COI obrigou Tóquio a rever os custos de construção para um dos estádios das Olimpíadas de 2020 (CHADE, 2015, p. 235-236). Em 2017, o Catar anunciou um grande corte de custos para a Copa de 2022 (GLOBOESPORTE.COM, 2017).

Se a ideia da Uefa de realizar seus eventos em sedes diluídas por uma região virar moda, o significado do ato de sediar um Megaevento será substancialmente alterado. A Euro 2020 será realizada sem sede fixa, espalhada por doze cidades pela Europa, cada uma com um único estádio. As sedes serão: três em Reino Unido e Irlanda (Glasgow, Londres e Dublin), seis na Europa ocidental (Bilbao, Roma, Amsterdam, Munique, Budapeste e Copenhague), outras duas no leste europeu (Bucareste e São Petersburgo) e uma no cáucaso (Baku). Todas essas cidades já dispõem de um estádio pronto em condição de receber jogos - Bruxelas, a única cidade que teria um estádio construído do zero, foi cortada do projeto. Em uma Copa do Mundo com sedes pulverizadas como as da Euro, a ideia de um país recebendo o mundo inteiro para ostentar construções faraônicas e mostrar seu *soft-power* e sua atratividade comercial deixará de fazer sentido.

Esse cenário deixa dois caminhos prováveis: no primeiro, mais negativo, a entidade organizadora do Megaevento abandonará o projeto por causa dos custos maiores de logística. Por ser realizado em várias sedes, o custo de deslocamento para as equipes - geralmente custeado pela entidade que organiza o campeonato - é muito maior. Na Euro 2020, por exemplo, está previsto que uma das quartas-de-final ocorra em Baku, no Azerbaijão, no dia 4 de julho, enquanto as semifinais serão disputadas nos dias 7 e 8 de julho em Londres (UEFA, 2018), implicando em um custo maior de viagem e na potencialização do cansaço dos atletas, o que pode pesar negativamente no *feedback* do evento.

Pelo lado positivo, as entidades, por iniciativa própria, deixarão de atuar com tanta pressão sobre os países. A insegurança que fez Julio Grondona justificar a reserva de US\$ 1,2 bilhão da Fifa, acerca da possibilidade de cancelar uma Copa do Mundo (CHADE, 2011) - o que nunca aconteceu - será diluída junto com a quantidade de sedes. A lógica é simples: quando um evento é espalhado por vários países, ele só poderá ser cancelado caso uma quantidade de governos considerável se declarar inapto a receber os jogos. Caso poucas cidades tiverem seus projetos desqualificados, substituí-los não será problema: encontrar outra sede será mais fácil, visto que o trabalho de entregar um estádio, ao invés de oito a doze, é muito menos oneroso para o governo.

No final das contas, a situação dos países-sede de Copas do Mundo no século XXI se mostrou tão problemática que o próprio sistema percebeu que sua sobrevivência depende de mudanças. Desde que o hotel *Baur au Lac* foi invadido pela polícia suíça, a Fifa sentiu na pele a pressão que ela mesmo impunha aos governos dos países-sede e, mais do que eles, foi obrigada a se reinventar. Ainda é cedo para se tirar conclusões sobre as atitudes de Gianni Infantino, o novo presidente da entidade, mas as coisas se encaminham bem: a Fifa busca se

reinventar, e é incentivada pela pressão dos patrocinadores que se assustaram em ver suas marcas vinculadas a uma entidade tão corrupta, alvo de protestos no país-sede de seu próprio Megaevento. Enquanto a Fifa tenta se reinventar, resta aos governos entenderem que a falta de transparência em sediar a Copa do Mundo fez com que o legado da Copa desmoronasse sobre suas próprias bases, e o entendimento de que, com um diálogo de qualidade com a sociedade civil, pode-se finalmente repetir o que aconteceu em Barcelona.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRANTES, Talita. **Os estádios da Copa que mais sugaram dinheiro público.** REVISTA EXAME. 13 set. 2016. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/brasil/os-estadios-da-copa-que-mais-sugaram-o-dinheiro-publico/>>. Acesso em: 24 maio 2018.

ARANTES, Thiago. **Não é lenda, é fato: os dias em que a guerra parou para ver o time de Pelé.** ESPN. 28 nov. 2014. Disponível em: <[http://www.espn.com.br/noticia/250632\\_nao-e-lenda-e-fato-os-dias-em-que-a-guerra-parou-para-ver-o-time-de-pele](http://www.espn.com.br/noticia/250632_nao-e-lenda-e-fato-os-dias-em-que-a-guerra-parou-para-ver-o-time-de-pele)>. Acesso em: 08 maio 2018.

AMORIM, Eduardo. **Para especialista, localização da Arena Pernambuco foi um erro.** TERRA. 29 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.terra.com.br/esportes/futebol/copa-2014/para-especialista-localizacao-da-arena-pernambuco-foi-um-erro,82135a899bc8f310VgnVCM3000009acceb0aRCRD.html>>. Acesso em: 25 maio 2018.

**ARENA do Grêmio é considerada o melhor estádio privado do Brasil.** 14 abr. 2015. Disponível em: <<https://extra.globo.com/esporte/arena-do-gremio-considerada-melhor-estadio-privado-do-brasil-15872138.html>>. Acesso em: 23 maio 2018.

BAADE, Robert A.; MATHESON, Victor A.. The Quest for the Cup: Assessing the Economic Impact of the World Cup. **Regional Studies**, [s.l.], v. 38, n. 4, p.343-354, jun. 2004. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/03434002000213888>.

BAXTER, Kevin. **Chivas USA's long road to demise was paved with bad decisions.** Los Angeles Times. 01 nov. 2014. Disponível em: <<http://www.latimes.com/sports/soccer/la-sp-chivas-usa-20141102-story.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BELSON, Ken. **As appetite for soccer in U.S. grows, so does M.L.S.** THE NEW YORK TIMES. 8 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2017/08/08/sports/soccer/mls-expansion-nashville-cincinnati.html>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BRANDÃO, Marcelo. **TCU contabiliza R\$ 25,5 bilhões de gastos com a Copa do Mundo.** AGÊNCIA BRASIL. 03 dez. 2014. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2014-12/tcu-contabiliza-r-255-bilhoes-de-gastos-com-copa-do-mundo>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

**BRIGA entre russos e ingleses causa grande tumulto dentro do Vélodrome.** GLOBOESPORTE.COM. 11 jun. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/eurocopa/noticia/2016/06/briga-entre-russos-e-ingleses-causa-grande-tumulto-dentro-do-velodrome.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

BROWN, Oliver. **Heysel disaster of 1985 is football's forgotten tragedy and Liverpool and Juventus' minimal reaction prolongs hurt.** THE TELEGRAPH. 28 mai. 2015. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/sport/football/teams/liverpool/11635476/Heysel-disaster-of-1985-is-footballs-forgotten-tragedy-and-Liverpool-and-Juventus-minimal-reaction-prolongs-hurt.html>>. Acesso em: 18 maio 2018.

**BRUCE Arena: anger over immigration hurting US World Cup qualifying campaign.** THE GUARDIAN. 5 set. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/football/2017/sep/05/usa-honduras-world-cup-qualifier-soccer>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

BUDD, Adrian. Sport and capitalism. In: LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. Londres: Routledge, 2004. Cap. 2. p. 31-47.

CALEIRO, João Pedro. **Efeito Copa do Mundo já mexe com a economia brasileira.** REVISTA EXAME. 3 abr. 2018. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/economia/efeito-copa-do-mundo-ja-mexe-com-a-industria-no-brasil/>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

CAPELO, Rodrigo. **a impagável dívida pública da Arena Corinthians.** REVISTA ÉPOCA. 04 set. 2017. Disponível em: <<https://epoca.globo.com/esporte/epoca-esporte-clubes/noticia/2017/09/impagavel-divida-publica-da-arena-corinthians.html>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CARVALHO, José Eduardo de. **Geopolítica**. São Paulo: SESI-SP editora, 2012. 88 p.

CARVALHO, José Eduardo de. **O Jogo**. São Paulo: SESI-SP editora, 2012. 84 p.

**CATAR anuncia redução de até 50% em investimentos na Copa do Mundo de 2022.** GLOBOESPORTE.COM. 07 abr. 2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/catar-anuncia-reducao-de-ate-50-em-investimentos-na-copa-do-mundo-de-2022.ghtml>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CHADE, Jamil. **Caixa da Fifa supera o PIB de 19 países.** O ESTADO DE S. PAULO. 02 de junho 2011. Disponível em: <<https://esportes.estadao.com.br/noticias/geral,caixa-da-fifa-supera-o-pib-de-19-paises-imp-,726974>>. Acesso em: 31 maio 2018.

CHADE, Jamil. **Mais de 3,2 bilhões de pessoas assistiram à Copa do Mundo 2014.** ESTADÃO. 16 dez. 2015. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,mais-de-3-2-bilhoes-de-pessoas-viram-a-copa-em-2014,1812267>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

CHADE, Jamil. **Política, Propina e Futebol: Como o “Padrão Fifa” Ameaça o Esporte Mais Popular do Planeta**. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2015.

**CONMEBOL quer Copa com 48 seleções já em 2022 e presidente da Fifa diz: “Interessante”.** GLOBOESPORTE.COM. 12 abr. 2018. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/futebol-internacional/noticia/conmebol-quer-copa-do-mundo-de-2022-com-48-selecoes.ghtml>>. Acesso em: 21 maio 2018.

CORNELISSEN, Scarlett; BOB, Urmilla; SWART, Kamilla. Towards redefining the concept of legacy in relation to sport mega-events: Insights from the 2010 FIFA World Cup. **Development Southern Africa**, [s.l.], v. 28, n. 3, p.307-318, set. 2011. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/0376835x.2011.595990>.

**COPA do Mundo afetou a produtividade de 85% das empresas durante os jogos.** R7 NOTÍCIAS. 09 jul. 2010. Disponível em: <<http://noticias.r7.com/economia/noticias/copa-do-mundo-afetou-a-produtividade-de-85-das-empresas-20100709.html>>. Acesso em: 13 abr. 2018.

**DA DEFESA ao ataque: os cinco passos até o golão de Carlos Alberto Torres.** Globoesporte.com. 25 out. 2016. Disponível em: <<http://globoesporte.globo.com/futebol/selecao-brasileira/noticia/2016/10/da-defesa-ao-ataque-os-cinco-passos-ate-o-golao-de-carlos-alberto-torres.html>>. Acesso em: 10 maio 2018.

ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. **A busca da excitação.** Lisboa: Difel, 1992.

**ENTRE 155 estádios, apenas 13 deles ganham avaliação máxima em sistema.** SPORTV. 28 jan. 2016. Disponível em: <<http://sportv.globo.com/site/programas/redacao-sportv/noticia/2016/01/entre-155-estadios-apenas-13-deles-ganham-avaliacao-maxima-em-sistema.html>>. Acesso em: 23 maio 2018.

ENTREVISTA COM ANDREW JENNINGS. **Roda Viva.** São Paulo: TV Cultura, 02 de fevereiro de 2015. Programa de TV.

DE ESCUDEIRO, Leonardo. **Infantino é a face da renovação da Fifa que, ao mesmo tempo, mantém o status quo.** TRIVELA. 26 fev. 2016. Por: Leonardo de Escudeiro. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/infantino-e-a-face-da-renovacao-da-fifa-que-ao-mesmo-tempo-mantem-o-status-quo/>>. Acesso em: 30 maio 2018.

**EURO 2020 to open in Rome, more London games, venues paired.** Uefa - Union of European Football Associations. 07 dez. 2017. Disponível em: <<http://www.uefa.com/uefaeuro-2020/news/newsid=2525102.html>>. Acesso em: 31 maio 2018.

**FALSCHER Fans simulieren Stimmung.** FRANKFURTER ALLGEMEINE ZEITUNG. 20 jan. 2015. Disponível em: <<http://www.faz.net/aktuell/sport/handball-wm/handball-wm-in-qatar-falsche-fans-simulieren-stimmung-13380832.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

FERNANDES, Daniela. **Com 'febre argelina', França vive euforia com dobradinha de seleções na Copa.** BBC. 30 jun. 2014. Disponível em: <[http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140628\\_franca\\_argelia\\_wc2014\\_df](http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/06/140628_franca_argelia_wc2014_df)>. Acesso em: 19 abr. 2018.

**FEYENOORD fans caused a riot in Rome... and now Rotterdam police tighten security ahead of Europa League second leg.** DAILY MAIL. 25 fev. 2015. AP REPORTER. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/sport/article-2968497/Feyenoord-fans-caused-riot-Rome-Rotterdam-police-tighten-security-ahead-Europa-League-second-leg.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

FIFA - Fédération Internationale de Football Association. **Football Stadiums: Technical recommendations and requirements - 5th Edition.** Zurique: Fédération Internationale de Football Association, 2011. Disponível em: <[http://resources.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/stadiumbook2010\\_buch.pdf](http://resources.fifa.com/mm/document/tournament/competition/01/37/17/76/stadiumbook2010_buch.pdf)>. Acesso em: 18 maio 2018.

FIFA - Fédération Internationale de Football Association. **Match report - Brazil 0-0 Italy**. Disponível em: <<http://www.fifa.com/worldcup/matches/round=3459/match=3104/index.html#nosticky>>. Acesso em: 19 maio 2018.

FIFA. **2018 FIFA World Cup Russia™ Media Rights Licensees**. Modificado pela última vez em: 17 dez. 2017. Disponível em: <[http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/tv/02/66/64/74/2018fifaworldcupv3\\_150118\\_neutral.pdf](http://resources.fifa.com/mm/document/affederation/tv/02/66/64/74/2018fifaworldcupv3_150118_neutral.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2018.

**FIFA World Cup 2022 stadiums**. STADIUM GUIDE. Disponível em: <<http://www.stadiumguide.com/tournaments/fifa-world-cup-2022-stadiums-qatar/>>. Acesso em: 22 maio 2018.

FMI - Fundo Monetário Internacional. **World Economic Outlook Database, April 2018**. Disponível em: <<http://www.imf.org/external/pubs/ft/weo/2018/01/weodata/weorept.aspx?pr.x=41&pr.y=15&sy=2016&ey=2018&scsm=1&ssd=1&sort=country&ds=.&br=1&c=223,199,134,158,542&s=NGDPD,NGDPDPC&grp=0&a=>>>. Acesso em: 31 maio 2018.

**FRANÇA divulga lista com os 23 jogadores convocados para a Copa do Mundo**. PORTAL DA COPA. 13 mai. 2014. Disponível em: <<http://www.copa2014.gov.br/pt-br/noticia/franca-divulga-lista-com-os-23-jogadores-convocados-para-a-copa-do-mundo>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

**GARETH Bale faces spurs ban during olympics for making club return after withdrawing from Team GB squad**. TELEGRAPH SPORT. 25 jul. 2012. Disponível em: <<https://www.telegraph.co.uk/sport/olympics/football/9426261/Gareth-Bale-faces-Spurs-ban-during-Olympics-for-making-club-return-after-withdrawing-from-Team-GB-squad.html>>. Acesso em: 19 abr. 2018.

GERMANO, Paulo. **Beira-Rio avançará sobre calçada e pedestres passarão por baixo da cobertura**. GAÚCHA/ZERO HORA. 23 out. 2013. Por: Paulo Germano Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/geral/noticia/2013/08/beira-rio-avancara-sobre-calçada-e-pedestres-passarao-por-baixo-da-cobertura-4244813.html>>. Acesso em: 25 maio 2018.

GIBSON, Owen. **What The Sun said 15 years ago**. The Guardian. 07 jul. 2004. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/media/2004/jul/07/pressandpublishing.football1>>. Acesso em: 18 maio 2018.

GRECO, Antero. Baseado na força do regime de Mussolini, a Itália organiza e vence a Copa de 34. **Revistá Já Diário Popular**, p.43-50, 22 mar. 1998. Semanal.

GRIX, Jonathan; HOULIHAN, Barrie. Sports Mega-Events as Part of a Nation's Soft Power Strategy: The Cases of Germany (2006) and the UK (2012). **The British Journal of Politics and International Relations**, [s.l.], v. 16, n. 4, p.572-596, 2 abr. 2013. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1111/1467-856x.12017>.

GUTIÉRREZ M., Gabriela. **Soccer continues to gain ground in the U.S. market.** PORTADA. 24 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.portada-online.com/2017/08/24/soccer-continues-to-gain-ground-in-the-us-market/>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

HANSEN, Charles. **Evolução da dívida na última década.** 20 de maio de 2008. Disponível em: <<http://archive.is/Bu7uC>>. Acessado em: 29 maio 2018.

**HILLSBOROUGH Stadium Disaster Fast Facts.** CNN Library. 30 mar. 2018. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2016/04/25/world/hillsborough-disaster-fast-facts/index.html>>. Acesso em: 18 maio 2018.

HOBSBAWM, Eric. Mass-Producing Traditions: Europe, 1870-1914. In: BOSWELL, David;

EVANS, Jessica. **Representing the Nation: A Reader: Histories, Heritage and Museums.** Londres: Routledge, 1999. Cap. 4. p. 61-86.

HOFMAN, Gustavo. **Entenda a divisão das sedes de 2018.** TRIVELA. 29 set. 2012. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/entenda-a-divisao-das-sedes-de-2018/>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

**HOOLIGANS russos e barra bravas argentinos fazem pacto para a copa.** O ESTADO DE S. PAULO. 15 fev. 2018. Disponível em: <<http://esportes.estadao.com.br/noticias/futebol,hooligans-russos-e-barra-bravas-argentinos-fazem-pacto-para-a-copa,70002190759>>. Acesso em: 22 maio 2018.

HORNBY, Nick. **Febre de Bola.** São Paulo: Companhia das Letras, 2013. 352 p. Tradução de: Christian Schwartz.

HORNE, John D.; MANZENREITER, Wolfram. Accounting for Mega-Events: Forecast and Actual Impacts of the 2002 Football World Cup Finals on the Host Countries Japan/Korea. **International Review For The Sociology Of Sport**, [s.l.], v. 39, n. 2, p.187-203, jun. 2004.

HOULIHAN, Barrie. **Sport and International Politics.** Hemel Hempstead: Harvester Wheatsheaf, 1994.

HOULIHAN, Barrie. Homogenization, Americanization, and Creolization of Sport: Varieties of Globalization. **Sociology Of Sport Journal**, [s.l.], v. 11, n. 4, p.356-375, dez. 1994. Human Kinetics. <http://dx.doi.org/10.1123/ssj.11.4.356>.

HOULIHAN, Barrie. Sport, national identity and public policy. **Nations and Nationalism**, Londres, v. 3, n. 1, p.113-137, 1997.

JENNINGS, Andrew. **Jogo Sujo: o mundo secreto da Fifa:** compra de votos e escândalo de ingressos. São Paulo: Panda Books, 2011. 352 pp. 1ª edição. Tradução por: Renato Marques de Oliveira.

DE JESUS, Diego Santos Vieira. Triunfo, desgraça e outros impostores: um ensaio sobre hierarquia e exclusão no esporte e nas relações internacionais. **Rev. Bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v. 25, n. 3, p.417-430, jul. 2011.

JOHN, Lynelle; MAHLANGU, Landiwe. **Metros in SA: debate on national policy choices**. Mail Guardian. 21 jun. 2011. Disponível em: <<https://mg.co.za/article/2011-06-21-metros-in-sa-debate-on-national-policy-choices>>. Acesso em 24 maio 2018.

JOSEPH, Andrew. **USMNT'S failure to make the World Cup is the biggest embarrassment in U.S. sports history**. USA TODAY SPORTS. 10 out. 2017. Disponível em: <<https://ftw.usatoday.com/2017/10/usmnt-us-soccer-failure-make-2018-world-cup-reaction-trinidad-concacaf-pulisc-arena-usa>>. Acesso em: 20 abr. 2018.

KEOHANE, Robert; NYE, Joseph. **Power and Interdependence**. Nova York: Harpercollins, 1989.

KING, Anthony. The Lads: Masculinity and the New Consumption of Football. **Sociology**, [s.l.], v. 31, n. 2, p.329-346, maio 1997. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0038038597031002008>.

**THE LARGEST cities in Qatar**. MONGABAY. Disponível em: <<http://population.mongabay.com/population/qatar>>. Acesso em: 22 maio 2018.

LEE, Simon. Moving the goalposts: The governance and political economy of world football. In: LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship** Londres: Routledge, 2004. Cap. 7. p. 112-129.

LEVERMORE, Roger. Sport's role in constructing the inter-state worldview. In: LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. Londres: Routledge, 2004. Cap. 1. p. 16-30.

LEVERMORE, Roger; BUDD, Adrian. **Sport and International Relations: An Emerging Relationship**. Londres: Routledge, 2004.

LIMA, Silvio. **Time feminino vira fenômeno de público e "desbanca" a Série A; entenda**. GLOBOESPORTE.COM. 01 jul. 2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/am/futebol/noticia/time-feminino-vira-fenomeno-de-publico-e-desbanca-a-serie-a-entenda.ghml>>. Acesso em: 23 maio 2018.

LISI, Clemente Angelo. **A History of the World Cup: 1930-2006**. Lanham, Maryland: The Scarecrow Press, Inc., 2007.

LOPES, José Sérgio Leite. **A vitória do futebol que incorporou a pelada: a invenção do jornalismo esportivo e a entrada dos negros no futebol brasileiro**. **Revista USP**, n. 22, p. 64-83, 1994.

MARTÍNEZ, Daniel. **Alemanha x Gana tem confronto entre irmãos Boateng**. 21 jun. 2014. Disponível em: <<http://www.dw.com/pt-br/alemanha-x-gana-tem-confronto-entre-irmãos-boateng/a-17725744>>. Acesso em: 30 maio 2018.

MASCARENHAS, Gilmar. Prefácio. In: SANTOS JÚNIOR, Orlando Alves dos; GAFFNEY, Christopher; RIBEIRO, Luiz Cesar de Queiroz (Orgs.). **Brasil: os impactos da Copa do Mundo 2014 e das Olimpíadas 2016**. 1. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2015.

MENDONÇA, Renata. **Três anos após início da Copa, ‘elefantes brancos’ servem até de escola para reduzir prejuízo**. BBC BRASIL. 12 jun. 2017. Disponível em: <<http://www.bbc.com/portuguese/brasil-40226673>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

MINISTÉRIO DO ESPORTE. **Balanco Final para as Ações da Copa do Mundo da Fifa Brasil 2014 (6º Balanco)**. Dez. 2014. Disponível em: <[http://www.esporte.gov.br/arquivos/assessoriaEspecialFutebol/copa2014/6\\_Balanco\\_Copa\\_dez\\_2014.pdf](http://www.esporte.gov.br/arquivos/assessoriaEspecialFutebol/copa2014/6_Balanco_Copa_dez_2014.pdf)>. Acesso em: 14 maio 2018.

NDLOVU, Sifiso Mxolisi. Sports as cultural diplomacy: the 2010 FIFA World Cup in South Africa's foreign policy. **Soccer & Society**, [s.l.], v. 11, n. 1-2, p.144-153, 16 dez. 2009. Informa UK Limited. <http://dx.doi.org/10.1080/14660970903331466>.

PEREIRA, Marco Aurélio. Com uma comissão técnica competente e uma geração de ouro, o Brasil vence com folga o Mundial na Suécia, que revelou ao mundo o Rei do Futebol. **Revista Já Diário Popular**, p.43-50, 19 abr. 1998. Semanal.

PILLAY, Udes; BASS, Orli. Mega-events as a Response to Poverty Reduction: The 2010 FIFA World Cup and its Urban Development Implications. **Urban Forum**, [s.l.], v. 19, n. 3, p.329-346, 4 jun. 2008. Springer Nature. <http://dx.doi.org/10.1007/s12132-008-9034-9>.

**PLATINI teme calor de 50 graus no Qatar e pede para que Copa de 2022 seja em dezembro**. UOL FUTEBOL, São Paulo. 27 jan. 2012. Disponível em: <<https://esporte.uol.com.br/futebol/ultimas-noticias/2012/01/27/platini-teme-calor-de-50-graus-no-catar-e-pede-para-que-copa-de-2022-seja-em-dezembro.htm>>. Acesso em: 22 maio 2018.

REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. **Lei Nº 12.663, de 5 de Junho de 2012**. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12663.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12663.htm)>. Acessado em: 30 maio 2018.

**REVISTA JÁ. DIÁRIO POPULAR**. História das Copas. 1998.

RODRIGUES, Nelson. **À sombra das chuteiras imortais**: Crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROXBOROUGH, Scott; RICHFORD, Rhonda. **Fifa movie director breaks silence on bomb: "It's a disaster; my name is all over [this mess]"**. HOLLYWOOD REPORTER. 17 jul. 2015. Disponível em: <<https://www.hollywoodreporter.com/news/fifa-movie-director-breaks-silence-802760>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

**RÚSSIA aumenta gastos em R\$ 1,95 bilhão e orçamento da Copa atinge R\$ 38,25 bilhões**. GLOBOESPORTE.COM. 24 out. 2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/futebol/copa-do-mundo/noticia/russia-aumenta-gastos-em-r-195-bilhao-e-custo-da-copa-atinge-r-3825-bilhoes.ghtml>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

RUSSIAN FOOTBALL PREMIER LEAGUE. **Clubs**. Disponível em: <<http://eng.rfpl.org/clubs/>>. Acesso em: 09 abr. 2018

SOUSA, Eduardo de; SILVA, Leandro. **Corinthians tem maior média de pagantes em 2017; São Paulo, o recorde de público**. GLOBOESPORTE.COM. 15 dez. 2017. Disponível em: <<https://globoesporte.globo.com/numerologos/noticia/corinthians-tem-maior-media-de-pagantes-em-2017-sao-paulo-o-recorde-de-publico.ghtml>>. Acesso em: 09 abr. 2018.

STEIN, Leandro. **A Copa de 2010 adornou os safáris da África do Sul com um belo elefante branco**. TRIVELA. 6 mai. 2014. Disponível em: <<http://trivela.uol.com.br/copa-de-2010-adornou-regiao-dos-safaris-na-africa-sul-com-um-belo-elefante-branco/>>. Acesso em: 19 maio 2018.

**SUSPEITO de chefiar esquema de venda ilegal de ingressos é preso no Rio**. GAÚCHA/ZERO HORA 07 jul. 2014. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/esportes/copa-2014/noticia/2014/07/Suspeito-de-chefiar-esquema-de-venda-ilegal-de-ingressos-e-preso-no-Rio-4545484.html>>. Acesso em: 30 maio 2018.

SUPPO, Hugo. Reflexões sobre o Lugar do Esporte nas Relações Internacionais. **Contexto Internacional**, Rio de Janeiro, v. 34, n. 2, p.397-433, jul-dez. 2012.

TAYLOR, the Rt. Hon, Lord Justice. **The Hillsborough Stadium Disaster**: interim report. Agosto 1989. Londres: HMSO.

TAYLOR, the Rt. Hon, Lord Justice. **The Hillsborough Stadium Disaster**: final report. Janeiro 1990. Londres: HMSO.

THOMAS, Alex; MASTERS, James. **Six Face Charges Over Hillsborough Football Stadium Disaster**. CNN. 17 ago. 2017. Disponível em: <<https://edition.cnn.com/2017/06/28/europe/hillsborough-stadium-disaster-manslaughter-charges/index.html>>. Acesso em: 18 maio 2018.

TORINO FC. **4 maggio 1949: la tragedia di Superga**. Disponível em: <<http://torinofc.it/storia/4-maggio-1949-la-tragedia-di-superga>>. Acesso em: 30 maio 2018.

**UEFA EURO 2020 match schedule confirmed**. Uefa - Union of European Football Associations. 24 maio 2018. Disponível em: <<http://www.uefa.com/uefaeuro-2020/news/newsid=2560574.html>>. Acesso em: 31 maio 2018.

VASCONCELLOS, Pedro Jorge Lo Duca. Chegadas e partidas: o estádio como elemento memorial para os torcedores de San Lorenzo e West Ham. Apresentado em: **18º Congresso Brasileiro de Sociologia**, Brasília, jul. 2017.

WESP - World Economic Situation and Prospects. **Country classification**. 2014. Disponível em: <[http://www.un.org/en/development/desa/policy/wesp/wesp\\_current/2014wesp\\_country\\_classification.pdf](http://www.un.org/en/development/desa/policy/wesp/wesp_current/2014wesp_country_classification.pdf)>. Acesso em: 31 maio 2018.

**WHAT you could buy for Neymar's PSG transfer fee.** Al-Jazeera. 5 ago. 2017. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2017/08/buy-neymar-psg-transfer-fee-170805035306837.html>>. Acesso em: 22 maio 2018.

WISNIK, José Miguel. **Veneno Remédio:** O futebol e o Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2008. 2ª reimpressão.